

Semana

REVISTA DA

Nº 12 — 22 março 58 — Cr\$ 10,00



Coquetéis básicos

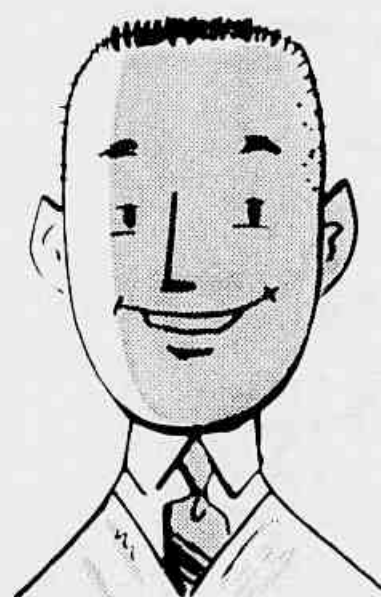


Especialidade da casa:
Maria Helena Gioia

Extra
Luizão
não lutou
pra
cabeça"

Humor
Cuidados
com
o morto

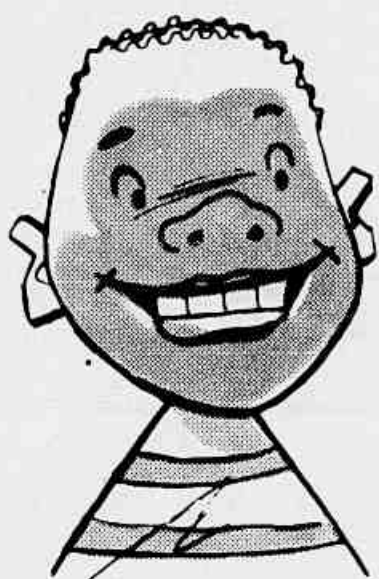
Angela
Maria
fora uma
da
publicidade



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências



para se entreter, informar ou instruir

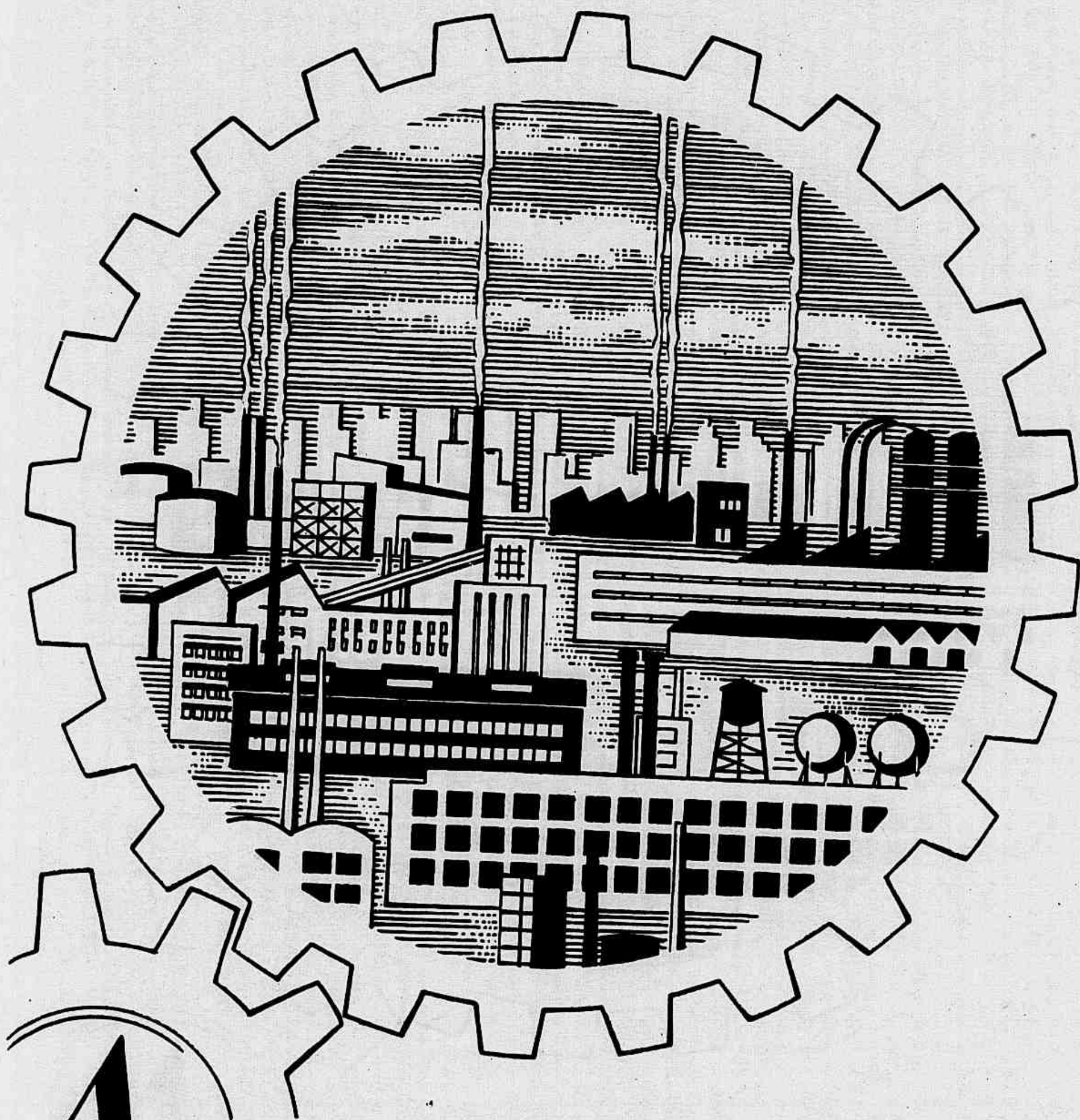
TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**



Aprimorando constantemente os seus padrões de qualidade e incrementando as suas linhas de produção, através de modernos métodos tecnológicos, a indústria brasileira, não obstante as dificuldades que tem enfrentado, atingiu um extraordinário desen-

volvimento, constituindo-se em grande criadora de riquezas para o Brasil.

Desde 1901, com a inauguração da usina pioneira Parnaíba, as Companhias Associadas Light vêm contribuindo para o engrandecimento do parque industrial brasileiro.



A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

REVISTA DA **Semana**

Ano 57, N.º 12, Rio, 22-3-1958

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURU**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito, Antônio Melo. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrozio, Rafael, Raf, Babinski. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES**: Internacional — Ste-
fan Baciú. **Política** — Murilo Melo Filho. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Paraíba. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio &**
TV — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Inês Duque Estrada. **Ciência** — Frie-
drich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luis de Azevedo. **Médico** — Sílvio Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady.
Teatro — J. Fomm. **Sociedade** — Lady Maxwell. **Economia Doméstica** — Bernardino de Araújo. — **REVISTA DA SEMANA** —
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Enderêço Telegráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-4447. Redação —
22-9570. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura (anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. As-
sinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00. — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

Assistente de Direção — **FREDERICO CARVALHO**
Assistente de Publicidade — **J.M. COSTA JÚNIOR**

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

Diretor-Comercial — **JOFFRE AMADO**

Diretor-Secretário — **ALUIZIO ALVES**

LEIA:

HUMOR 3 — Mr. Abernathy

24 — Cuidados com o morto — Reynaldo Jardim

45 — Jaguar fala do seu ofício

POLÍTICA 8 — Mazili na Presidência da Câmara

DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO 12 — Cilene

MÚSICA 16 — Sy saiu da toca em Paris

NOVELA 20 — O Urso — William Faulkner

TURFE 22 — 22 anos de tombos espetaculares

MEMÓRIAS 26 — Rafael Corrêa de Oliveira

BOXE 38 — Luizão não lutou «pra cabeça»

TEATRO 43 — O avarento não era tanto assim

MISTÉRIO 47 — O monstro marinho de Ramos apareceu boiando

CONTO 48 — O Vampiro das Rosas — Nataniel Dantas

A CAPA 51 — Maria Helena queria ser peixe

GENTE 54 — O Duque de Mântua é mecânico de automóveis em Olaria

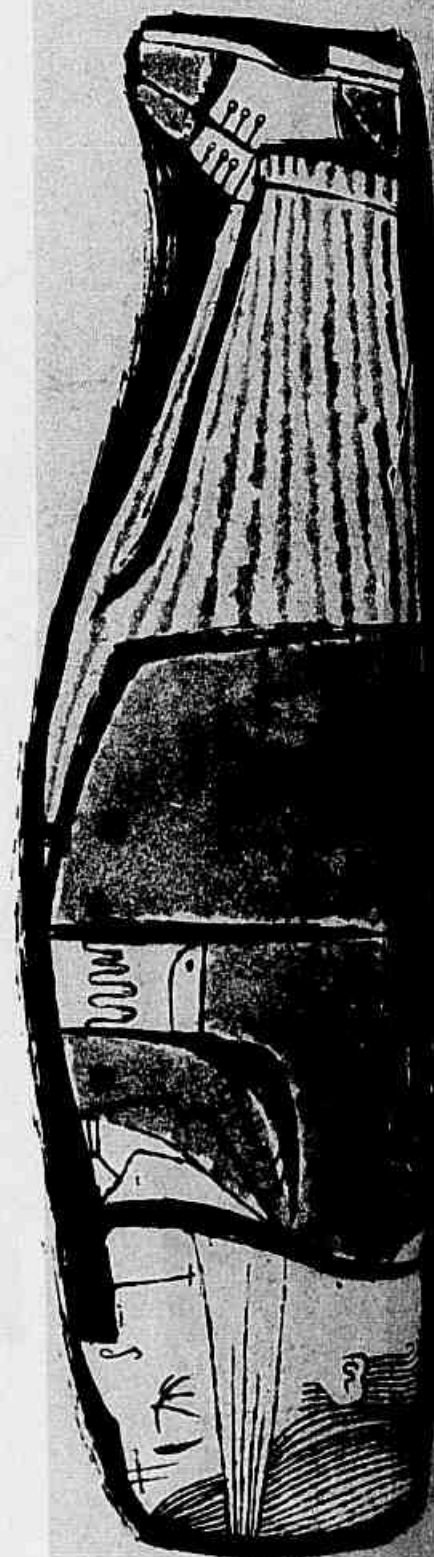
56 — Vestiu uma camisa amarela e disse «Good bye, boy».

GASTRONOMIA 64 — Os seis coquetéis básicos

SOCIAIS 65 — Lady Maxwell

OPINIÃO 66 — Aluízio Alves

CONTATO



UMA citação no Contato vale — aqui entre nós, na Redação — como uma medalha de bons serviços. Ser citado duas semanas seguidas é o mesmo que ganhar medalha "por excepcional bravura no cumprimento do dever".

O herói, no caso, é o Hélio Polito, que foi fotografar a luta de Luizão em Montevideu, o Festival de Cinema em Punta del Este, o presidente Frondizi em sua casa de Buenos Aires e ainda encontrou tempo para trazer material para o D.E. (Departamento Especializado).

ALTURA: 1,62 metros.

Pêso: 57 quilos.

Busto: 85 cms.

Cintura: 58 cms.

Quadris: 91 cms.

Coxas: 57 cms.

Tornozelos: 21 cms.

Nome: cunhatã Cilene.

Título: Miss Verão do Amazonas.

Página: 12.

ACARTA:

"Sr. Redator.

Li a revista por acaso, no barbeiro. Fiquei admirado. Ainda não está boa mas está querendo ser inteligente — o que já é pedir muito aqui nesta terra, onde as revistas inteligentes são intragáveis.

Mando-lhe junto dois contos que vieram parar nas minhas mãos de maneira interessante. Acho até que a história devia sair no Contato.

Tomei um bonde — há mais ou menos um ano — na Praça Tiradentes. No bonde, um banco. No banco, um envelope pardo. No envelope, dois contos que li, gostei, guardei e agora mando para vocês.

Um abraço a todos e um especial ao Jaguar.

Do novo leitor

Homero Pires".

LEIA na página 48 "O Vampiro das Rosas", de Nathaniel Dantas. O outro conto, "O Trôco", de Wander Pirolli, sairá no próximo número, com ilustração de Jaguar (que retribui o abraço).

COM êsses dois abrimos o nosso I Concurso Original do Conto, que não tem regras restritivas a não ser uma: Conto ruim não serve.

Quanto ao tamanho, qualquer está bom. Quanto a estar datilografado, isso não tem importância. Muito menos se está datilografado em espaço dois, três ou quatro. O papel ofício nós achamos que fica melhor nos ofícios. E o papel de embrulho é tão bom quanto qualquer outro para se escrever um conto. Não nos interessamos por pseudônimos mas, os originais — como nos outros concursos — não serão devolvidos, a não ser que o escritor tenha paciência para procurar na cesta de papéis.

N.B. — Aceitamos plágios, desde que sejam bem feitos.

MR. Abernathy, Presidente de Honra do Departamento Especializado, aconselha:

"Cuidados com o Morto". P. 24.

"Jaguar fala do seu ofício". P. 45.

E aconselha, muito especialmente, a segunda página do "Diário de um gastrônomo": "Os seis coquetéis básicos".



P. 12

PRIMEIRO
CONCURSO
ORIGINAL
DO CONTO

ao lado



P. 16

APRENDA

A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal 649 — São Paulo. Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiado volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintina P. nheiro Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de BEL-HORMON
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

Levou
XAMBU

DE BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
ENTO GARANTIDO



LEIAM

EU SEI TUDO

CONTOS — ROMANCES —
CIÊNCIAS — HISTÓRIA —
CURIOSIDADES — CINEMA
— LITERATURA E MUITOS
OUTROS ASSUNTOS —

Preço — Cr\$ 10,00

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN

INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXA INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 1.202

CARTAS

IMPRESSÃO

“Bom trabalho dos fotógrafos da R.S. no desfile das Escolas de Samba, trazendo para o leitor todo o verdadeiro ambiente do asfalto carioca em dia de Carnaval”.

Judith Lima, D.F.

FEIO

“... e nunca vi animal mais feio do que o rinoceronte “Ca-careco”...”

Estanislau Ponte Lima, D.F.

SUCCESSO

“... o beijo Linda Christian vs Baby Pignatary...”

Ruth Soares, D.F.

ESCANDALO

“... o beijo Linda Christian vs Baby Pignatari...”

Maria Auxiliadora de Jesus, Belo Horizonte

“FURO”

“... e a R.S. deu um grande “furo” com o beijo Linda Christian vs Baby Pignatari...”

Soares de Moura, D.F.

ESTRANHO

“Esse romance Pignatari vs Christian muito me estranha. Viajam juntos e brigam logo no Carnaval”.

Heloísa de Sousa, D.F.

BOCCACIO

“Muito forte o conto de Boccacio”.

Marina Soares, D.F.

MODERNISMO

“Jaguar, Ambrósio, Marius, Babinski são excelentes ilustradores entre outros que compõem a equipe da R.S. Parceladamente, como fizeram com Ambrósio, vocês poderiam falar sobre cada um deles”.

César Mendonça, D.F.

MODA

“Primeira vez que li alguma coisa sobre o sucessor de Dior, Saint-Laurent”.

Gilda Viçosa, Natal

ROCK

“Não sou das que preferem Rock Hudson. Meu tipo é de homem inteligente”.

Marina Vasques, D.F.

POR FORA

“Não entendi o título da reportagem “Na Serra o Calor

Estêve por Dentro” publicada no número 9”.

Jorge Silva, D.F.

BARATA

“Essa moça Nilza Barata Ribeiro (capa do número 6) devia entrar para o cinema. É muito bonita”.

Vitor Menezes, Porto Alegre

CURIOSIDADE

“Quem é a moça da capa do número 9?”

Silvio Abreu, D.F.

§ Não sei.

Editor

HUMORISTAS

“Gosto de todos os humoristas da revista”.

Maria Figueiredo, B. Horizonte

DISCOS

“Muito séria e informativa a reportagem sobre os discos voadores. Quem é o repórter?”

§ Nosso Editor Astronáutico, cônego O'Grady.

Editor

DÚVIDA

“Tenho minhas dúvidas sobre a existência de discos voadores. Só vendo um é que acreditarei”.

Tereza Rodrigues, D.F.

SIMPATIA

“O novo correspondente do “Time” no Brasil é muito simpático. Gostei do que ele disse sobre o general Lott”.

Ademar Ferrelira, D.F.



VINHO

“... e foi muito inteligente a idéia do Jaguar para ilustrar o texto de Omar Ibn Ibrahim El Khayyam em “Vinho, Mulher & Copo”.

Jorge Assunção, Vitória



SOFIA

"Não descobri a Sofia Loren que perdeu para Angelita no baile do Iate, segundo a reportagem que a revista publicou em seu número 9".

Manoel Farias, D.F.

§ Sofia está na primeira foto (à esquerda) da reportagem.

Editor

ESPIAO

"A revista poderia publicar mais reportagens sobre espião. O assunto é apaixonante".

Josué Menezes, D.F.

MEMÓRIAS

"Nenhuma revelação sensacional nas 'Memórias' do sr. Rafael Corrêa de Oliveira".

Henrique Guimarães, Recife

VALOR

"O deputado Rafael Corrêa de Oliveira é homem de muito valor e de muita honestidade. Fui um dos seus eleitores e felicito a revista por estar publicando as suas memórias".

Aloisio Martins, D.F.

GOGÓ

"Tristeza de todos os alagoanos: morte do Gogó da Ema. Espero que a reportagem da revista (número 9) se transforme em realidade".

Almira Santos, Maceió

INTERNACIONAL

"Muito boa a reportagem 'Franceses matam crianças em legítima defesa'. Fiquei revoltado com os franceses.

Júlio Santos, São Paulo

PORTELA

"Infelizmente, no Brasil, a gente humilde vive abandonada. Vejam o exemplo da viúva do Paulo da Portela (R.S. n. 9).

Maria de Oliveira, D.F.

PALPITE

"... e a revista acertou (n. 8) no resultado das Escolas de Samba, apontando Portela como a vencedora".

Abdias Dias, D.F.

POLÍTICA

"A R.S. começou muito udenista, depois ficou mais ou menos imparcial e agora voltou à UDN novamente".

Mário Moraes, São Paulo

ST. LAURENT

"... e o sucessor de Dior ainda brinca de boneca. Mas foi com a boneca que ele conseguiu fama".

Marina Soares, D.F.

GOSTOU

"Gostei muito da ilustração que saiu na página de 'Livros' da R.S. n. 6. De quem é?"

§ É de Jaguar.

Editor

AFONSO

"Preferiria que o escritor Guimarães Rosa ganhasse a vaga de José Lins do Rêgo. Seu lastro intelectual é maior. Mas, em compensação, gostei da reportagem sobre Afonso Arinos (R.S. n. 9)."

Milton Fernandes, D.F.

CAPAS

"Por que a R.S. não continua publicando capas como as dos primeiros números da nova fase, quando não se dava só mulheres?"

Airton Moraes, D.F.

ZANGADA

"Gostaria de saber em que se baseou a R.S. para dizer no número 9 que Rock Hudson não concorda com o lema de que 'bom mesmo é mulher'. Fiquei sentida com a frase porque considero a R.S. das melhores entre as melhores revistas do Brasil. Sempre comprei a R.S. e sou uma de suas maiores fãs".

Norma B. da Silveira, D.F.

§ Segundo os cronistas melhor informados de Hollywood, essa é realmente a opinião de Rock.

Editor

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos



Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. "PRINCIPEHOTEL"

"Mil" lhe oferece:

PARACHUVAS *Super Luxo*
colocação imediata

Só na **Mil**

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1044 - 22-6124 RIO DE JANEIRO

REVISTA DA SEMANA

A VENDA EM TODOS
OS JORNALEIROS CR\$ 10.00

VALEMIN

— ADULTO —

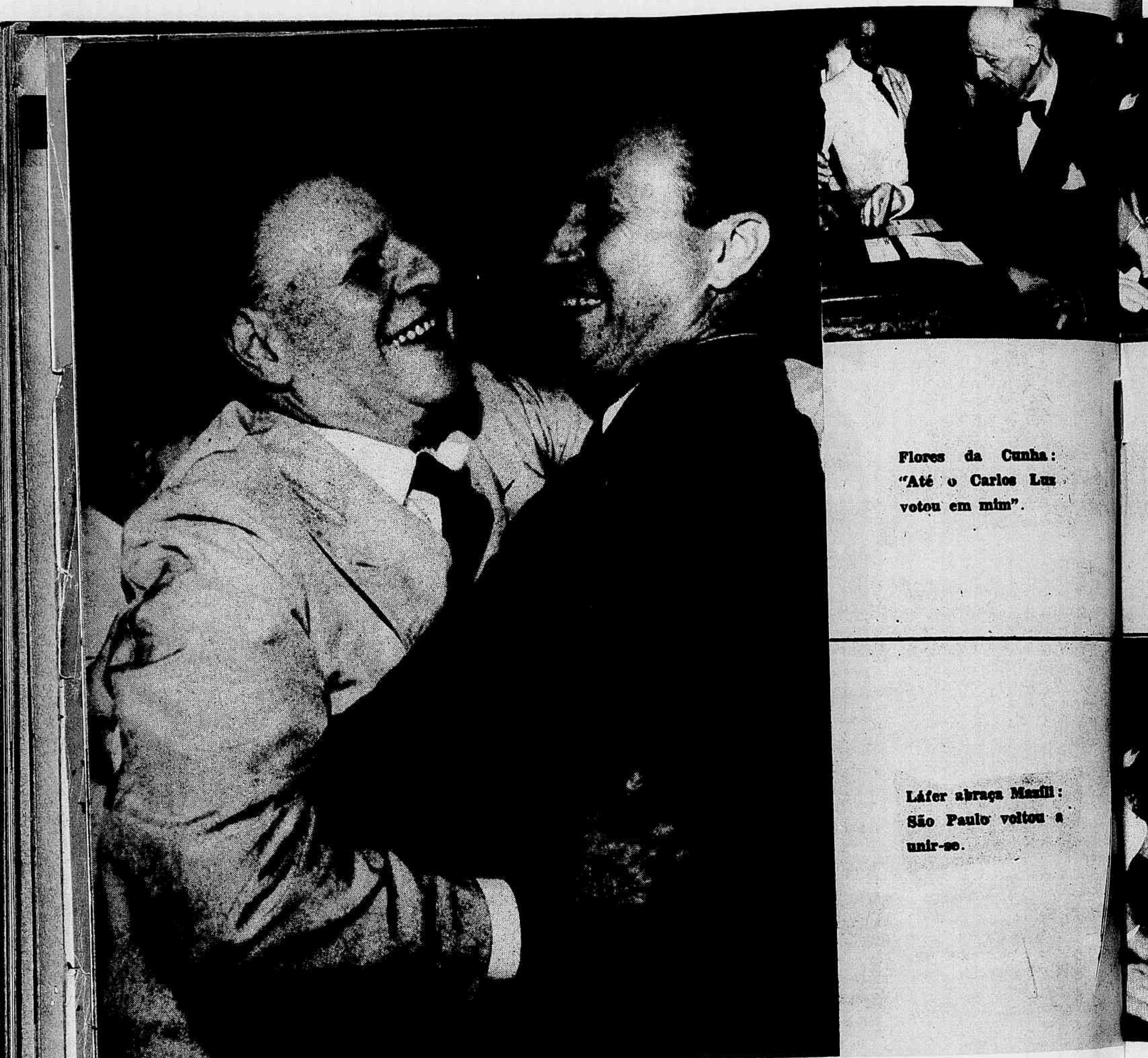
Um fortificante
de



— INFANTIL —

comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.
CAIXA POSTAL 1.202



Flores da Cunha:
"Até o Carlos Luz
votou em mim".

Láfer abraça Maxili:
São Paulo voltou a
unir-se.

AZEITONA DA MAIORIA NA EMPADA DA OPOSIÇÃO

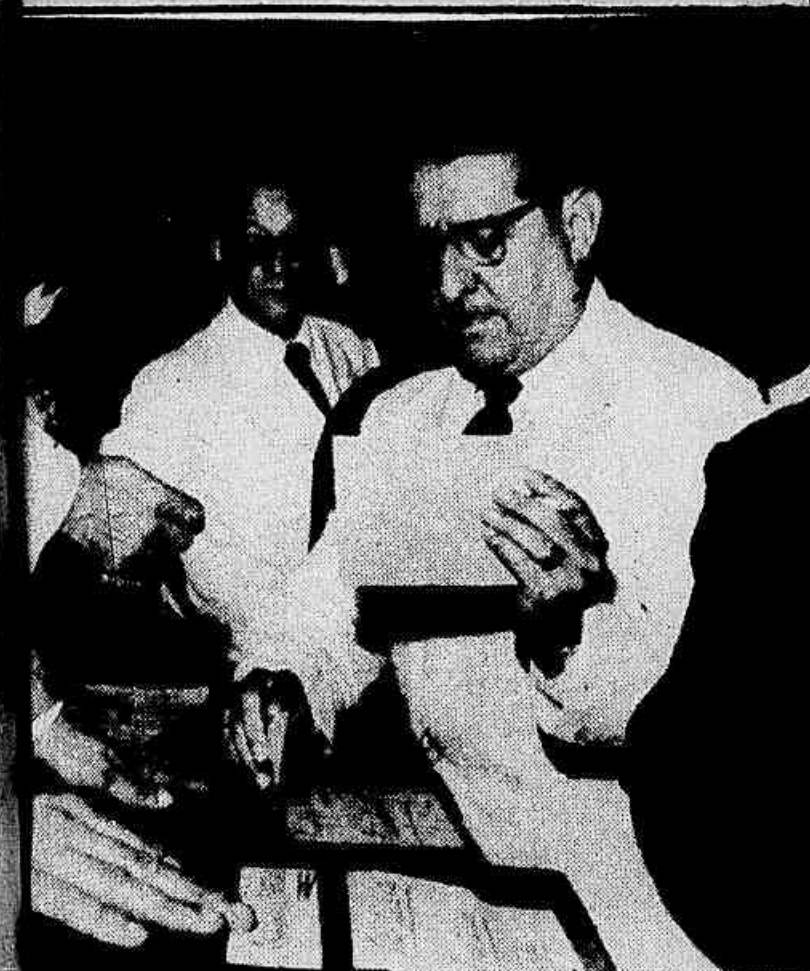


Gustavo Capanema:
dois votos que vale-
ram muito.

Carlos Luz: um voto
por uma lágrima de
Flores.



Milton Campos: Bri-
to, Brito, realismo à
parte.



Afonso Arinos: um
imortal a serviço do
realismo.



PORQUE O GENERAL Odílio Denis lhe disse que "não seria conveniente" deixar o sr. Ranieri Mazili um mês no Catete, o sr. Juscelino Kubitschek está estudando a possibilidade de cancelamento ou adiamento do que chama "sua experiência antípoda", marcada para junho.

JK estava decidido a "dar a volta ao mundo em 30 dias", aproveitando a oportunidade de inaugurar o pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Bruxelas e um convite do governo japonês: iria à Europa, depois chegaria até o Japão e voltaria pelo lado de lá — mas agora o plano está praticamente pôsto de lado, como primeira consequência da vitória do candidato oposicionista à presidência da Câmara.

Segundo influentes porta-vozes do "Dispositivo de Novembro", este é o perigo: como o sr. Ranieri Mazili "está fora do esquema do governo", sua presença no Catete poderia estimular os "semeadores de cizania" a provocarem artificialmente uma crise político-militar, no meio da qual o eventual

presidente poderia querer passar de pato a ganso e até pretender a demissão de ministros (no caso o general Teixeira Lott), o que talvez tivesse que dar em retôrno.

DESDE 1930

Analisando as consequências da derrota do governo, os observadores políticos assinalam:

1 — Desde 1930 esta foi a primeira vez que São Paulo se uniu; somente mais de três anos após a morte do sr. Getúlio Vargas os políticos paulistas conseguiram superar a profunda divisão em suas fileiras, tão pacientemente estimulada pelo falecido.

2 — Evidentemente o sr. Ranieri Mazili não teve nem teria forças para alcançar esse resultado, ele que é um político de pálida expressão. O novo presidente da Câmara é produto

Agola, Zotaká no vai plo Zapon, no?



Oliveira Brito: "Mamãe, eu levei bomba".

de uma conjugação de fatores, de um estado de espírito que se veio formando nos últimos dois anos, consequência do isolamento a que São Paulo foi relegado no plano federal e da política antipaulista de JK. A consolidação desta posição de São Paulo poderá trazer graves consequências ao governo federal.

3 — A maioria demonstrou espetacularmente o processo (incontrolável) de sua desagregação, consequência da luta interna em suas fileiras, onde brigam a "ala moça" e a "ala velha" do PSD, todo o PSD contra o PTB, o PSD e o PTB contra o PSP, etc. Diante de tudo isso, considera-se que, no Parlamento, o governo pisa sobre areia movediça.

4 — O governo sofreu um sério abalo nas forças armadas. Os setores militares que o sustentam (o chamado "Dispositivo de Novembro") acham que JK e sua equipe civil demonstraram incapacidade para dirigir o Congresso. A cobertura parlamentar com que poderia contar, numa emergência, é atualmente muito precária e tudo indica que será cada vez mais. Isso, para o "Dispositivo de Novembro", tem um aspecto muito particular: sua própria cobertura política.

5 — A UDN obteve uma grande vitória política, submetendo a um teste importantíssimo — e plenamente vitorioso — sua linha realista.

FLAGRANTES

◆ Foi no voto n. 70 que começou a mudar o destino do sr. Oliveira Brito. Até aí ele estava ganhando.

◆ A partir do voto n. 85 houve 5 empates entre os srs. Brito e Mazili. O candidato oficial só perdeu definitivamente as esperanças no voto n. 144.

◆ Disse o sr. Vieira de Melo: "Este foi o resultado mais surpreendente de toda a minha vida política e parlamentar".

◆ O sr. Carlos Luz votou no sr. Flores da Cunha e, quando comunicou seu voto ao candidato, este (óbviamente) chorou.

◆ O sr. Vieira de Melo entregou ao sr. Juscelino Kubitschek a liderança da maioria.

◆ Toda a bancada paulista votou no sr. Ranieri Mazili, exceto os srs. Menotti Del Pichia e Cori Fernandes, que estavam ausentes, e a senhorita Ivette Vargas, que votou no sr. Oliveira Brito.

◆ Os peelistas baianos votam no sr. Oliveira Brito, que foi Secretário da Segurança Pública do sr. Otávio Mangabeira.

◆ Com a "vitória paulista" na eleição, melhorou o gabarito da UDN ante a opinião pública de São Paulo.

◆ Os demo-cristãos (monsenhor Arruda e o sr. Palermo) estavam certos desde a véspera de que o sr. Ranieri Mazili ganharia — e votaram nêle.

◆ Quando o sr. Gustavo Capanema teve dois votos as bancadas da oposição bateram palmas (ele vai ser o novo líder do governo).

◆ O PSP reforçou sua aliança com a UDN, desligando-se praticamente da maioria, em função das eleições. Conhecido o resultado, o sr. Ademar de Barros mandou seu líder, sr. Rubens Ferreira Martins, congratular-se com o sr. Juaracy Magalhães, e depois deu uma entrevista dizendo que mandara seus correligionários votarem no sr. Mazili.

◆ Os líderes do governo ficaram preocupados porque a vitória do sr. Mazili "criou o problema da sucessão: lembravam-se do sr. Carlos Luz.

◆ Os votos em branco foram dos deputados ligados ao sr. Bias Fortes (mineiros).

OPINIÕES

AFONSO ARINOS: "A Câmara derrotou o Executivo, através daquela mesma Oposição que a Maioria deseja alijar da mesa".

RANIERI MAZILI: "São Paulo (o Apóstolo e não o Estado) dizia para prevenir, na sua epístola aos coríntios, que todo o poder vem de Deus".

HORACIO LAFER: "Não houve vencedores nem vencidos. Vamos tratar agora de pacificar a Câmara e o PSD".

EURICO SALES: "A composição da mesa da Câmara é um episódio político, que se encerra em si mesmo".

FERNANDO FERRARI: "Desde que tomei conhecimento da situação receava o resultado que finalmente se verificou".

JOSÉ BONIFÁCIO: "Urna é como barriga de mulher. Nunca se sabe o que vai sair dela".

A MESA

É a seguinte a nova mesa da Câmara: Presidente — Ranieri Mazili, do PSD; 1.º vice-presidente — Flores da Cunha, do PTB; 2.º vice-presidente — Godói Ilha, do PSD; 1.º secretário — José Bonifácio, da UDN; 2.º secretário — Broca Filho, do PSP; 3.º secretário — Armando Rolemberg, do PR; 4.º secretário — Pedro Braga, da UDN.

A ESTATUA DO general Osório, cuja tentativa de encaixotamento deixou mal os organizadores do segundo desembarque de D. João VI, já deu origem a uma controvérsia de outro gênero. Quando ela foi inaugurada discutiu-se se estava certa ou errada, porque o general aparece sem as botas regulamentares.

Depois de muita discussão os eruditos chegaram à conclusão de que a estátua estava certa, embora sem botas: é que Osório estava doente na campanha, com as pernas inchadas, não lhe permitindo o uso de botas.

Pouca gente sabe que os restos mortais do general estão depositados ali, com as suas medalhas.

Por falar em estátuas de militares lembrei-me da inauguração da estátua de Tamandaré. Em meio à solenidade, o seu bisneto (uma figura popular na cidade, o Tamandaré), ao tentar aproximar-se de Getúlio foi maltratado por policiais que faziam a guarda do ditador.

Na inauguração do monumento da Retirada da Laguna um dos presentes comentava com o historiador Mecnas Dourado sobre a grandiosidade da obra onde se viam os principais personagens da época, desde o general Camisão até o guia Lopes. Dourado, diante do outro (que ficou muito admirado) declarou:

— Falta a figura principal.

— Quem?

Com a segurança de um professor de História que conhece o assunto a fundo Dourado respondeu de pronto:

— Aquê sem o qual não teria existido a famosa retirada — Taunay.

A irreverência que a Prefeitura tentou praticar na estátua de Osório lembrou-me uma outra, muito espirituosa, feita pelo povo. Depois da inauguração do busto de Frontin na Cinelândia era muito comum aparecer um guarda-chuva pendurado em seu pedestal. É que o carioca não podia lembrar Frontin sem o apêndice que o engenheiro trazia sempre, debaixo do braço.



CÂMERA LENTA

Pior fizeram no dia seguinte ao da inauguração. O busto de Frontin ficou no lugar do "Manequinho", aquê chafariz que hoje está no Mourisco e que representa um menino nu, fazendo pipi. O "Manequinho", cópia do famoso Manekenn-Piss de Bruxelas, causou muito escândalo no Rio quando foi inaugurado. E tantos foram os protestos "das famílias" e "das pessoas que ainda têm coragem para defender a moral pública" que retiraram o chafariz.

No lugar, Frontin.

Os estudantes, por vingança, aproveitaram o pedestal do busto e, completando a figura de Frontin, reproduziram a atitude do "Manequinho", a giz colorido.

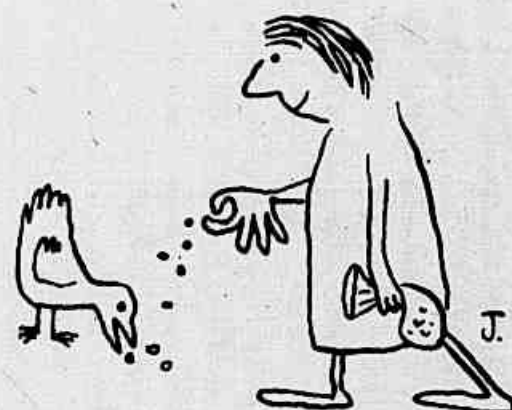
O "Manequinho" andou muitos anos num depósito, até que foi reinaugurado, escondido por uma sebe de pinheiros, onde está hoje. Com a reforma dos jardins do Mourisco é que o menino ficou às vistas.

O Mané não é cópia modelada do chafariz de Bruxelas. E quem serviu de modelo final para o escultor foi uma menina.

Um incidente que também ficou célebre ocorreu na inauguração da estátua de Pedro Álvares Cabral, no antigo local, no meio do largo da Carioca. Terminados os discursos, puxado o cordão que deveria descerrar o monumento, a bandeira continuou presa. Várias tentativas foram feitas, vários puxões, tudo sem resultado.

Discursos terminados, o Hino chegou ao fim, não havia mais nada que fazer ali, a não ser bater palmas quando o monumento aparecesse. Mas êle não aparecia.

A situação ameaçava ficar tremendamente ridícula até que um garotinho, es-



pontâneamente, subiu pela estátua e soltou a bandeira, para alívio geral dos presentes.

As palmas foram divididas para a estátua e para o menino, que ganhou um emprêgo e um apelido: Alvaro mil e quinhentos.

O monumento mais importante do Rio e sem dúvida um dos mais importantes do mundo é o do Cristo do Corcovado. No dia da sua inauguração foi iluminado, sendo as luzes acesas por Marconi, pelo rádio, diretamente de seu navio Electra.

Marconi realmente fez a ligação e as luzes se acenderam. Mas ninguém viu, porque chovia muito e o Corcovado estava encoberto.

No boné da estátua do almirante Barroso os passarinhos já fizeram ninho várias vezes, o que tem sido assunto para jornal e revista.

A primeira estátua em praça pública da cidade foi a de D. Pedro I, aquela que está na praça Tiradentes. Durante muito tempo correu a lenda de que os dragões que enfeitavam o monumento eram de ouro e muita gente tentou roubá-los, inclusive um cidadão que escorregou e ficou espetado numa lança da cêrca.

Para a maioria das pessoas, o monumento mais feio do Rio de Janeiro é a estátua de Floriano. Diziam na época que Floriano, espada na mão, estava gritando:

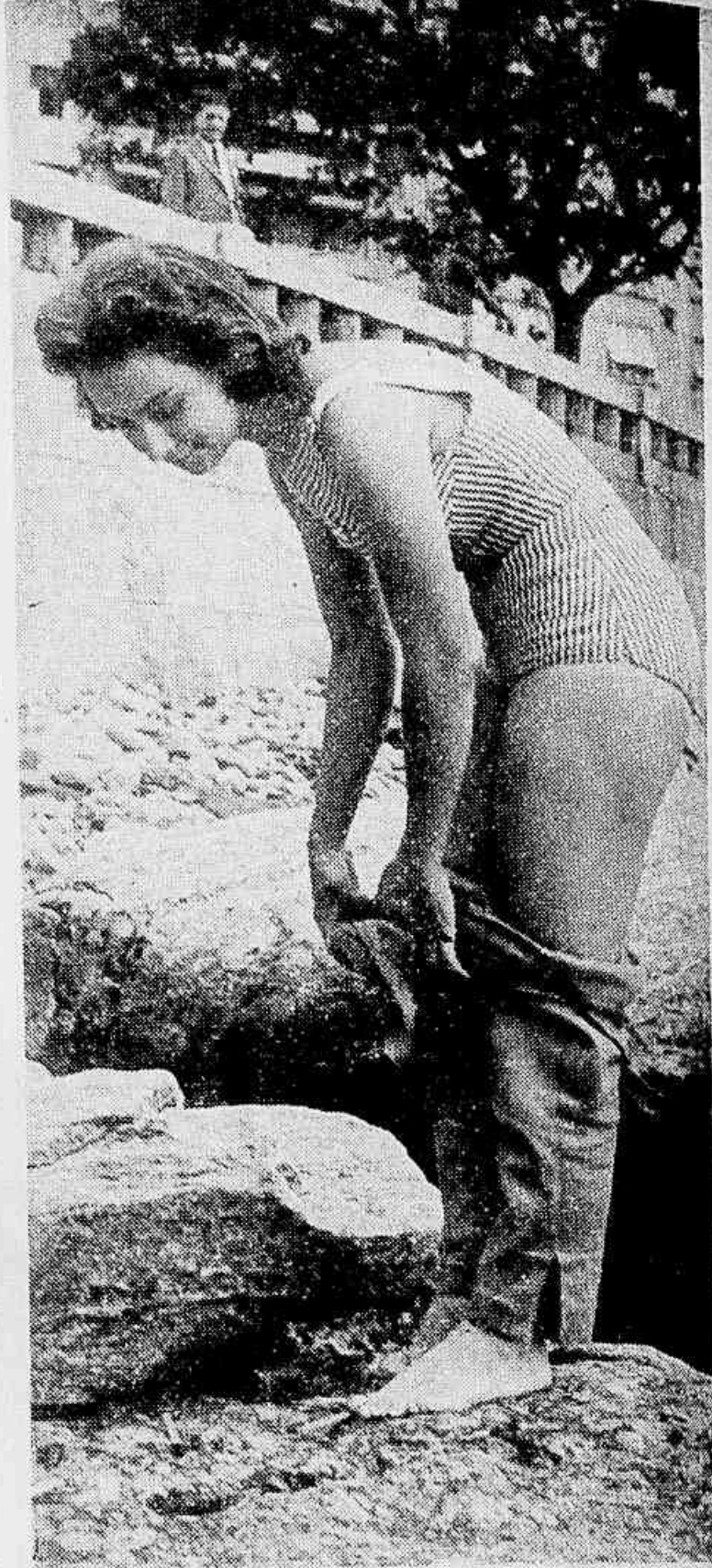
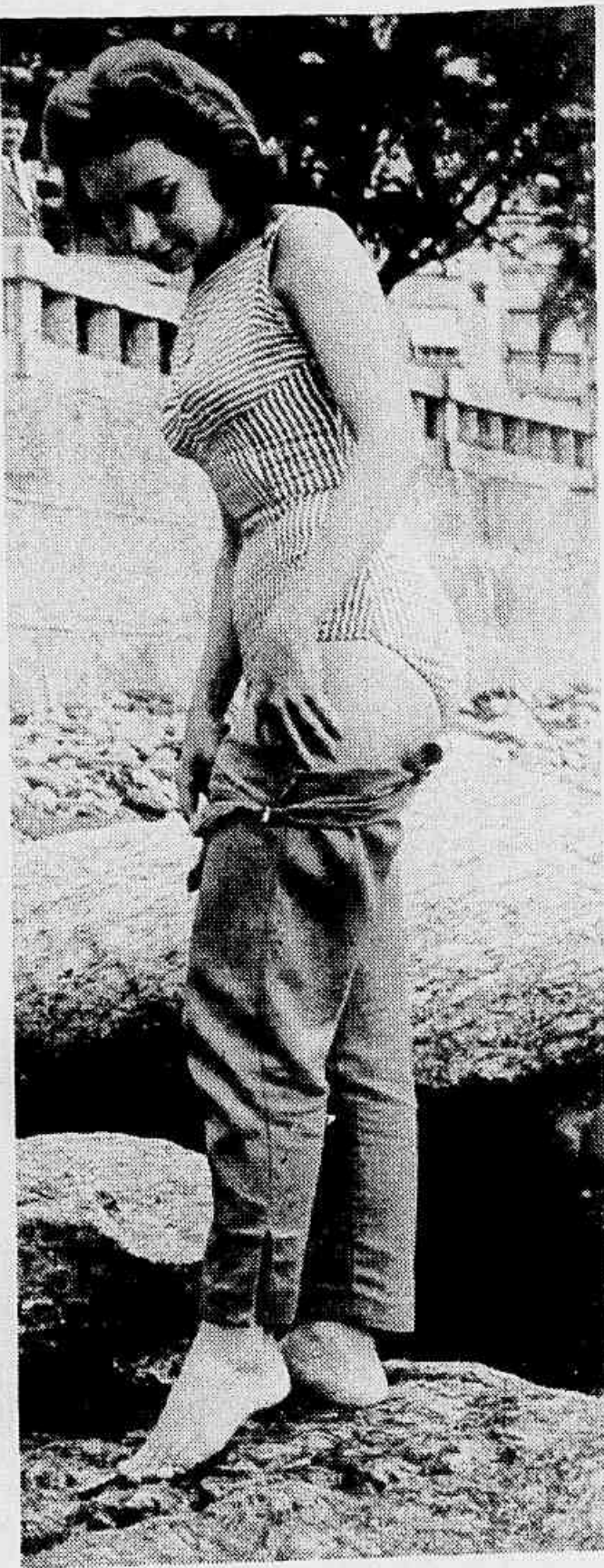
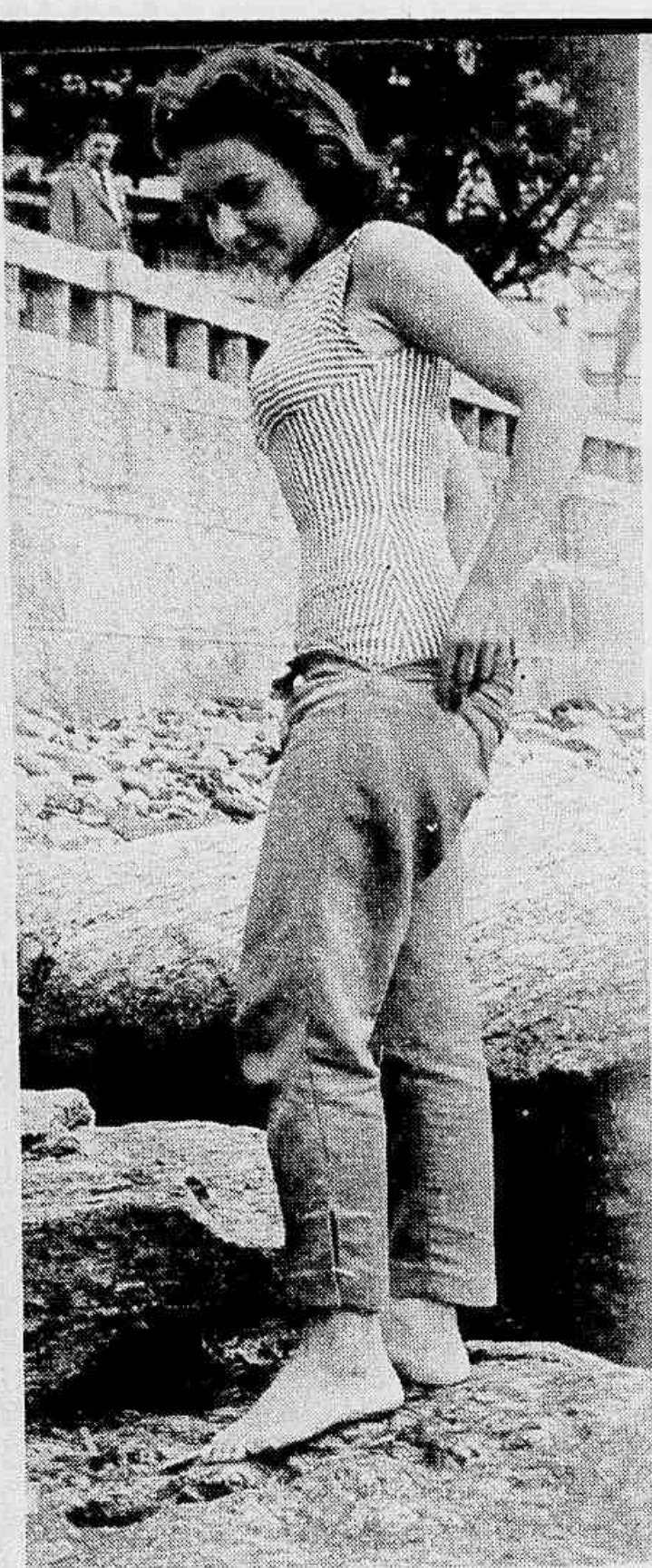
— Chega! Aqui não sobe mais ninguém.

O monumento, de inspiração positivista, tem dezenas de figurantes além do marçal.

Quando inauguraram a estátua de Deodoro, diziam que a posição dela havia sido ditada pelo próprio general, em testamento. Montado a cavalo, de boné na mão, diziam que êle estava saudando a Marinha e dando as costas para o Exército.

E não perguntem que fim tiveram as marrecas do Chafariz das Marrecas. Alguém que já foi estátua no Rio de Janeiro poderia se aborrecer.

José Silva



O homem estava com pressa, fazendo sinais frenéticos para os lotações que passavam. Quando Cilene começou a se preparar e

Quando falta a

A GENTE VIMOS A UVA

QUANDO CILENE apareceu pela primeira vez, estava tomando banho de cachoeira no Amazonas, com Therezinha Morango (R.S. jan. 4).

Quando apareceu pela segunda vez (em carne e osso, aqui na Redação) já vinha com a indicação do Departamento Especializado.

Amazonense, Miss Verão, professora primária.

B com a, ba. Ivo viu a uva. Vovó viu a ave. A gente viu Cilene.

— A gente não; nós.

— Nós viu Cilene.

— Nós vimos. Vocês não aprendem? Assim vão acabar repetindo o ano.

— Três vez nove vinte-e-sete; três vez sete vinte-e-um, menos doze ficam nove, menos oito fica um; zum, zum, zum, pará-ti-bum — OBA.

— Quem tem boca muito grande não vai à praia comigo.

— Oba, que injustiça!

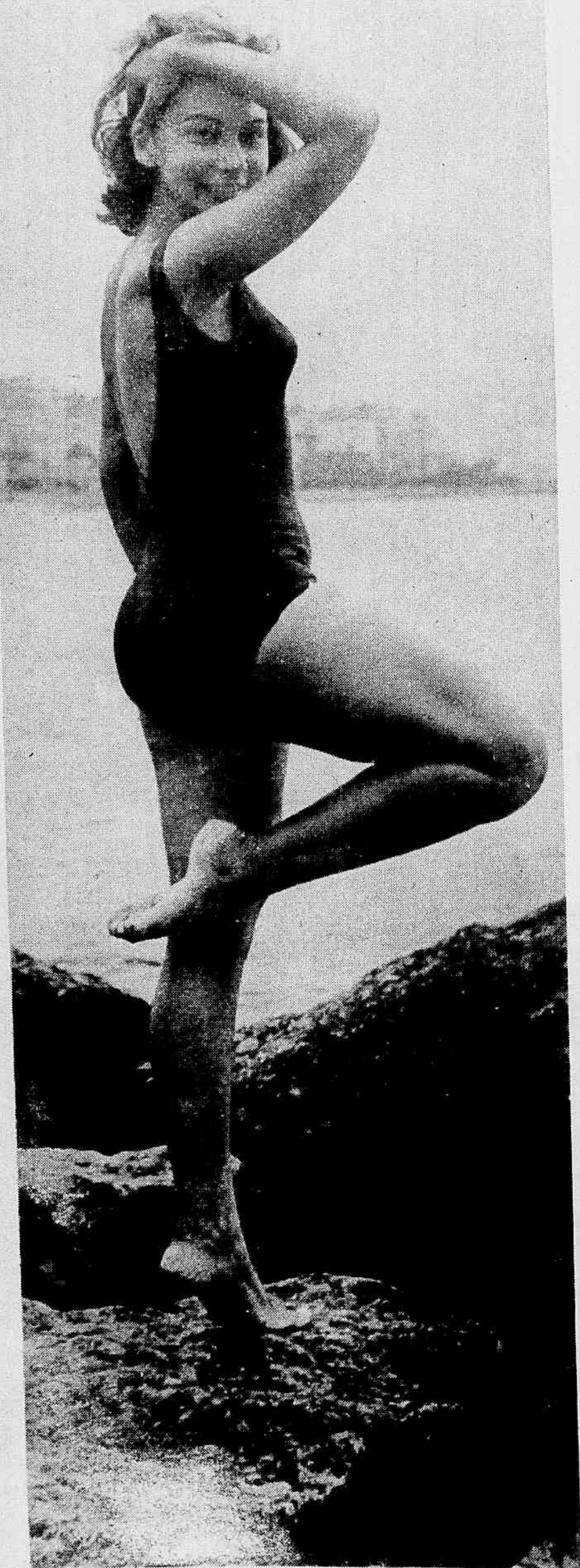


Departamento Especializado

parar e veio para a amurada e ficou olhando.

falta a gua no Norte, Cilene fica de maiô e os assobios chovem.





Quando Ivo viu a uva...



... ela estava nas pedras do Morro da Viúva.

Cunhatã Cilene

Ninguém estava entendendo
 porque
 andava tanto calor.
 O nosso Departamento Especializado
 pode informar
 agora,
 com segurança,
 que o motivo se chama
 Cilene,
 Cunhatã poranga
 que veio
 num "gaiola"
 até o Morro da Viúva.
 Cunhatã Cilene:
 nós gostamos
 de você.
 Mas o verão
 do Amazonas
 queima demais.

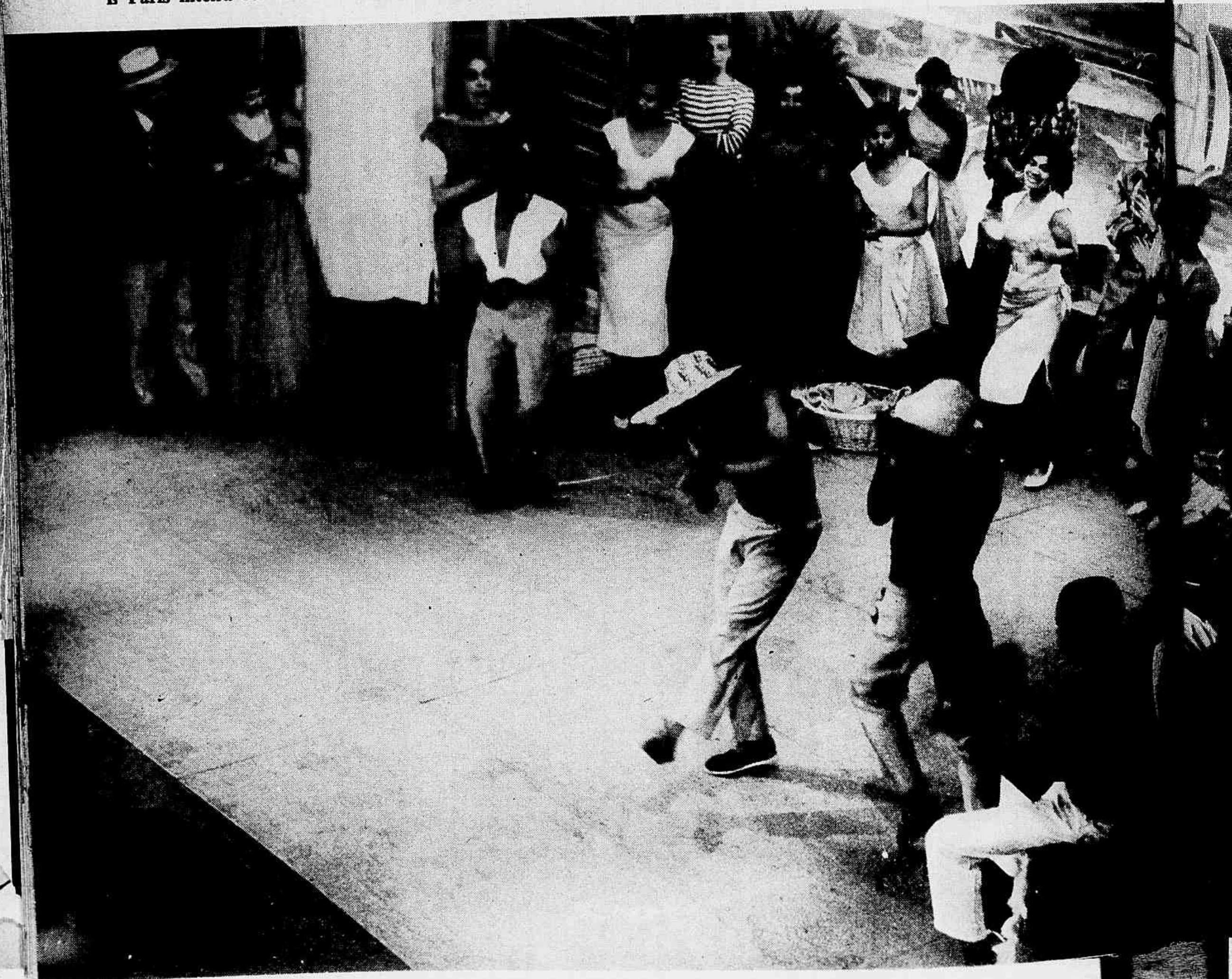


No dicionário de Ivo dizia que cunhatã é moça e que poranga é bonita. A pedra é má. Eva caiu da pedra.



SY SAIU DA TOCA TOCANDO ÓPERA NO SAXOFONE

E Paris inteira foi ouvir "New Orleans", trinta músicas e uma história puro "jazz" que "Papa" Bechet escreveu, dirige e terpr



ge e i
terpreta.



Uma das maiores figuras na história do "jazz", Sy Bechet, andava desaparecida, há nove anos morando em Paris. Há cinco anos não compunha.

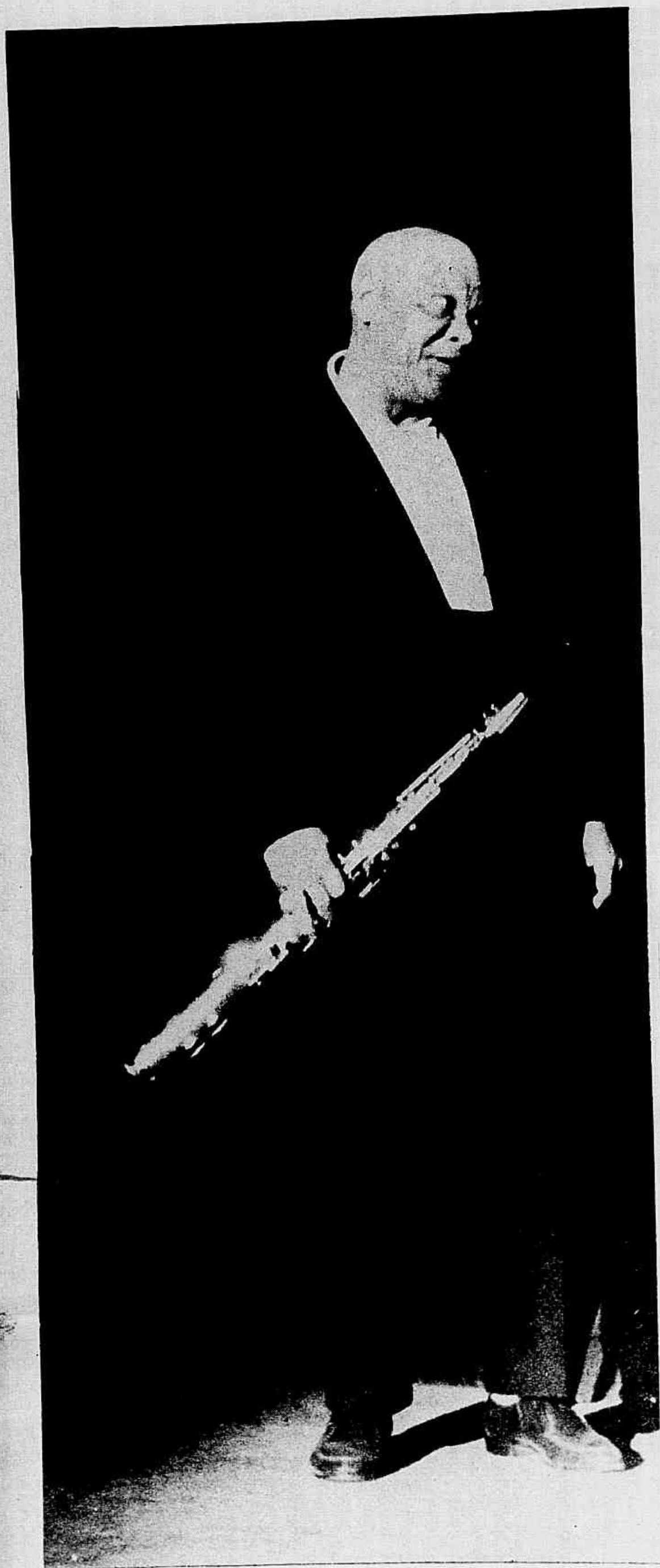


A apoteose da "ópera em jazz" é um baile em uma taverna em New Orleans.

O ASSUNTO DA SEMANA em Paris é o sucesso da ópera "New Orleans", que "tirou da toca" o velho compositor Sydney Bechet.

Sy (como os amigos e os fãs de jazz o chamam) está em Paris há nove anos e há cinco não compunha, "a não ser pequenas coisas que esquece de escrever".

Agora ele aparece com "uma ópera em jazz, puro New Orleans" que — segundo os entendidos — vai ser comentada em todo o mundo.



É a primeira vez que Sy pisa o palco como ator.



Jane Papir é a moça rica e órfã de quem Bonifácio é o "anjo da guarda"

A ópera conta as aventuras de um jovem oficial francês que luta contra um xerife mau e corrupto, em New Orleans, dois anos depois do fim da Guerra da Secessão. E o que um preto velho fez para proteger sua patroa branca.

Sydney está entusiasmadíssimo com os ensaios e faz questão — ele próprio — de tocar a parte (importantíssima) do sax-soprano.

É a primeira vez que ele aparece no palco como ator. Seu papel é o do "Velho Bonifácio", feitor de uma enorme plantação de algodão. Fora das horas de serviço ele toca "estórias" para seus companheiros, no saxofone.

Sy escreveu 30 músicas para a "ópera", que tem três atos e "nehum parentesco com Porgy and Bess". "Começando

guarda"
pelos
uma
Os
"New
1.
2.
3.
Siste
um
4.
ment
bura



guarda". A direita, Pasquali.

Mattye Peters (uma das pesadíssimas Peter Sisters) dança os seus cem quilos num "swing".

pelos artistas, que são pretos e brancos. Eu não quis fazer uma ópera com preconceitos" — diz Sydney.

Os cronistas de jazz apontam razões para o sucesso de "New Orleans":

1. A música de Sydney Bechet;
2. Sydney Bechet;
3. Mattye Peter, a estrêla, uma das famosas e gordas Peters Sisters, que dança (com todos os seus cento e tantos quilos) um "swing" fantástico;
4. Pasquali, no papel cômico do barão Duplessis, especialmente quando canta "There's a hole in my hat" ("Há um buraco no meu chapéu");

5. Jane Papir, a mlle. de la Tremblaye, dona (branca) da plantação, a quem o Velho Bonifácio protege como um anjo da guarda ("uma bonita moça com voz de anjo, dessas que dá na gente vontade de convidar para ir a um cinema" — segundo Cocteau);

6. as danças de negros e "especialmente as das negras". "Há muitas seqüências de danças extremamente excitantes" — disse o nosso correspondente.

A ópera, terminada a temporada "de lançamento" (três meses) vai ser gravada. Depois, "se as ofertas forem boas", a companhia vai correr mundo. Sy já recusou duas ofertas para montar "New Orleans" na Broadway e outras duas para levar a sua "espécie de ópera" para o cinema americano.



O URSO

CAP. II

NOVELA

WILLIAM FAULKNER

DEPOIS FOI-SE EMBORA. Tão repentinamente como se interrompera, o martelar sêco e monótono do picapau recomeçou. E depois de algum tempo o rapaz pensou que ouvia os cães, mas só pensou, sem notar. Vinha da floresta um murmúrio, quase nem um ruído, mas de repente aquele ruído encheu a floresta até o alcance do ouvido do rapaz e de novo se afastou, morrendo ao longe.

Não se aproximaram dêle. Se era um urso o que perseguiam, seria outro urso. Foi o próprio Sam que saiu do canical e atravessou o riacho, seguido pelo cão ferido da véspera. O animal vinha caladinho, quase rastejando, como um perdigueiro. Veio e agachou-se junto à perna de Sam, tremendo, de olhos bem abertos para o canavial.

— Não o vi — disse o rapaz e repetiu: Não o vi, Sim!

— Bem sei. Quem espreitou foi êle. Nem o ouviu, pois não?

— Não, eu...

— Êle é matreiro — disse Sam. — Matreiro de mais.

Olhou para o cão, que tremia fraca e continuamente junto ao joelho do rapaz. Do ombro retalhado pendiam-lhe algumas gôtas de sangue fresco.

— É grande demais. Ainda não temos cão para êle. Talvez um dia, talvez ainda não da próxima vez. Mas um dia...

“Então tenho de ver êsse bicho, tenho de o avistar”, pensou.

Se assim não fôsse parecia-lhe que aquilo continuaria sempre como continuara com o pai e o major, que era mais velho do que o pai, e até com o velho general Compson, que em 1865 tivera a idade suficiente para comandar brigada. Se assim não fôsse, aquilo continuaria sempre da mesma maneira, na próxima vez e na seguinte e depois, e depois e depois. Parecia que nunca poderia vê-lo a êle próprio e ao urso, sombrios no

limbo de onde emergia o tempo, tornando-se êles próprios tempo: o velho urso, absolvido da mortalidade, e êle, partilhando um pouco, bastante dessa absolvição. E agora sabia qual era aquele cheiro dos cães encolhidos e aquele travo na saliva. Reconhecia o medo. “Terei então de ver êsse bicho, terei de o avistar” — pensou de novo, sem receio nem sequer de esperança.

Foi em junho do ano seguinte. Tinha onze anos. Estavam outra vez no acampamento, festejando os aniversários do major e do general Compson. Embora o primeiro tivesse nascido em setembro e o outro pertinho do inverno e dez anos depois, encontravam-se sempre durante duas semanas para pescar, atirar aos esquilos e ao peru selvagem e perseguir com os cães, à noite, os texugos e os gatos bravos. Isto é: o rapaz, mais Boon Hogganbeck e os negros, é que o faziam; porque os caçadores experimentados — não só o major e o general (que passavam as duas semanas sentados numa cadeira de balanço diante de uma enorme panela de ferro, com panelada, mexendo-a e provando-a e discutindo com o velho Ash a melhor maneira de cozinhá-la, e vendo o Jim da Tennie passando aguardente do garrafão para a caneca de lata e da caneca de lata para o estômago) mas até o pai e o Walter Ewell, que ainda eram bastante moços, desdenhavam êsses passatempos e apenas atiravam aos perus selvagens para fazer apostas de pontaria.

Ou, pelo menos, o pai e os outros julgavam que êle ia à caça dos esquilos. Até o terceiro dia pensou que o Sam Fathers também o julgava. Deixava o acampamento tôdas as manhãs logo depois do almoço. Agora já tinha uma espingarda, presente de Natal. Voltou à árvore da beira do riacho, onde estivera naquela manhã. Olhando a bússola que o velho general Compson lhe dera, irradiou dêsse ponto; sem saber de nada estava aprendendo a ser um coiteiro me-

lhor do que o vulgar. No segundo dia encontrou até o tronco gatanhado onde vira pela primeira vez a pegada torta. A madeira estava agora quase completamente desfeita. E voltou, com inacreditável rapidez e um abandono apaixonado e quase visível para a terra que dera origem à árvore.

Percorria agora os bosques de verão, verdes e frondosos (se havia diferença era para uma obscuridade maior do que a nebulosidade cinzenta de novembro), onde o sol, mesmo quando estava a pino, apenas intermitentemente salpicava a terra que nunca secava por completo, coberta de serpentes: cobras-d'água, mocassins, cascavéis, tôdas da côr da sombra malhada e que portanto êle nem sempre via, a não ser quando se moviam, se moviam. E cada vez êle voltou mais tarde: no primeiro, no segundo dia. No terceiro, ao passar ao crepúsculo pela pequena estacaria que cercava o estábulo de madeira onde Sam dava guarda aos cavalos, preparando-os para a noite. Disse-lhe o índio:

— Ainda não procurou como deve ser.

Parou. Durante um momento, não respondeu. Depois, calmamente, cedendo pacificamente como aquelas reprêas em miniatura que as crianças fazem nos riachos, disse:

— Seja. Mas como? Fui até à árvore. Cheguei a encontrar outra vez aquele tronco. Eu...

— Julgo que fez bem. Se calhar êle tem andado a espreitá-lo. Não viu a pegada dêle?

— Não — disse o rapaz — não a vi... não pensei...

— É a arma — disse Sam.

Parou ao lado da sebe, imóvel, o velho, o índio de ganga desbotada e coçada e com o chapéu de palha de cinco centimos que fôra a marca da escravidão da raça negra e era agora a insígnia da sua liberdade. O acampamento: o terreno des-

bravado, a casa, o barracão e o seu pequeno equipamento com que o major esgravatara leve e evanescentemente a solidão selvagem, tudo se dissolvia no crepúsculo, voltando à escuridão imemorial da floresta.

"A arma, a arma" — pensou o rapaz.

— Assuste-se — disse o índio. — Isso não se pode evitar. Mas não tenha medo. Não há bicho nenhum na floresta que nos possa fazer mal, desde que não o cerquemos ou ele não fareje que temos medo. Um urso ou um veado, tal e qual como um homem corajoso, precisam ter medo dos covardes.

"A arma, a arma" — pensou o rapaz.

— Terá de escolher — disse Sam.

Deixou o acampamento antes do dia nascer, muito antes do tio Ash acordar nos seus cobertores do chão da cozinha e acender o fogo para fazer o almoço. Levou só a bússola e uma vara para as serpentes. Sabia o caminho, mas só durante um quilômetro antes de precisar da bússola. Sentou-se num cepo, com a invisível bússola na mão (também ainda invisível) enquanto os ruídos secretos da noite que se tinham interrompido com os seus movimentos, de novo se esgueiravam e se interrompiam de vez, e os mochos se calavam para dar lugar ao despertar dos pássaros da manhã. Ah, já via a bússola. Depois continuou rápida mas ainda silenciosamente; conhecia cada vez melhor a floresta, mas não tinha consciência disso.

Ao nascer o sol levantou um veado e a fêmea fazendo-os sair da cama, pondo-os a uma distância curta para poder vê-los, e o estalar do mato, o rabito branco, o veado saltando atrás dela mais velozmente do que o rapaz julgara possível. Batia a floresta na direção devida, contra o vento, como Sam lhe ensinara. Não era que isso agora tivesse alguma importância. Abandonara a espingarda; de sua própria vontade e resolução não aceitara compromissos, escolhas, mas sim uma condição em que tinham sido anulados não só o até agora inviolável anonimato do urso como todas as antigas regras e vantagens do caçador e da presa.

Não teria medo, nem mesmo no momento em que o terror o tomasse por completo: sangue, pele, entranhas, ossos, memória da eternidade antes de se tornar memória sua — tudo, menos a lucidez aguda, clara, imortal, que o distinguia daquele urso e de todos os outros ursos e veados que havia de matar com a humildade e orgulho da sua perícia e resistência. A lucidez a que Sam se dirigira quando se encostara à estacaria, na véspera, à boca da noite.

Ao meio-dia ultrapassara de muito o pequeno riacho. Nunca penetrara até tão longe na região nova e desconhecida. Já não caminhava só pelo velho relógio de prata, pesado, volumoso, que pertencera ao avô. Quando finalmente parou, foi a primeira vez que o fez depois de se ter



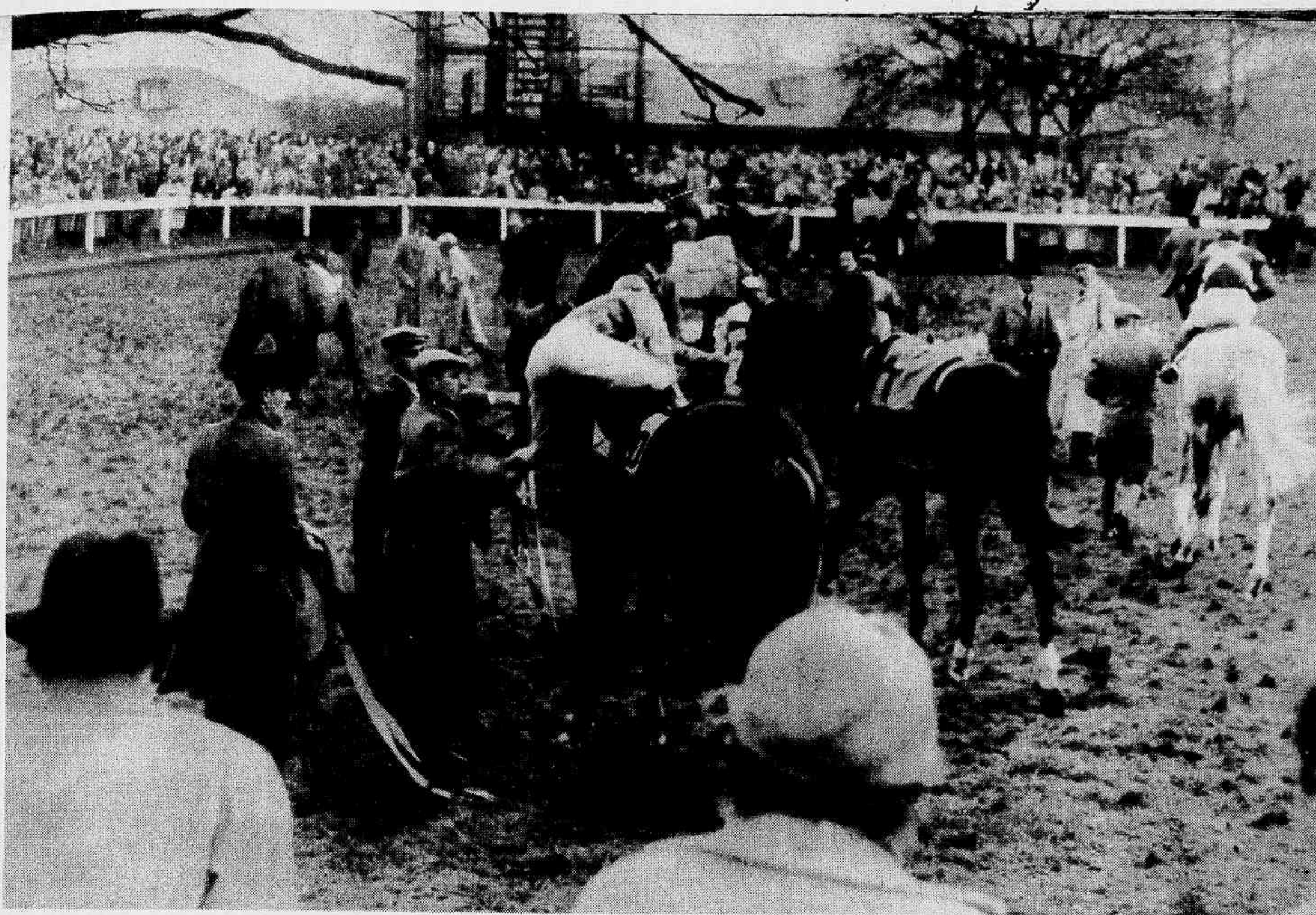
(Continua na pág. 44)

122 ANOS DE TOMBOS

ESPETACULARES

Nenhuma corrida de cavalos é completa sem os "bookmakers". A Inglaterra também não é exceção. E em Aintree muito menos. Vejam o homem do boné.





O desfile para o Grande Prêmio vai começar e cavalos e "jockeys" preparam-se para caminhar para a partida. Quando o "starter" gritar, todo mundo corre.

WILLIAM LYNN olhava sombriamente através das vidraças lavadas pela chuva, no Hotel Waterloo, em Aintree, perto de Liverpool. Sentia-se muito deprimido. Nos últimos tempos os negócios iam tão mal que dificilmente dispunha de dinheiro para comprar lenha para o fogão. Através da janela podia ver a charneca deserta e nevoenta, apenas pontilhada por algumas cabeças de gado encharcadas. Foi quando, de repente, teve uma idéia.

Alguns dias depois o seguinte aviso aparecia em cartazes espalhados por toda a cidade de Liverpool:

"William Lynn, proprietário do Hotel Waterloo, em Aintree, torna público que uma empolgante corrida de obstáculos será disputada na charneca junto do seu hotel, no dia 21 de março de 1836. Os cavaleiros que quiserem concorrer estão convidados a procurar o sr. Lynn, no seu hotel."

William Lynn tinha preparado seus planos com muito cuidado. Cada concorrente pagaria 10 libras esterlinas de inscrição e o vencedor ganharia o bôlo e mais 80 libras oferecidas por Lynn. Se as coisas saíssem como ele esperava, o acontecimento atrairia ao hotel hóspedes bastantes para cobrir todas as despesas e ter, ainda, um lucro apreciável.

Os fatos lhe deram razão. A corrida de obstáculos atraiu tantos disputantes e espectadores e produziu tanta renda para o seu estabelecimento, que Lynn decidiu fazê-la disputar anualmente. Por sua vez, a Corporação de Liverpool compreendeu que uma grande corrida anual na charneca de Aintree seria comercialmente proveitosa para a cidade. Por isso ofereceu mais 100 libras, para custear os prêmios.

A prova do ano seguinte — disputada no mesmo trajeto — foi anunciada como o "Grand National Steeplechase". Ganhou um cavalo alazão castrado, com o nome de "The Duke", montado por um jóquei chamado Henry Potts.

Desde aqueles longínquos dias o Grand National Steeplechase (que em 1958 vai se realizar no dia 29 de março) tornou-se um dos mais populares e famosos acontecimentos

esportivos do mundo. É certamente o acontecimento mais espetacular e impressionante do turfe.

O Grand National é agora disputado numa distância de cerca de quatro milhas e meia, contendo 16 obstáculos, 14 dos quais são transpostos duas vezes, fazendo um total de 30 obstáculos para os dois circuitos da corrida.

As barreiras são maiores que as de qualquer outra corrida de obstáculos do mundo — Becher Brook, Canal Turn, Valentine's Brook e The Chair sendo as mais formidáveis.

Muito se tem escrito e falado sobre o rigor técnico do percurso do Grand National. Mas os acidentes que se verificam na disputa raramente são mais sérios do que os registrados em corridas rasas ou em saltos de obstáculos modestos. De fato as barreiras do Grand National são tão altas que quando um cavalo começa a cair há tempo bastante para que ele e seu cavaleiro se separem, chegando ao solo separados um do outro.

A história do Grand National contém muitos episódios empolgantes, alguns deles pungentes. Talvez o mais memorável de todos é o do cavalo "Devon Loch", propriedade da rainha-mãe e que correu na competição de 1956.

Bem à frente dos outros competidores, "Devon Loch" transpôs a última barreira, seguindo para o poste de chegada. A multidão já estava aplaudindo uma vitória real quando, de súbito, o cavalo saltou no ar, como tentando galgar um obstáculo imaginário, e estatelou-se no solo, com as quatro patas esparramadas.

Outro acidente também infeliz ocorreu em 1936, quando o sr. Mildmay, mais tarde Lord Mildmay of Flete, teve a má sorte de partir as rédeas, no momento em que seu cavalo "Davy Jones" transpunha a penúltima barreira, na dianteira de todos os concorrentes. Com as rédeas pendentes "Davy Jones" saiu da pista.

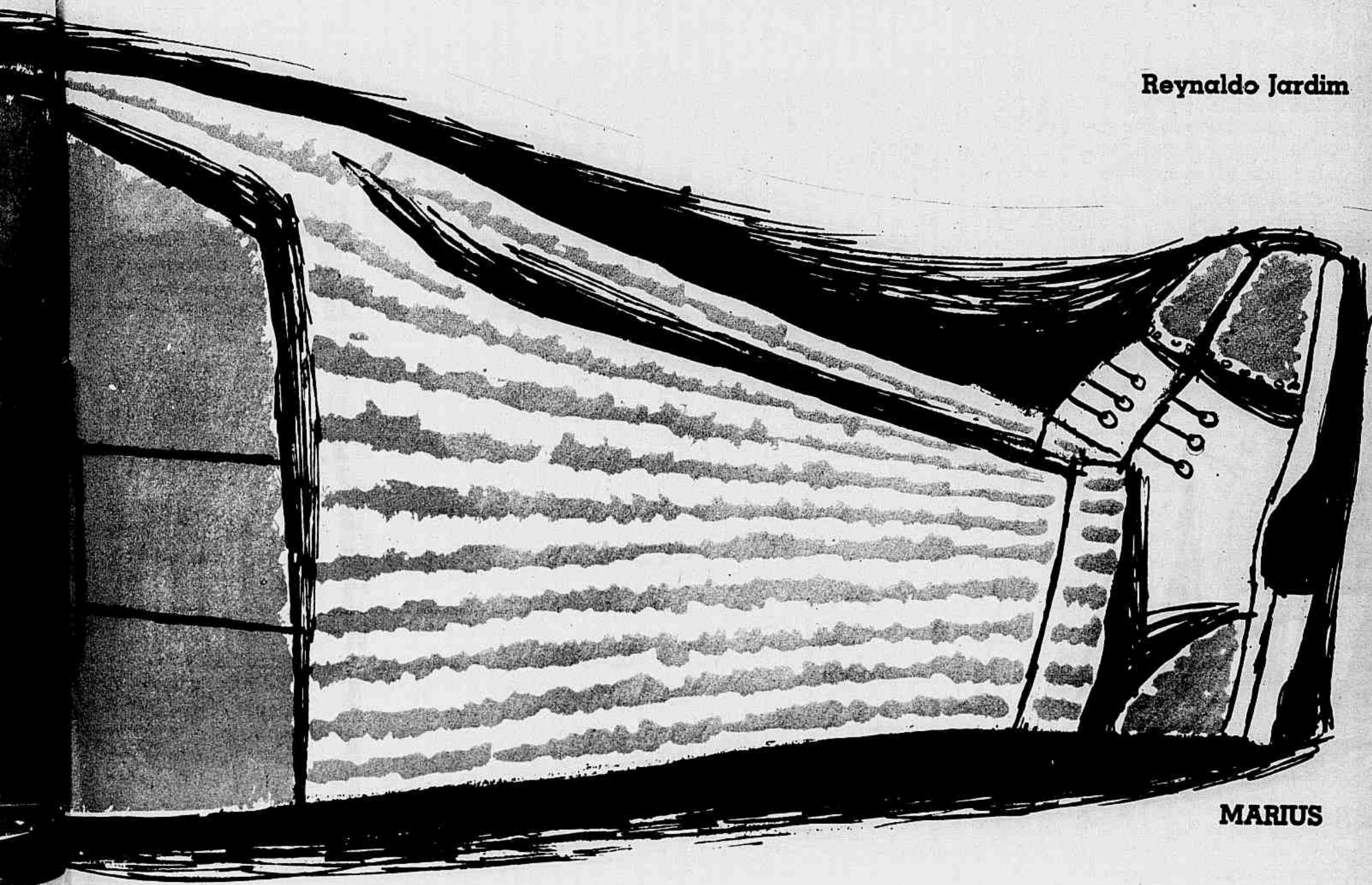
Há muitos nomes notáveis na história do Grand National, mas o maior de todos cabe a um cavalo — "Manifesto", que entre 1895 e 1904 tomou parte na prova oito vezes. Ganhou duas vezes, teve três vezes o terceiro lugar e uma vez o quarto lugar. Este é um recorde que nunca foi batido.

O Morto precisa
Tratamento exato.
Primeiro é preciso
formol em um frasco
Algodão em bolas
e luvas de banho
Ataduras **brancas**
alfinêtes novos.
De Pean a pinça
mais um pente grosso
(Que pode ser de aço
ou mesmo de osso).
Carece é não ter
piedade do morto.
Enquanto está fresco
preciso é cuidá-lo
e a técnica ensina
o método exato:
Descalçar não basta
o par de sapatos.
Tire o travesseiro
em que o morto dorme;
Ao lençol atente
e ao esparadrapo
— que eles são úteis
ao tempo devido;
Cuba e etiquetas
na mesa de vidro.
A colcha da cama
retire a seu tempo

Do morto a camisa
agora é despi-la
E o corpo do morto
Agora é lavá-lo
E os olhos do morto
devem ser cerrados
E a boca do morto
deve estar selada
(Se o queixo fôr duro
use esparadrapo).
Coloque a etiqueta
no peito do morto
Seu nome, enderêço,
e idade provável.
Vista outra camisa
no corpo do morto
Tampone os ouvidos
e o nariz do morto
Depois vire o corpo
do lado direito.
Estenda o lençol
o colchão cobrindo
Desvire o cadáver
o peito pra cima.
Envolva-o todo
com lençol bem largo
(Que deve estar sôlto
da beira do estrado):
Aos pés amarrado

atado ao pescoço
será o lençol branco
a roupa do morto.
Mais outra etiqueta
no lençol coloque
Contendo **enderêço**,
data e telefone.
O morto está pronto
para ser enterrado.
A família, querendo,
poderá lustrá-lo
Cortar suas unhas
A barba, o cabelo,
E pode enfeitá-lo
de turco ou de grego
E pode engraxar-lhe
as negras botinas
E pode untá-lo
de brilhantinas
Pentear seus cabelos
Defumar suas partes
Cobri-lo de flores
E até pranteá-lo.
O que era preciso
Foi feito,
em sua homenagem.
O resto
(silêncio)
e — boa viagem.

Reynaldo Jardim



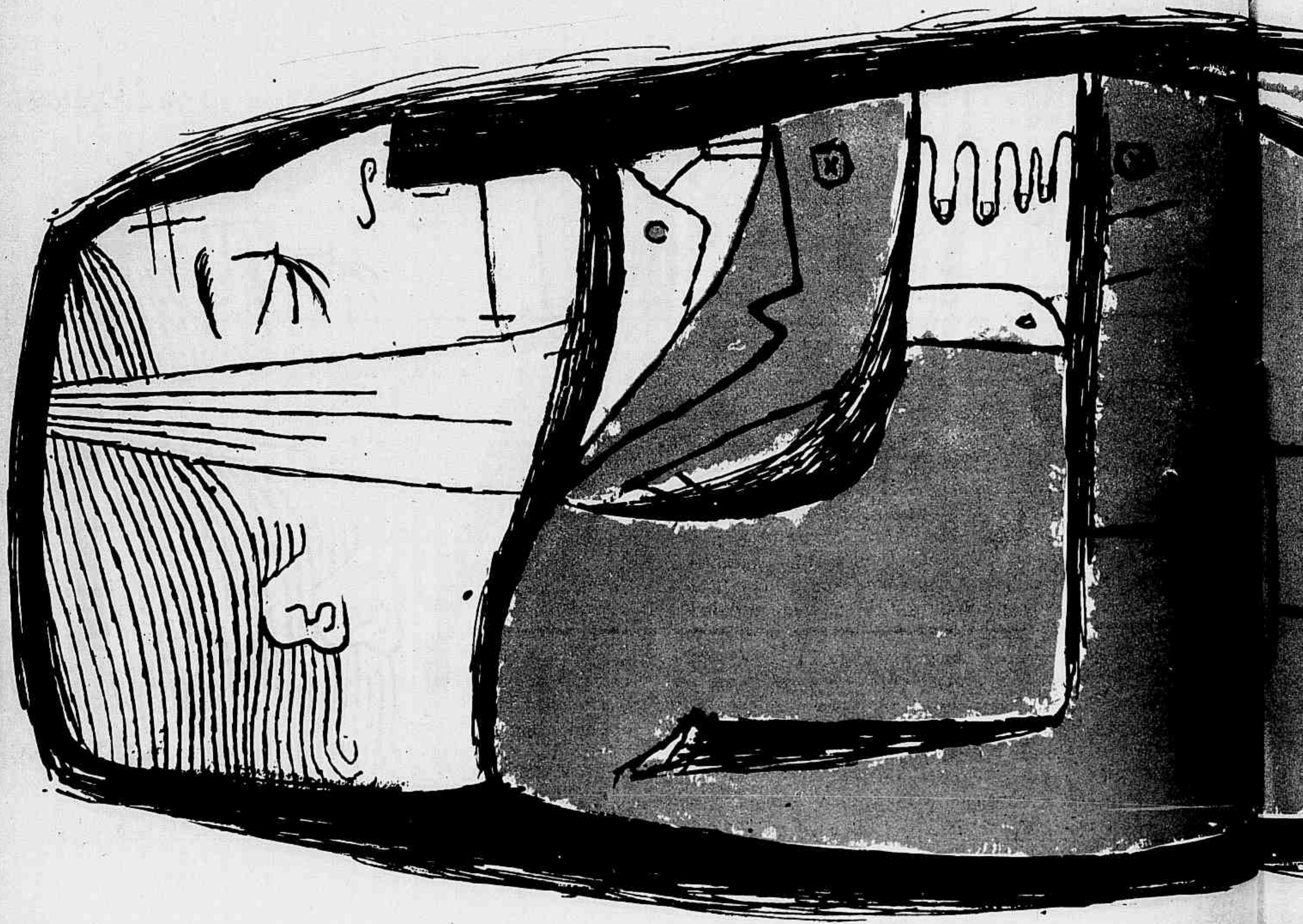
MARIUS

HUMOR NEGRO

CUIDADOS

COMO

MORTO



Memórias do que eu vi e senti - VII

*Rafael
Corrêa de
Oliveira*

SÃO PAULO:

OSWALDO ARANHA

CHEGOU PARA

EMPOSSAR

PLINIO BARRETO

A FARDA NÃO PODIA FICAR POR BAIXO

O PROBLEMA PAULISTA, sob o governo provisório, oferecia duas dificuldades fundamentais à revolução vitoriosa. Sendo o Estado mais rico da Federação, oferecia S. Paulo, naturalmente, aos militares ambiciosos, a oportunidade de bons empregos na administração civil. Ninguém queria seguir o exemplo de Eduardo Gomes e ficar na tropa. Quase diariamente aparecia um oficial com recomendação do Rio para ser "aproveitado" em S. Paulo. Em Santos surgiu um rapazinho, aspirante do Exército, que logo se instalou no comissariado de polícia. Era simpático, espertinho, "revolucionário autêntico", apesar dos seus 22 anos de idade. Procurei convencê-lo de que o cargo não lhe convinha porque exigia habilitações específicas, — era, numa palavra, função privativa dos bacharéis em direito. O tenente, porém, não se deu por vencido nem convencido, e me fulminou com um argumento perigoso:

— Eu boto um doutor para me auxiliar. Afinal o senhor compreende que a farda não pode ficar por baixo...

— Mas será preciso pagar alguma coisa ao seu auxiliar e não há verba para isso.

— Verba? Arranja-se um ordenado com as multas do jôgo do bicho!

Incidentes desse tipo se repetiam constantemente. As vezes aparecia um atleta, muito exuberante de saúde e vigor, com um bilhetinho na mão: "Dê um jeito para arranjar o "coronel" X, portador deste, numa boa delegacia".

Evidentemente o homem não era coronel de nada, mas, apenas, um valoroso guerreiro gaúcho que não queria voltar aos pagos e, pretendia fazer carreira em S. Paulo. Os "cabeças chatas" também apareciam, sem patentes e sem recomendações, porque o sr. José Américo era contrário ao êxodo dos nordestinos. Assim qualquer lugar de contínuo, porteiro, investigador, servia aos guerreiros do Norte. O fato, porém,

é que a invasão se fazia metódicamente, irritantemente, como se S. Paulo fôsse um país vencido e ocupado.

Aí estava o lado administrativo do problema. O aspecto político se encontrava na tenacidade posta pelo sr. Getúlio Vargas em agitar, dividir, enfraquecer S. Paulo.

Ao nomear João Alberto interventor rompera a unidade da frente revolucionária que Juarez Távora quisera manter. Depois, valendo-se das velhas divergências na política paulista, mandava o interventor aproximar-se dos vencidos, isto é, dos adversários da véspera, — os homens mais intolerantes e intoleráveis do P.R.P.

Naturalmente os elementos políticos que haviam colaborado com a revolução, irritavam-se diante dessas injustiças e incoerências. E quando faziam o seu protesto junto ao ditador, este lhes respondia equivocadamente:

— O João Alberto vai sair de S. Paulo. Os senhores tenham um pouco de paciência.

Então a onda de boatos cobria o território paulista. E se alarmavam os amigos do interventor. A autoridade deste entrava em crise. A oposição se tomava de ousadias insuperáveis. E João Alberto apanhava o trem e vinha saber exatamente o que havia. Quando regressava a São Paulo reunia os amigos e lhes dizia sacramentalmente:

— Não há nada. Getúlio está despistando os "cartolas". Mas é preciso que esse grupo de Miguel não faça agitação.

Como o "grupo de Miguel" (general Miguel Costa) era a única força que sustentava João Alberto, procurava o sr. Getúlio Vargas dissociá-la do interventor para que este ficasse simplesmente na dependência de um decreto ditatorial. Era um processo sistemático de enfraquecimento e divisão de todas as forças políticas atuantes em S. Paulo. Um plano diabólico para anular a influência do grande Estado no âmbito nacional.

QUANDO JOÃO ALBERTO, soprado pelo sr. Getúlio Vargas, nomeou delegados regionais da polícia civil vários militares do Exército, vibrou um golpe mortal na influência do general Miguel Costa. Mas, ao mesmo tempo, praticou um suicídio político.

Os militares-delegados-regionais, sob o comando do olímpico peru de roda Falconiere (o mesmo traidor de 1955), não valiam um piparote no fluxo e refluxo da política paulista. Assim, quando começou a desagregação e destruição dos amigos de Miguel Costa, no interior do Estado, o protesto que fizemos foi redigido em termos que determinaram a nossa vinda ao Rio, a chamado do sr. Oswaldo Aranha.

Uma exposição clara e objetiva dos fatos impressionou de tal modo o ministro que este solicitou a presença do general Miguel Costa na capital da República. E foi diante do sr. José Américo que o sr. Oswaldo Aranha, em sua residência, numa úmida manhã de julho, depois de recapitular a exposição que lhe fizéramos sobre a precariedade do governo de João Alberto, dirigiu ao general Miguel Costa a seguinte pergunta:

— Tudo isso é verdade, Miguel?

O velho e digno soldado refletiu um instante, para, em seguida, com uma evidente melancolia nos olhos claros, laais e bondosos, responder:

— É.

— Então vou chamar João Alberto e mostrar-lhe a impossibilidade de continuar em S. Paulo.

Realmente, logo em seguida, o interventor veio ao Rio. Informado pelo sr. Oswaldo Aranha de tudo que ocorrera, pediu demissão. Mas irritado com os seus antigos companheiros teve uma explosão de cólera imprópria da sua natureza serena e generosa, dizendo:

— Eu saio, mas jogo em cima "dêles" o Plínio Barreto.

O SR. PLÍNIO BARRETO é um homem digno e brilhante. Poderia governar São Paulo com honestidade e competência. Mas no momento em que foi nomeado interventor a sua escolha era perigosamente inoportuna. E tanto isso é verdade que João Alberto lhe deu o caráter de uma "vindicta".

Pertencia o sr. Plínio Barreto ao grupo de homens fortes e intransigentes de "O Estado de S. Paulo", que se extremara no combate aos elementos aglutinados em torno do general Miguel Costa. E esses elementos não tinham dúvidas quanto ao destino que os esperava no governo daquele eminente paulista. Aliás, logo depois de nomeado interventor, o sr. Plínio Barreto fez duas declarações explosivas: a) não conservaria o general Miguel Costa na Secretaria da Segurança; b) manteria os militares nas delegacias regionais.

O intuito dessas duas medidas era evidente. E se tínhamos de perecer, seria melhor que isso acontecesse com as flâmulas ao vento, as armas em fogo, as espadas nuas...

O pai de Siqueira Campos, rompendo a luta, passou um telegrama ao sr. Getúlio Vargas protestando contra a nomeação do sr. Plínio Barreto, o qual, em 1922, condenando o levante de Copacabana, dissera que seus autores eram bandidos e não heróis. Com o Sindicato dos Estivadores a nosso lado fizemos sentir ao ditador que paralisaríamos o porto de Santos em 48 horas se uma outra solução não fôsse encontrada para o problema. Os estudantes dominaram o largo de S. Bento, e se manifestavam a favor de Plínio Barreto. Em represália ocupamos a praça do Patriarca num comício permanente contra o novo interventor. Nesta altura dos acontecimentos o ministro da Guerra chamou ao Rio o general Miguel Costa. Os amigos deste temiam uma cilada. Vão prendê-lo, diziam uns. Outros afirmavam que o mandariam para o exterior. Ninguém queria, afinal, que ele viajasse. Mas o velho e bravo soldado partiu com destino à capital do país, e a sua ausência de S. Paulo agravou a situação.

João Alberto, abandonado no palácio dos Campos Eliseos, mandou chamar alguns amigos do general Miguel Costa (seus velhos amigos também), e lhes perguntou:

— Vocês querem me depor?

— Não. Nós nos estamos defendendo do seu golpe. Para que você indicou Plínio Barreto? Para nos esmagar, eviden-

temente. Laudo Camargo, José Carlos de Macedo Soares, Anhaia de Melo seriam recebidos sem hostilidade. Mas você fez o pior...

— O que eu quero é passar o governo tranqüilamente e ir embora. Vejam se é possível acomodar as coisas.

— Pois sim...

A entrevista terminou em nada. Logo em seguida se anunciava o regresso do general Miguel Costa. O governo federal mantinha a nomeação do sr. Plínio Barreto. E o sr. Oswaldo Aranha viria empossar o novo interventor.

As próximas quarenta e oito horas foram trepidantes. Na residência do general Miguel Costa muitos militares e civis discutiam a situação. Alguém propôs que se recebesse, na manhã seguinte, o sr. Oswaldo Aranha com uma demonstração violenta de hostilidade.

A nossa oposição a esta proposta foi colocada nos seguintes termos: — "Não creio que o Oswaldo venha pessoalmente ensanguentar S. Paulo. Uma demonstração de hostilidade só serviria para irritá-lo".

— Você diz isso porque sempre fez o jogo do Aranha.

— "Bem, se é assim, e se todos acham que o Oswaldo vem mesmo empossar o Plínio, eu assumo a responsabilidade de uma proposta: vamos impedir que o trem chegue a S. Paulo fazendo saltar os trilhos da estrada de ferro".

No ambiente de histeria e revolta a proposta foi aceita. E já nos dispúnhamos a sair para a empreitada maluca, quando Miguel Costa chegou. A noite estava fria e garoava. O general vinha fardado, e caía-lhe sobre os ombros uma capa espanhola. Esboçando o seu habitual sorriso, perguntou-nos o que havia de novo. Rápidamente lhe expusemos o plano: íamos destruir os trilhos da Central para que o Aranha não chegasse a S. Paulo.

O general Miguel Costa, numa irritação que jamais lhe víamos antes, disse em tom de ordem:

— "Os senhores vão todos para casa. Se insistirem nessa loucura eu os mandarei prender".

— E amanhã?

— "Amanhã, se fôr preciso reagir, eu quero ver quantos bacharéis terroristas são capazes de morrer nas sarjetas sobre as suas metralhadoras".

Oswaldo Aranha chegou e foi hospedar-se na casa de seu tio Freitas Vale. O sr. Plínio Barreto chegou também. A cidade, presa de uma agitação frenética, vinha para as ruas, onde estudantes e populares se contradiziam em manifestações exaltadas. "O Estado de S. Paulo" expusera um "placard" anunciando a posse do sr. Plínio Barreto para as 15 horas e dando o novo secretariado, com a exclusão de Miguel Costa. E "O Tempo" — nosso jornal — circulava numa edição extra com a seguinte manchete de primeira página: "Plínio Barreto não tomará posse".

As 14 horas o general Miguel Costa chegou à Secretaria de Segurança em trajes civis. Pediu uma ligação com o coronel Saldanha da Gama. E um simulacro de "tank", que esse engenheiro construira, saiu do quartel e fez disparos de festins sobre grupos de estudantes...

No momento exato em que o sr. Plínio Barreto devia tomar posse, era divulgada a sua renúncia, para "evitar derramamento" de sangue. Igualmente anunciava-se a nomeação do ministro Laudo Camargo, paulista e civil, para o cargo de interventor.

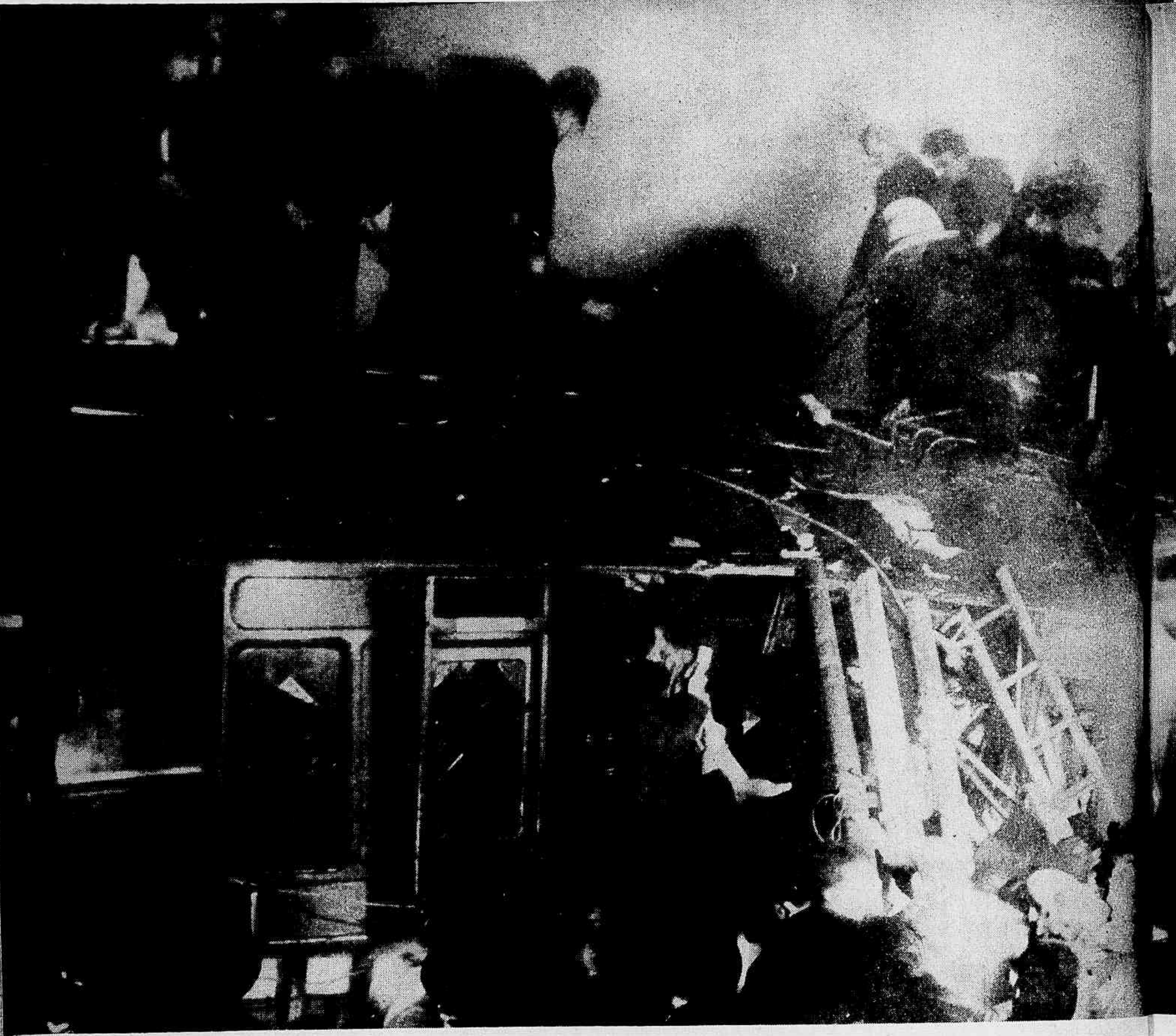
Sobre o que se passou na residência do dr. Freitas Vales há muitas versões. Uma delas diz que o sr. Oswaldo Aranha, na hora marcada, convidou os presentes para irem à posse do sr. Plínio Barreto nos Campos Elísios. Houve, porém, uma pessoa que perguntou:

— Mas, senhor ministro, essa gente de Miguel Costa é capaz de reagir?

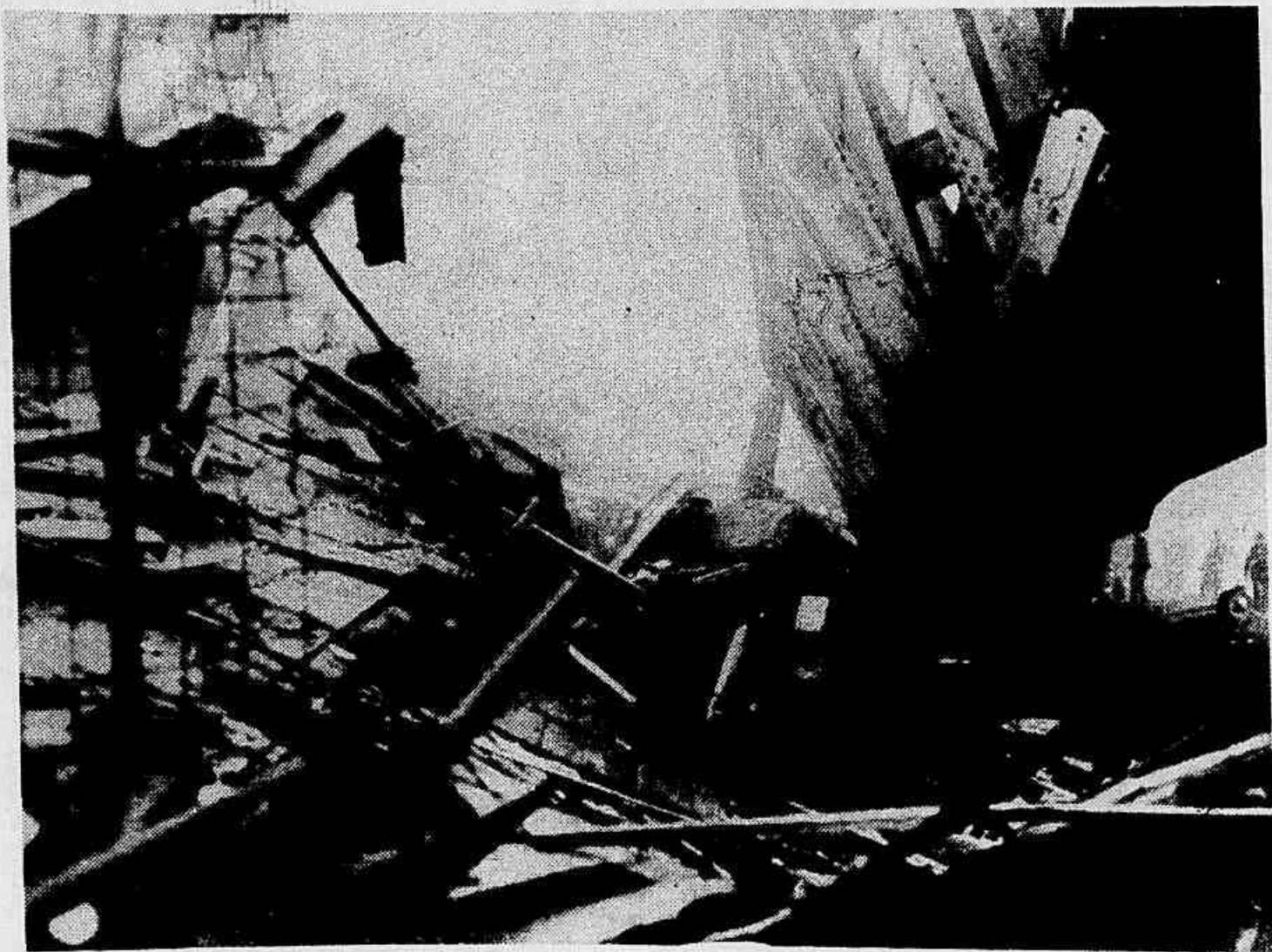
Ah isso é! Eles brigam na certa — teria respondido o sr. Oswaldo Aranha, acrescentando logo: — Mas não tem importância. Eu empossarei o interventor.

Nesta altura o bom senso do sr. Plínio Barreto teria triunfado, e opinara pela renúncia.

No entanto sobre o que ocorreu na residência do dr. Freitas Vales o nosso depoimento é de ouvir dizer. A outra parte, porém, é de olho e ouvido.



Policiais e bombeiros trabalharam à luz de refletores ouvindo os gritos das vítimas.



No desastre de Levisham uma ponte de ferro caiu, com o choque.



A locomotiva do Spitfire engavetou

NA INGLATERRA OS TRENS TAMBÉM BATEM

O SALDO DOS DOIS desastres ferroviários que abalaram recentemente a Inglaterra foi de 100 mortos.

Entre as estações de St. Johns e Levisham dois trens de passageiros se chocaram, matando mais de 80 pessoas e ferindo cerca de 200, mais da metade de maneira grave.

Entre as estações de Dagenham e Dagenham Heathway, quase na mesma hora, outros dois trens se chocaram, causando duas dezenas de mortos e ferindo 50 passageiros.

Os desastres ocorreram em meio de denso nevoeiro, na hora mais intensa do "rush" londrino. Em ambos os casos, segundo os jornais, "os corpos das vítimas ficaram empilhados uns sobre os outros".

Tendo ocorrido à noite, os socorros foram difíceis.

Várias causas foram apontadas como determinantes do desastre mas o nevoeiro foi responsabilizado em primeiro lugar.

A maioria das vítimas ficou irreconhecível.



gavetou
no elétrico que vinha de St. Johns.





AS FEITICEIRAS DE SALEM

As feiticeiras de Jean Paul Sartre saíram do cadinho de Arthur Miller.





Mylène Demongeot: cortaram a cena em que ela toma banho.

ORIGEM — "Les Sorcières de Salem" (As Feiticeiras de Salem) — no Brasil "As Virgens de Salém" — é uma adaptação da peça "The Crucible" (O Cadinho), de Arthur Miller, feita por Jean Paul Sartre para o ator-diretor Raymond Rouleau, sob o patrocínio de Films Borderie, C.I.C.C., S. N. Pathé-Cinéma (França) e Defa (Alemanha Oriental). Toda a equipe pertence ao cinema francês. A Defa contribuiu apenas com o compositor Hans Eisler. O título e os dois intérpretes centrais (Simone Signoret, Yves Montand) são os mesmos da versão que Rouleau dirigiu no palco, mas o "script" nada deve à adaptação teatral de Marcel Aymé.

A **HISTÓRIA** se passa em 1692, em Salem (Massachusetts, E.E.U.U.), em uma comunidade formada por camponeses puritanos expulsos da Inglaterra. John Proctor (Yves Montand), o líder natural dos lavradores pobres da região, vive atormentado pela atração que sobre ele exerce uma empregada muito jovem, Abigail Williams (Mylène Demongeot, R.S. n. 10). Há sete meses, sob alegação de doença, sua mulher, Elizabeth (Simone Signoret), nega-lhe qualquer relação sexual. Uma noite ela o surpreende com Abigail. Expulsa, esta recorre à feitiçaria para eliminar a rival. Descoberta pelo tio, o reverendo Parris (Jean Debucourt), em meio a um ritual com várias companheiras, Abigail alega estar possuída pelo demônio. Sob seu comando, as outras



representam delírios demoníacos provocados "pelas feiticeiras de Salem".

O pastor Parris, hipócrita que pretende dominar os fiéis pelo medo, não acredita na comédia, mas acha que a ocasião é excelente para eliminar os "cabeças duras" da comunidade — gente como Proctor. Tudo começa com a obsessão sexual de Abigail, mas a histeria coletiva escapa a qualquer controle e as denúncias de feitiçaria se multiplicam. O governador da província, Danforth (Raymond Rouleau), organiza um tribunal especial: o caso das feiticeiras servirá para enviar à fôrça todos os espíritos menos submissos de Salem, garantindo a tranquilidade do Estado e dos ricos. John Proctor obriga uma de suas criadas, Mary Warren, a confessar a maquinação de Abigail. No tribunal, porém, esta readquire seu domínio sobre Mary e destrói seu depoimento. Em último recurso para salvar Elizabeth, John confessa seu adultério. Mas Elizabeth, interrogada em separado, recusa-se a admitir a infidelidade do marido. Ambos são condenados à fôrça.

Um dos acusados morre sob torturas. Os outros se recusam a obter o perdão confessando "atividades diabólicas". Abigail consegue uma visita à cela de John. Se ele confessar, poderão partir juntos para Nova Iorque. John, ainda sob domínio sensual de Abigail e temeroso de morrer com a marca da ignomínia, assina uma "confissão". Mas a destrói, após um encontro com Elizabeth que, por estar grávida, não será

conquiste o

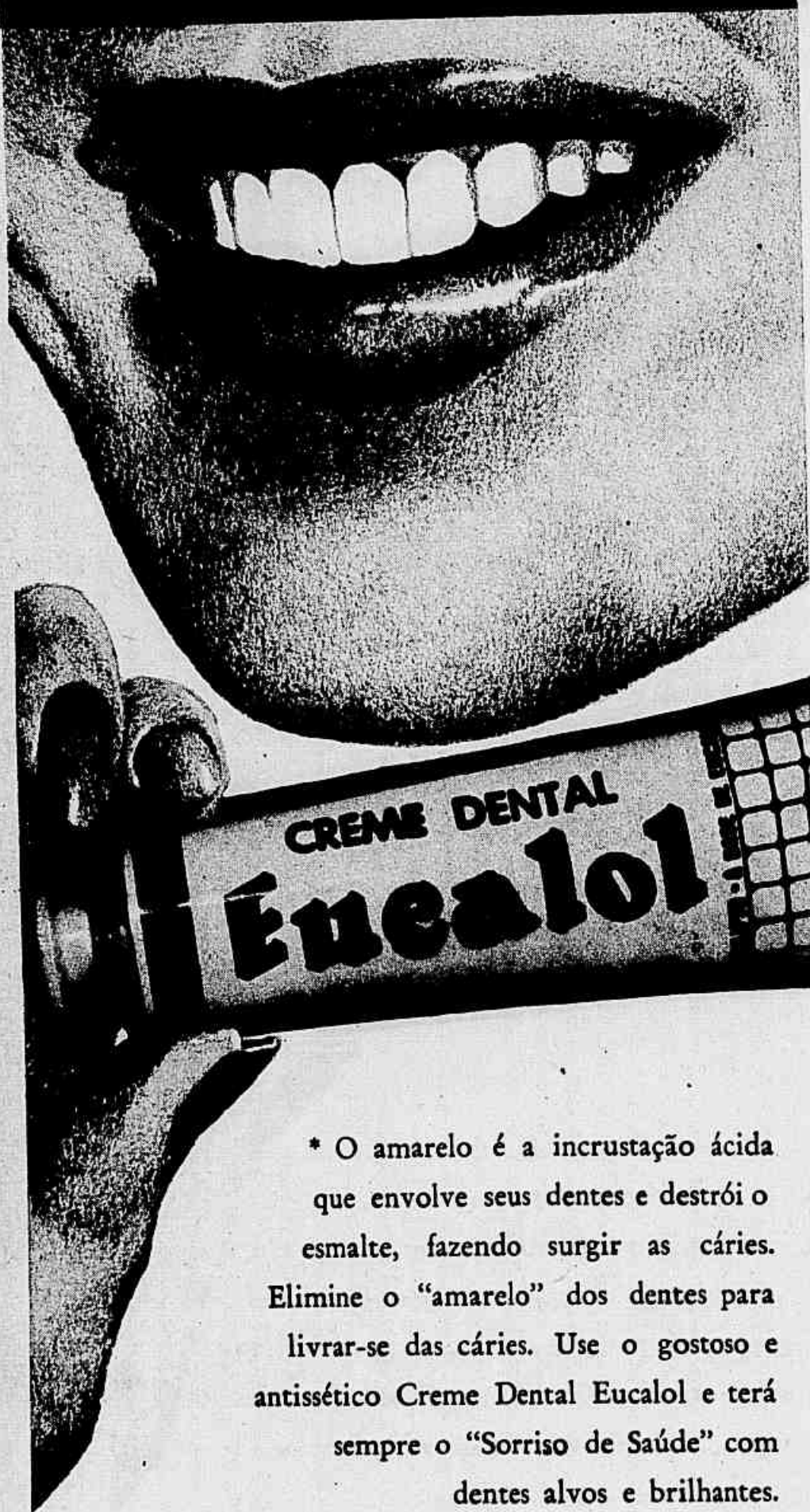
Sorriso de saúde

eliminando o

"amarelo* dos dentes"

com o Creme Dental

EUICALOL



* O amarelo é a incrustação ácida que envolve seus dentes e destrói o esmalte, fazendo surgir as cáries. Elimine o "amarelo" dos dentes para livrar-se das cáries. Use o gostoso e antissético Creme Dental Eucalol e terá sempre o "Sorriso de Saúde" com dentes alvos e brilhantes.

Creme dental

Eucalol

— à base de eucalipto

PRODUTO DE QUALIDADE

MYRTA

Record 3102

enforcada. Ela põe a culpa da tragédia em sua reação frígida ao amor do marido e restabelece a autoconfiança deste. John caminha a passos firmes para o patíbulo, certo de que sua morte terá um significado. Os camponeses invadem a prisão e carregam seu corpo em procissão. A disposição de luta da multidão põe fim ao terror inquisitorial.

A ADAPTAÇÃO acentuou o significado político do drama de Salem, utilizado por Arthur Miller para estigmatizar o "maccarthysmo" — e a intolerância em geral. O filme é muito bem-vindo, pois, a par de sua mensagem universal e intemporal, leva às multidões uma obra de autêntica revolta contra a "caça às bruxas", responsável, em Hollywood, pela perseguição a Chaplin, Edward Dmytryk, John Paxton, Ben Barzman, John Berry, Jules Dassin e outros cineastas de valor, militando hoje, em sua maioria, no cinema europeu. Com a "feitiçaria" de Salem, a "infiltração comunista" de Hollywood serviu como pretexto para prisões e "listas-negras" que amordaçaram pelo terror as vozes livres do cinema. Verdade que, muito antes da morte do senador Mac Carthy, já o "maccarthysmo" fôra compreendido em seu caráter neo-fascista e repudiado pela consciência liberal americana. Mas as sementes de intolerância persistem sob diversos pretextos. Se alguém duvidar, tente exhibir nos Estados Unidos o último filme de Chaplin, "Um Rei em Nova Iorque".

Tendo visto apenas uma vez a versão cinematográfica, não podemos opinar em profundidade sobre as modificações introduzidas no texto de Miller. Uma delas parece-nos excelente: a presença de Abigail até o final e a tentativa de linchamento sustada por Elizabeth ("Ela o amava"). Na peça, Abigail foge com o dinheiro do reverendo Parris.

Outras modificações aumentam a aspereza do libelo: a entrega de muitos diálogos de Parris ao governador Danforth, frisando o significado político-social; a quase eliminação do reverendo Halle (Yves Brainville), "perito em demonologia", personagem moderado que se recusa a aceitar a terrível mistificação.

A DIREÇÃO — Lamentamos o corte de aproximadamente 30 minutos na versão brasileira. Dificilmente, porém, o grande público suportaria um "Sorcieres de Salem" com duas horas e 25 minutos — a duração original. Acreditamos até que o filme tenha lucrado com o corte sob o prisma do impacto emocional. Porque: (A) mesmo como está, sofre com o excesso de incidentes, torna-se monótono, às vezes, em seu ritmo lento; (B) a histeria, as violências, a intensidade dos diálogos, perdem com certos exageros; (C) críticos franceses fidedignos lamentam a excessiva duração da versão original — e dizem que o filme seria melhor com orientação menos grandiloquente; poderia ser mais denso.

Raymond Rouleau se revela diretor de méritos surpreendentes. Não dilui, é claro, o teatralismo da obra. Mas o cinema funciona como veículo com grande poder de evocação. O ritmo é deliberadamente lento, lembrando, principalmente no tribunal e no enforcamento, o clássico "A Paixão de Joana D'Arc", de Dreyer. O tratamento plástico das cenas é motivo para uma análise à parte. A fotografia, com fortes contrastes de branco e preto, acentua o clima de angústia. A composição é inspirada em mestres da pintura, principalmente flamenga (Rembrandt, Le Nain).

A INTERPRETAÇÃO — Simone Signoret é a grande figura: uma de suas melhores "performances". Mylène Demongeot é a grande surpresa. Como atriz, é espantosamente lúcida e segura para sua idade e quase nenhuma experiência. Como expressão de sensualidade, pode pulverizar o trono de Brigitte Bardot. Yves Montand, apesar de seus extraordinários progressos, nem sempre suporta em bom nível o papel árduo de John Proctor. Raymond Rouleau está às vezes artificial como Danforth. Jean Dabucourt é o excelente ator de sempre. Outros foram quase eliminados pelo corte brasileiro, como Alfred Adam, intérprete do burguês Thomas Putnam. Os coadjuvantes funcionam muito bem. E a equipe também tem pontos altos na música de Eisler e nos "décors" de René Moulaert.

da
hn
ua
são
da
ma
o
é
l e
lta
ela
Ben
de
eu.
de
as
hy
leo
Ma
co
Im
nã
tro
ate
ent
gal
en
ort
d
gia
ive
ent
e
du
at
im
com
seu
do
esse
ginal
enc
een-
as o
con-
inel-
isto
laria
ortu
stia.
ipal-
ura:
ngeot
da e
Como
igitte
pro-
urduo
fficial
npre.
como
Os
a tem
René

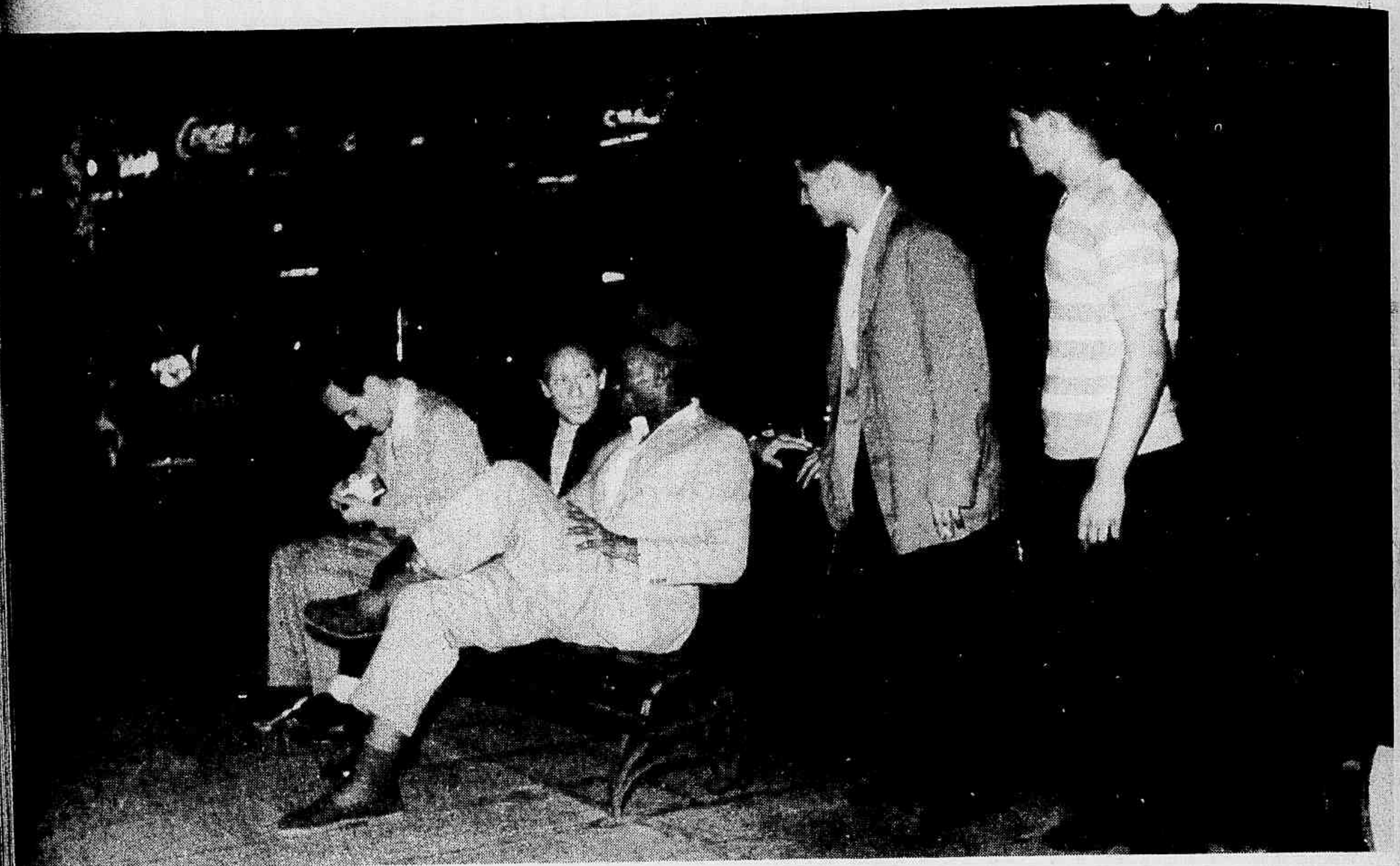


Luizão e seu treinador, Kid Jofre, lendo em jornais uruguaios o desastre de avião ocorrido no Brasil.

BOXE

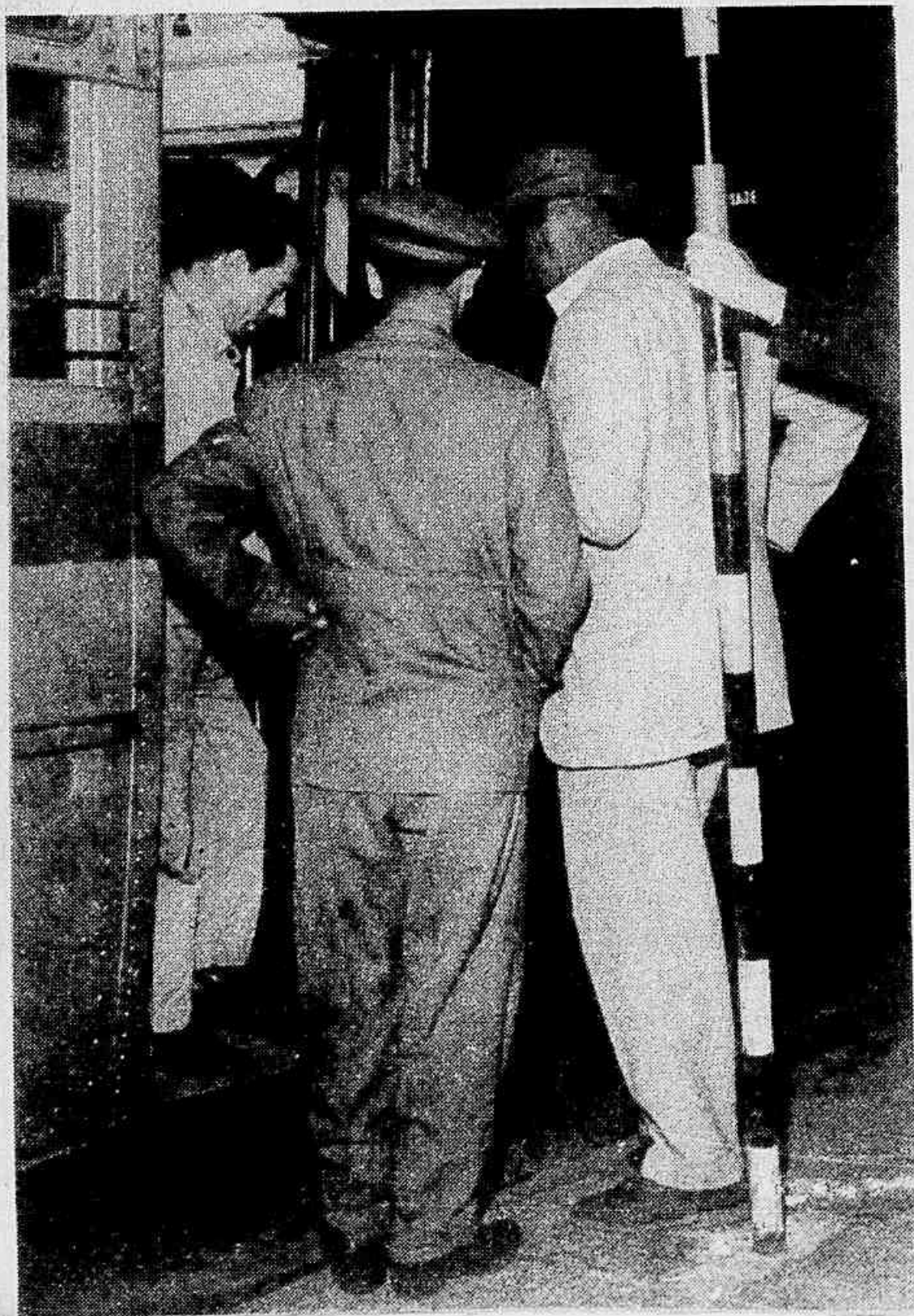
LUIZÃO NÃO LUTOU PRÁ CABEÇA

Luizão levou o box nos punhos e o samb



Luizão e seu treinador passearam em Montevideu e sempre foram acompanhados por fãs uruguaio.

Um autógrafo de Luizão para o trocador de ônibus.



Antes da luta, uma leitura comprada em liquidação.



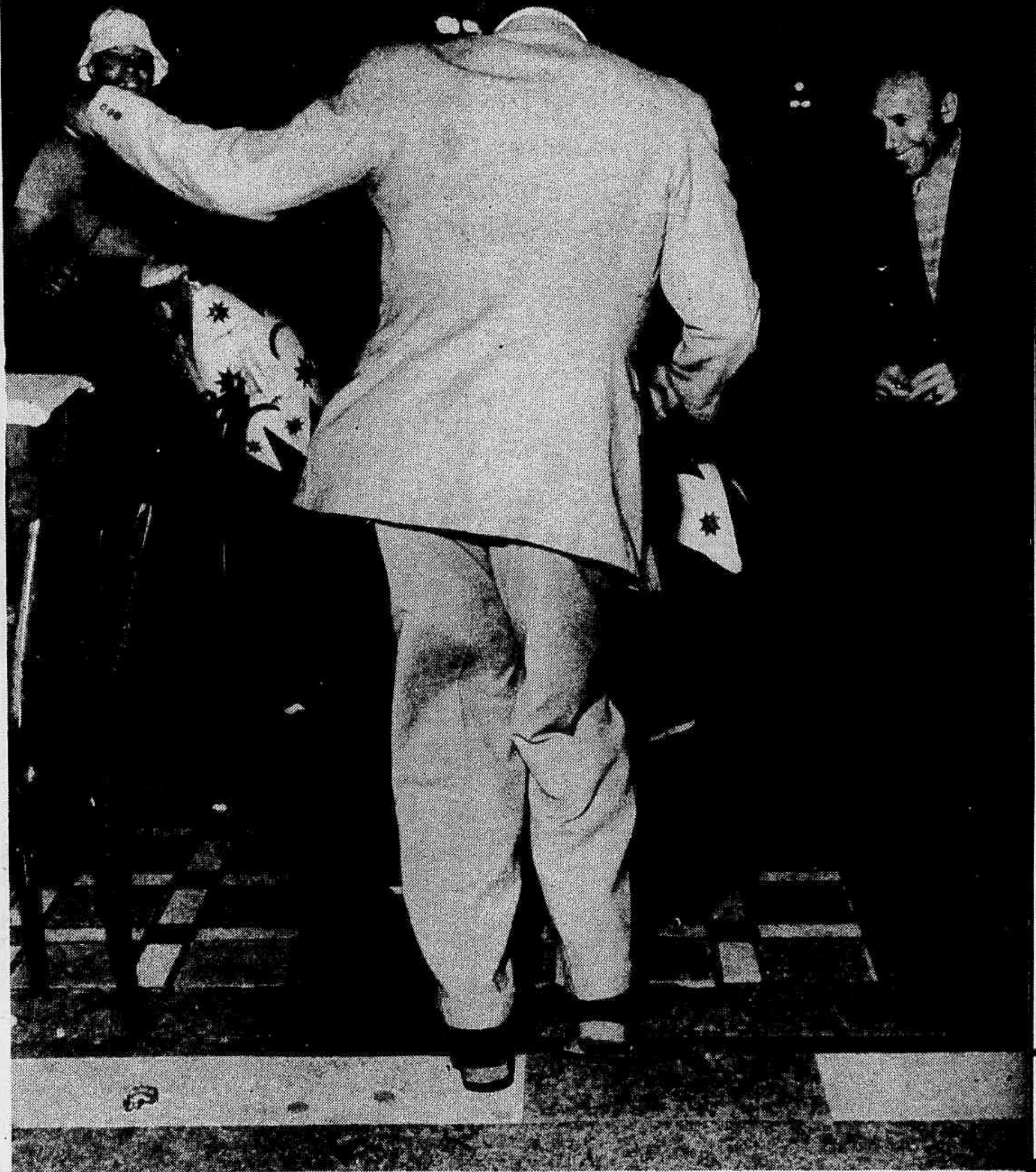
amba nos pés



Luizão troca os pés fora do "ring": dança samba.



Sorrisos para os fotógrafos antes da luta.



O carnaval no Uruguai dura um mês e os uruguayos pediram a Luizão que dançasse o samba.

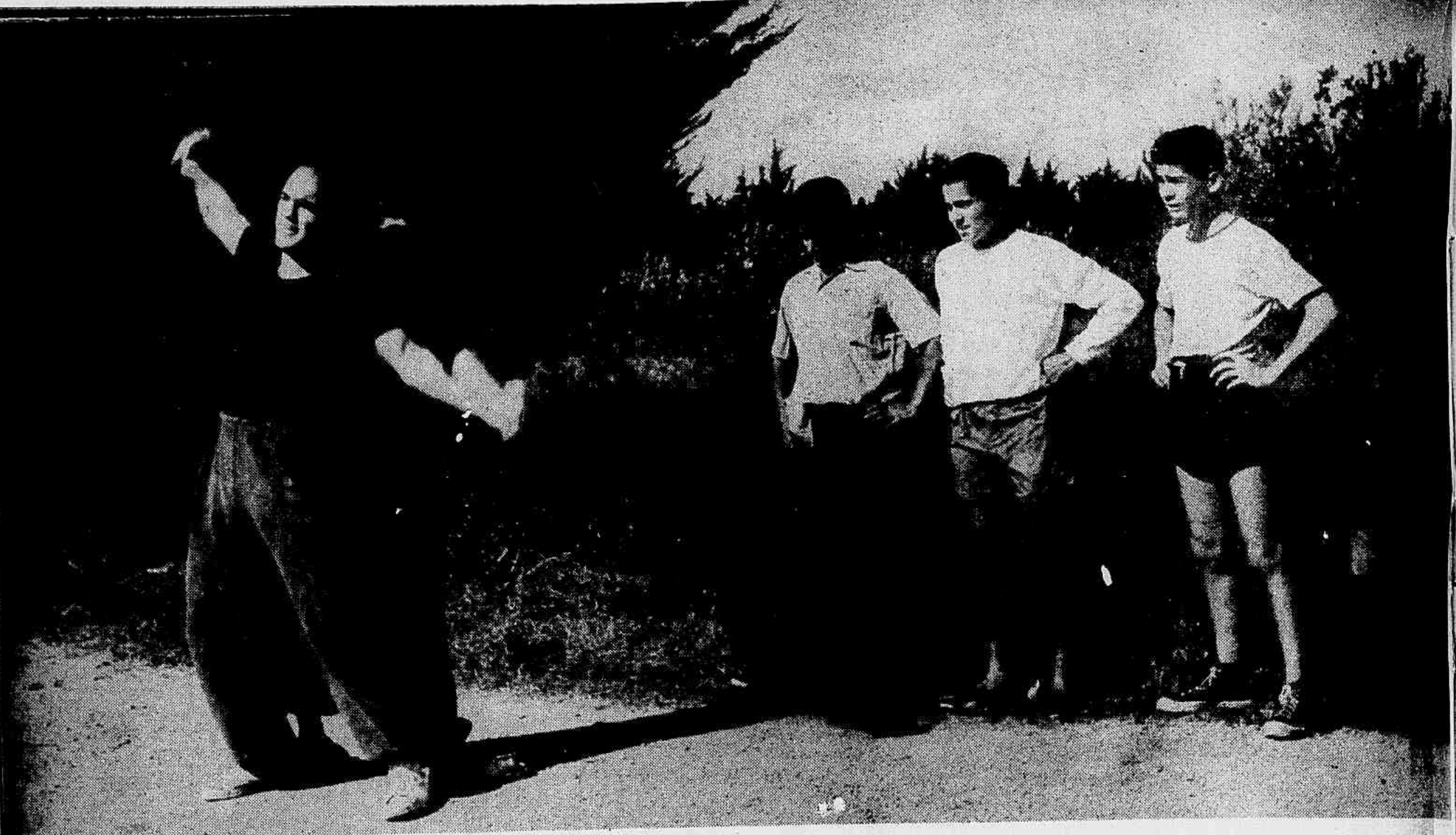
DE MONTEVIDÉU, PELA VARIG

"LUIZÃO não lutou prá cabeça contra Archie Moore porque, para êle, perder por pontos mas agüentar a luta até o fim era uma ótima publicidade" — disse à REVISTA DA SEMANA em Buenos Aires o treinador Kid Jofre, que explicou: — Se êle fôsse prá cabeça talvez conseguisse derrubar o campeão, mas estaria se arriscando a ser nocauteado. Como a luta não valia o título, nós resolvemos não ir prá cabeça".

"Agora, o nosso interêsse é ganhar a luta mesmo que seja por pequena margem de pontos. Luizão não vai se arriscar a beijar a lona e perder a sua oportunidade. Se êle vencer, então sim, na revanche, em São Paulo, tentará nocautear Dogomar".

"Isso não quer dizer que não haverá nocaute. O nocaute não faz parte dos planos de qualquer lutador; é um acontecimento dentro da luta. Mas, se houver oportunidade, Dogomar vai para o chão".

Kid Jofre falou à RS na véspera da luta, que foi transferida da sexta-feira por causa das chuvas em Montevideú.



Dogomar Martinez não se descuidou do treinamento, apesar de estar sendo apontado como o favorito.

"Ninguém conseguiu amassar o meu nariz"

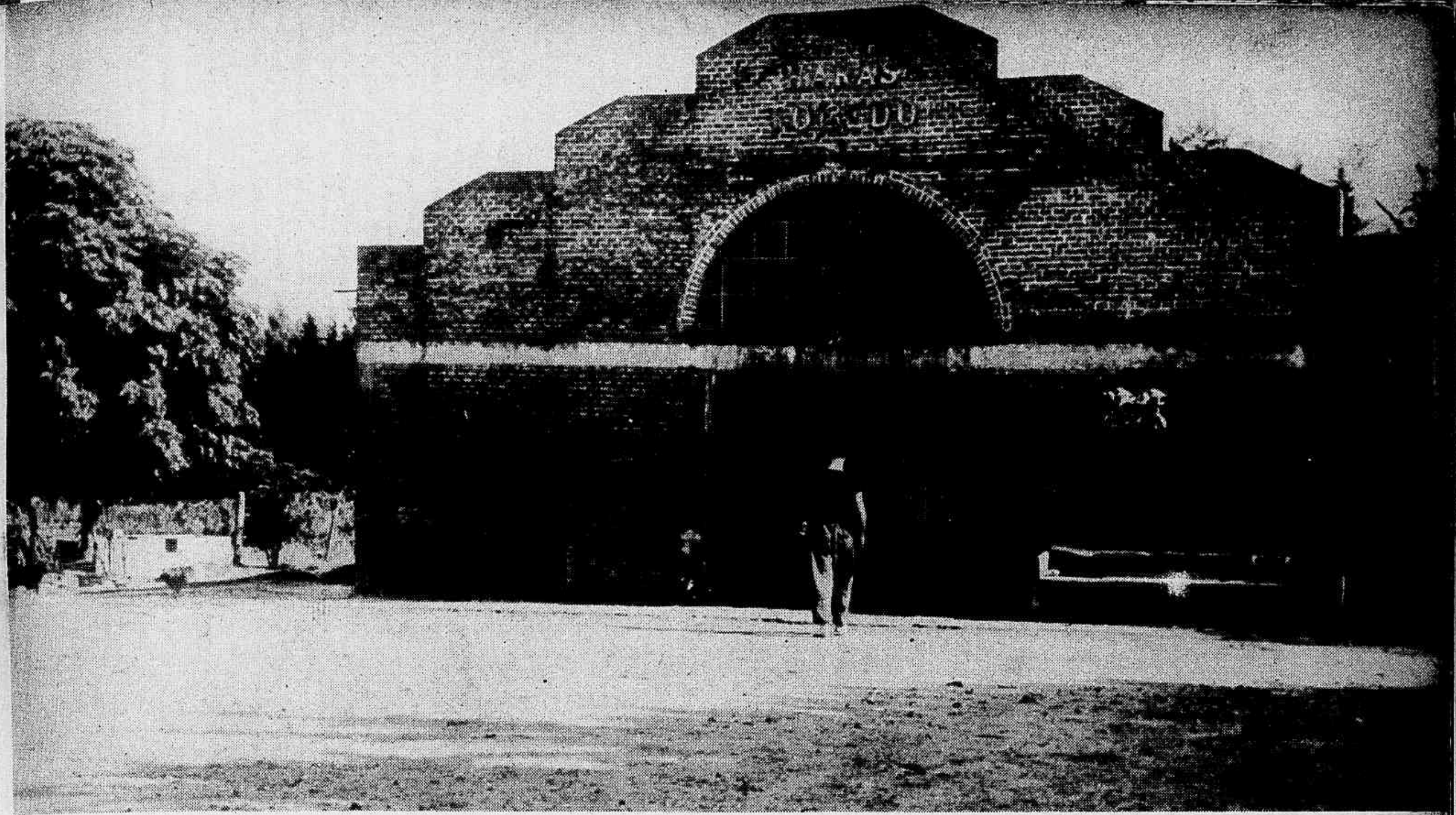


O campeão sul-americano dos meio-pesados é acessível à imprensa, que convida para assistir aos seus treinos.

Na falta de um local coberto que pudesse abrigar um grande público, a luta ficou marcada para o Estádio Centenário, ao ar livre. Com as chuvas a luta ficou (de comum acôrdo) para a terça-feira à noite, se não chover.

Hélio Polito, nosso enviado especial, mandou dizer:

1. A expectativa em torno da luta é muito grande;
2. Dogomar "Dogo" Martinez ou "Galego", como o chama a torcida, é o favorito, a 6x4;
3. Aristides Kid Jofre disse que se não estivesse confiante na vitória não teria trazido Luizão;
4. e desmente que o campeão uruguaio (e sul-americano) tivesse procurado, por várias vezes, fugir da luta, como foi noticiado no Brasil. "Ele não é homem para fugir";
5. transferida a luta, Kid Jofre levou Luizão para Buenos Aires, "fugindo do ambiente da luta, das entrevistas e dos fãs";
6. voltou para Montevideu na segunda-feira à tarde;
7. ambos os treinadores lamentam o adiamento "porque todo o treinamento foi orientado no sentido de dar aos lutadores o máximo na sexta-feira";
8. o treinador de Dogomar diz que "Dogo" está em forma, "como jamais esteve". (O "Galego" está com 28 anos, aparenta ser mais forte que Luizão, é muito simpático e nos recebeu com uma amabilidade enorme);
9. Dogomar treinou numa fazenda a 30 quilômetros de Montevideu;
10. Luizão, em Buenos Aires, foi assistir a uma luta de box entre Selfa e Loayza, pelo título continental dos médios e continuou seu treinamento no Ginásio de Luna Park;
11. os jornais uruguaio noticiaram que Luizão foi para Buenos Aires porque já estava irritado com a espera;
12. embora Dogomar seja o favorito, a grande maioria dos cronistas diz que "de um modo ou de outro a luta deve terminar em nocaute";
13. o único comentarista esportivo que acredita na vitória de Luizão dá como vantagem para o lutador brasileiro apenas uma coisa: a falta de lutadores de categoria que quisessem enfrentar Dogomar, "o que fez com que sua carreira estacionasse".



No seu campo de treinamento, Dogomar Martinez às vezes se isola de todos para bater o saco sozinho.



"Guarde o rosto com a direita, enquanto atacar com a esquerda", diz o treinador para Dogomar Martinez.

Em 1960 o Brasil será o sexto produtor de automóveis do mundo

Ao fim de dois anos de gestão do comte. Lúcio Meira no Ministério da Viação e Obras Públicas, está criada e em pleno funcionamento no Brasil a indústria automobilística brasileira. O quadro abaixo, organizado pelo "Grupo Executivo da Indústria Automobilística", indica os projetos aprovados pelo governo para a produção, iniciada em 1957, de caminhões, jipes e carros de passageiros até 1960.

Fabricantes	1957	1958	1959	1960	Total
CAMINHÕES					
GENERAL MOTORS HD-6 503	5 370	9 840	20 190	29 460	64 860
FORD F — 600	6 000	8 000	13 000	21 800	48 800
F — 350	—	1 600	2 000	2 200	5 800
MERCEDES BENZ L — 312	3 050	1 200	—	—	4 250
LP — 312	1 430	—	—	—	1 430
LP — 315	—	1 000	1 950	3 300	6 250
LP — 321	—	5 880	9 200	9 200	24 280
O — 321 — H (ônibus)	1 050	1 350	3 300	3 900	9 600
FABRICA NACIONAL DE MOTORES Caminhão FNM	3 600	3 600	4 200	6 600	18 000
VEMAG Scania Vabis L — 71	—	360	540	720	1 620
INTERNATIONAL HARVESTER S — 184	—	2 000	3 000	5 000	10 000
INDÚSTRIA NACIONAL DE LOCOMOTIVAS Krupp Mustang	—	300	800	1 200	2 300
TOTAL	20 500	35 130	58 180	83 380	197 190
JIPES					
WILLYS OVERLAND	8 900	12 950	15 000	15 000	51 850
VEMAG DKW	500	1 400	2 300	3 050	7 250
M.B.A. ROVER	—	1 500	3 000	4 800	9 300
TOYOTA	600	1 820	3 180	4 500	10 100
TOTAL	10 000	17 670	23 480	27 350	78 500
UTILITARIOS					
FORD — F-100	2 250	3 000	4 000	6 000	15 250
CHEVROLET 3104	—	2 520	4 512	6 576	13 608
VEMAG DKW	500	1 100	1 200	1 200	4 000
VOLKSWAGEN KOMBI	4 000	5 500	7 000	9 000	25 500
CAMIONETA RURAL WILLYS	—	4 410	10 464	10 944	25 818
TOTAL	6 750	16 530	27 176	33 720	84 176
AUTOMÓVEIS DE PASSAGEIROS					
VEMAG DKW	750	2 500	4 250	5 500	13 000
FABRAL AR 102/B	—	—	3 900	6 000	9 900
VOLKSWAGEN	—	5 000	9 000	15 000	29 000
ROMI BMW	—	1 400	2 800	4 300	8 500
N.S.U.	—	400	3 600	6 000	10 000
MERCEDES BENZ	—	5 000	9 000	12 000	26 000
SIMCA	—	3 000	6 000	12 000	21 000
BORGWARD	—	1 500	3 500	5 000	10 000
CHRYSLER-WILLYS	—	3 000	19 000	22 000	44 000
TOTAL	750	21 800	61 050	87 800	171 400
GRANDE TOTAL	38 000	91 130	169 886	232 250	531 266

ANGELA MARIA VAI ser vítima da publicidade. Devendo mais de Cr\$ 2 milhões de Imposto de Renda, vai ser processada. O processo — que já está sendo armado no Ministério da Fazenda — é parte de uma série que visa, principalmente, fazer publicidade do aparelho arrecadador e de seus métodos.

Esta série de processos (um por mês) vai estourar como uma bomba e servirá também para que não se diga que "os grandes não pagam imposto".

A "REPORTAGEM SOCIAL" do sr. Ibrahim Sued, agora redigida pelo sr. Roberto Marinho, noticiou: "Está sendo considerado como o maior acontecimento social da temporada o casamento de Ibrahim Sued, o colunista número um do país, com a senhorita Glorinha Drummond".

"Esse casamento marcará o início da "season" e as elegantes da sociedade carioca já comparecerão de "robes-saco" e "trapézio". Os principais semanários da cidade — "Cruzeiro", "Manchete" e "REVISTA DA SEMANA" — farão a cobertura".

Nós estaremos lá, na primeira fila.

Posso adiantar que I.S. vai ter também cobertura internacional.

Sua "despedida de solteiro" foi movida a Jorge Guinle e Mariozinho de Oliveira. O grupo ainda contava com Carlos Peixoto, Francisco Herrera, Carlos Niemeyer, João Neder e Carlos Aquiles.

Chuca-Chuca entrou com a música.

Mariozinho contou uma anedota sobre "lua-de-mel" que eu não posso repetir, e que deixou Ibrahim Sued um pouco encabulado.

Mais detalhes do casamento:

O civil foi na terça-feira, na casa do escritor Otávio Alvarenga (conjunhado de Ibrahim). Padrinhos deles: o casal Antônio Sanches Galdeano e Fernando Aguinaga; dela: o casal Carlos Goulart, a srta. Maria da Conceição Drummond e o sr. Alberto Sued.

O religioso foi na quinta-feira, na Capela da Reitoria da Universidade do Brasil. Oficiou: D. Hélder Câmara. Padrinhos dele: casal Roberto Marinho, viúva Coutinho Drummond e o sr. Eduardo Bahout; dela: casal Guilherme da Silveira e casal senador Gilberto Marinho.

A capela estava decorada pela Lafort. Interessante é que quando "virou moda" casar na capela da Praia Vermelha, Ibrahim criticou os casais que "faziam moda em assunto sério como o casamento".

O sr. Roberto Marinho diz que "embora Ibrahim Sued tenha entrado em férias" não acredita que "mesmo em lua-de-mel deixe de enviar crônicas da Europa".

E aposta.

Lady Maxwell também aposta.

COMO EU, os astrólogos e os médicos previmos, nasceu Albert Alexandre Louis Pierre, o filho de Gratia Patrícia de Mônaco (née Grace Kelly). Assim, Madame Caroline deixou de ser a herdeira do

trono. Madame Caroline, vocês sabem, é a primeira filha de Grace.

"Bebert" — como os monegascos estão chamando o bebê que será o 32.º príncipe soberano de Mônaco — nasceu com quase 4 quilos e ganhou o título de marquês de Baux.

Grace não quer mais filhos, "por enquanto".

OS COLUNISTAS de São Paulo estão muito aborrecidos com o Departamento Nacional de Endemias Rurais. Imaginem que esse departamento disse que em São Paulo há dois ratos para cada habitante. Isso foi muito assunto esta semana.

A CHAMADA "Lei Afonso Arinos", que proíbe a discriminação racial, está sendo muito desrespeitada nas "boites" e nos hotéis luxuosos do Rio e de São Paulo. Pior do que isso é que nos colégios de freira também estão impedindo meninas pretas de estudar.

SORAIA ESFANDIARY, ex-imperatriz Soraia do Irã, ganhou dez milhões de "rials" com o divórcio, a título de indenização, o que é uma pequena fortuna. Além disso, o Xá fez questão de dar uma renda mensal (quantia não revelada) à mulher que teve de repudiar por questões de Estado.

As grandes agências noticiosas já ofereceram milhões de dólares pelas memórias de Soraia.

HÉLIO POLITO, um dos nomes do Departamento Especializado, foi a Punta del Este e manda dizer: "Linda Christian não estava mais aqui. Dizem que ela namorou um milionário uruguaio. Ela disse a jornalistas que o Baby casaria com ela, o que podia até apostar".

Da carta que ele me escreveu:

"Fotografei aqui uma moça de biquíni. Quando lhe disse que ela era a mulher mais bonita do Festival (frase que nós do D.E. usamos muito), ela respondeu: Isto não sei. Mas, pelo menos, sou a mais despida".

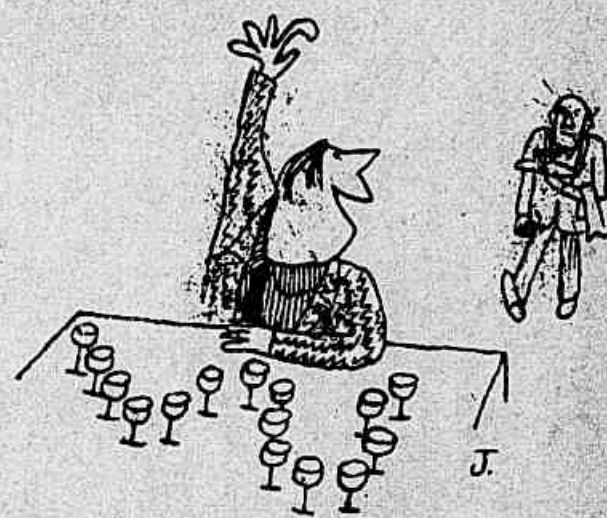
O nome da moça: Sônia Roth, que um dia dêsses aparecerá na R.S.

PODEMOS INFORMAR que o casamento de Antonela Lualdi vai mal. Talvez ela chegue aqui no Rio sem o marido. Ainda coisas do Festival.

NÃO FOI confirmado o romance da loura Kim Novak com o cantor prêto Sammy Davis Jr.

PETER, O CRONISTA da "Tribuna da Imprensa", não noticiava nada que fôsse "menos decente". Recusava-se até a dar "furos" sobre desquites. Mas agora resolveu "dar tudo o que fôr notícia". Motivo: descobriu que as pessoas da sociedade que pretendia proteger "não se importam com isso, antes pelo contrário".

VAI HAVER MUITA briga quando vier a público uma lista que revela quais são



Lady Maxwell informa

as pessoas "primeiro time" na sociedade. Essa lista divide a sociedade brasileira (e não só a carioca) em vários times.

Há muita gente que aparece normalmente como titular e que está escalada como reserva do terceiro time.

CACILDA BECKER levou 15 anos sonhando com a sua própria companhia de teatro. Agora, na estréia, entregou o papel principal à sua irmã. O conselho foi de um técnico em promoção.

A VIÚVA DE Humphrey Bogart, sra. Lauren Bacall, casou-se com o maior amigo do seu marido, o cantor e ator Frank Sinatra.

O casamento foi realizado em Miami Beach, na Califórnia, onde Lauren Bacall está atuando num clube noturno.

O DEPUTADO RENATO Archer, que também é oficial de Marinha, vai casar com uma senhora brasileira, casada em primeiras núpcias com um diplomata.

O PINTOR CANDIDO Portinari está irritadíssimo com a diretoria da NOVA-CAP. Pediram-lhe desenhos para uns azulejos, o desenho foi feito, mas a confecção em Portugal deveria demorar mais de três meses. A encomenda foi desfeita porque Brasília não pode esperar. Portinari diz que não fará mais qualquer serviço para Brasília.

EXTRA

NA SEMANA QUE PASSOU aconteceram coisas no sub-mundo do café. As mais importantes delas foram os almoços do presidente da República, ministro da Fazenda e presidente do IBC com delegações de exportadores do Rio de Janeiro e de Santos, em Petrópolis, precedido de outro, no Country Club, do ministro com exportadores.

Entre os dois almoços surgiram três fórmulas capazes de concretizar aquela "alguma coisa" da disposição oficial:

1. **Elevação do dólar-café:** com isso o comércio poderia pagar ao lavrador preços de competição com as bases garantidas pelo IBC e exportar às cotações internacionais, respeitando as bases de registro em cruzeiros estabelecidas pela autarquia cafeeira.
2. **Redução das bases de registro:** o comércio poderia exportar às cotações internacionais e, efetuando a conversão das divisas obtidas à taxa de Cr\$ 37,06, alcançar a base de registro.
3. **Tolerância no faturamento das exportações,** podendo o exportador subfaturar, podendo pagar os preços internos ao lavrador, vender aos preços internacionais e, aparentemente, respeitar as bases de registro.

SIGNIFICAÇÃO DAS FÓRMULAS

A primeira fórmula corresponderia a mais uma desvalorização informal do cruzeiro, pois implicaria na ampliação da bonificação por dólar-receita de café. Assegurando mais cruzeiros ao exportador, dar-se-ia a este recursos para competir à base dos preços internacionais. A segunda fórmula, por seu lado, implicaria no rebaixamento da base de registro (preço mínimo de exportação) fixada segundo normas estabelecidas no começo da safra (1.º de julho de 1957) e que tem sido um dos cavalos de batalha. O rebaixamento dessa base restauraria a diferença de preços entre os cafés do Brasil e da Colômbia. No momento, contrariando as leis econômicas, os cafés colombianos (tipo Manizales) são vendidos a preços mais baixos que os brasileiros tipo Santos 4. A terceira fórmula, finalmente, permite a manutenção de toda a estrutura da política cafeeira do governo, o que dá material para falas na televisão, entrevistas e notas oficiais mas... compensa bem tudo isso porque faculta o subfaturamento. É tal como se disséssemos que o governo fraudava o governo.

CONSEQUÊNCIAS

Consequências? Há, sim. O dólar que andava pelas alturas, a Cr\$ 112,00, baixou a Cr\$ 104,00; o comércio de café se reanimou e embora o Centro do Comércio do Café do Rio de Janeiro tenha divulgado uma nota onde diz que dos contatos havidos "ficou evidenciado o propósito do governo de não alterar a sua orientação quanto à política cambial e cafeeira do país", está se praticando outra vez a fraude do subfaturamento: um café de tipo melhor faturado como se fôsse de

O café

tipo inferior, com base inferior, tendo seus tipos revistos no destino e sendo a diferença de tipos paga por fora, em espécie boa, que vem alimentar o mercado livre. Esses dólares, de acordo aliás com autorização da SUMOC (Instrução n.º 150), podem ser negociados através de corretor com omissão do nome do portador e todas as garantias do sigilo bancário.

Enquanto isso, na Bolsa de Nova Iorque, as atenções estão voltadas para o Contrato Santos de que, no mês corrente, devem ser liquidadas posições na sua maior parte de responsabilidade de compradores do governo brasileiro. Ampliaremos os nossos estoques naquela cidade.

POSIÇÃO DOS ESTOQUES

Estatisticamente a posição é a mais difícil possível face à conjuntura. Enquanto, nos primeiros oito meses da safra

NOSSO PRÓXIMO NÚMERO

0

D. E.

(Departamento Especializado)

Vai a Punta del Este



1956/57 exportamos 11,3 milhões de sacas de café, em igual período da safra 1957/58 embarcamos somente 9,2 milhões. Dos 2,1 milhões de sacas a menos, 1,5 milhão cabe apenas aos meses de janeiro e fevereiro de 1958. Estima-se que, a 30 de junho vindouro (último dia do ano cafeeiro) teremos em casa remanescentes no total de 13,0 milhões de sacas. A colheita vindoura está sendo estimada em 24,0 milhões de sacas que, somadas àqueles excedentes, fazem uma disponibilidade de 37,0 milhões de sacas, das quais exportaremos e consumiremos cerca de 15,0 milhões, ficaremos, em 30 de junho de 1959, com 22,0 milhões de sacas.

A DIFERENÇA ENTRE COLÔMBIA E BRASIL

A este último número, aliás, chegou d. Manuel Mejia em sua carta, escrita do Rio de Janeiro para Bogotá e divulgada depois de sua morte. Na sua opinião, aliás, a situação é muito séria e as soluções difíceis. "Qualquer caminho que eles tomem — dizia d. Mejia — trará grandes dores de cabeça". Na sua opinião a única diferença entre a situação do Brasil e a da Colômbia é que a Colômbia tem um plano definitivo. "... aqui eles não o têm e quando se pergunta algo oficial, a resposta é que, cedo ou tarde, os americanos terão de ajudá-los, pois não poderão permitir que um país desse tamanho caia em uma crise tal que sua população poderia voltar-se para o comunismo, o que seria fatal para toda a América".

Desta filosofia parece que é filha aquele propósito do sr. José Maria Alkmim, manifesto nestes dias, de que venderemos tudo a quem quiser nos comprar, até à União Soviética.

Gente

O "WASHINGTON POST" prevê para março a queda de Batista. A RS previu, quando Perón caiu, a queda de Jimenez; e quando este caiu anunciamos a queda do ditador cubano "em seis meses". Fidel Castro, o líder revolucionário, diz que "não é para amanhã", mas que os jornalistas já podem preparar as manchetes.

ROCKY MARCIANO recusou Cr\$ 125 milhões (1 250 000 dólares) para voltar ao ringue e disputar o título de campeão mundial a Floyd Patterson.

FANGIO ACEITOU o desafio dos norte-americanos, que pretendem não reconhecer o seu título de campeão mundial de automobilismo e vai correr em Indianópolis.

KATCHALIN, TÉCNICO da seleção russa de futebol, levou seus jogadores para treinar na China, em lugar isolado, onde as condições de campo e clima "se aproximam bastante" das da Suécia. Filmes da temporada do Dínamo no Brasil são exibidos e estudados a fundo.

MAYSA MONJARDIN (ex-Matarazzo), cantora de música popular, vai fundar um partido político. O nome: Partido Feminino. Programa: "elevar a mulher brasileira à plenitude de suas condições cívicas e políticas".

Maysa não aceitou o convite para se candidatar a uma cadeira na Câmara dos Vereadores do Distrito Federal, dizendo que se fôr candidata a qualquer posto eletivo escolherá São Paulo e o partido do sr. Ademar de Barros.

DEPOIS DE ESCREVER 50 laudas dizendo que ia afinal dar a sua sentença no processo de Luís Carlos Prestes, o juiz Monjardin Filho (Terceira Vara Criminal) resolveu escrever mais 25 páginas.

A causa da demora: o juiz só começa a trabalhar no processo de Prestes às 21 horas e deita-se antes da meia-noite.

OS TRABALHISTAS INGLÊSES pediram a renúncia do gabinete MacMillan, depois que os conservadores sofreram



Com tempo feio, bandeiras do Brasil-República, câmaras de tevê e sob as vistas do general Osório (já desencalhado), dom João VI desembarcou sábado na Praça Quinze, no que poeta Tiago de Melo disse ter sido "uma fiel reconstituição histórica" do episódio de oito dias antes, há 150 anos. Dom João foi o ator Jaime Costa, que tem a idade do pai do outro e Carlota Joaquina foi a atriz Maria Fernanda, que é bonita, ao contrário da outra. Quebrando a "fidelidade histórica" dom João não comeu frangos, dizendo-se que Jaime Costa não estava bom do estômago. Muitos historiadores ficaram profundamente irritados com a "reconstituição", dizendo que estava tudo errado e que "aquilo era puro circo". O historiador Gustavo Barroso não teve tempo de ficar irritado: estava com medo que algum fogo de artifício queimasse o pátio (única coisa autêntica na Praça) que poeta Tiago conseguiu tomar-lhe emprestado.

uma derrota na votação de rotina realizada na semana passada. A derrota dos governistas foi pela contagem de 158x155 e a lei que eles votavam era a seguinte: os maridos devem sustentar suas espôsas, caso eles vivam fora do lar.

Esta foi a primeira derrota dos conservadores desde as eleições gerais de 1955 na Inglaterra.

ENQUANTO O PADRE Ramon Talavera pedia liberdade e democracia para o povo paraguaio, a polícia do presidente Strossener dava tiros na porta da Igreja, dispersando a multidão e ferindo dezenas de pessoas.

Aí o padre disse em alta voz: "É por isso que peço liberdade!"

Esse padre (27 anos) está tentando organizar um movimento para derrubar Strossener.

UM HOMEM louro, de 43 anos de idade e muito bem trajado, invadiu, na semana passada o quarto da princesa Margaret Rose, da Inglaterra, no Palácio Real de Buckingham.

Imediatamente os guardas do palácio e a guarda pessoal da princesa entraram em ação, mas o homem era muito forte e estava com muita raiva: bateu nos guardas, conseguiu derrubar alguns deles, passou por cima da cama da princesa, depois subiu uma escada e foi até o telhado do palácio onde sentou-se e ficou durante alguns minutos ameaçando jogar-se lá de cima. Mas a polícia conseguiu prendê-lo.

Afirma-se em Londres que o caso do homem louro (que os ingleses chamam de louco) está intimamente ligado às ameaças que Margaret vem recebendo ultimamente para que não realize a programada viagem às Índias Ocidentais Britânicas.

Embora Meg não estivesse no seu quarto quando o homem entrou lá, a Scotland Yard (que diante das ameaças passou a protegê-la) reforçou o círculo em torno da princesa para evitar novos e desagradáveis incidentes.

UM FOLHETO IMPRESSO em papel "couché", com um

diálogo entre um "ladino" e um "magistrado" está sendo distribuído reservadamente aos funcionários do Itamarati.

O título: "Não se compra o Brasil por 30 dinheiros".

Assunto: reatamento de relações com a União Soviética.

No diálogo o "ladino" é a favor do reatamento e apresenta uma série de razões. E o "magistrado" é contra e também apresenta suas razões em linguagem doutoral e (no folhetim) acaba vencendo.

O folhetim (que é muito enfeitado, tem uma fitinha azul e outra vermelha) não traz a assinatura de ninguém.

O ministro Macedo Soares foi o primeiro a recebê-lo.

O PRESIDENTE DA República Árabe Unida, coronel Gamal Abdel Nasser, assinou um decreto dissolvendo todos os partidos políticos da Síria.

ANITA LEOCADIA PRESTES, filha do líder comunista Luís Carlos Prestes, já é brasileira: ela nasceu num campo de concentração da Alemanha, onde sua mãe estava internada por ordem da Gestapo. Em 1949 seu pai requereu à Justiça "nacionalidade brasileira" para Anita e agora, que ela completou a maioridade (21 anos) prometeu "renunciar solene e expressamente a qualquer outra nacionalidade que resultar do fato de haver nascido fora do Brasil, o que ocorreu, como é público e notório, contra a vontade de seus pais".

E com essa declaração Anita tornou-se brasileira.

DEPOIS QUE OS padres católicos recusaram-se a dar-lhes a bênção nupcial, casaram-se no 17.º Distrito da Prefeitura de Paris a escritora da Juventude Transviada da França, Françoise Sagan (22 anos) e o editor Guy Schoeller (43 anos).

Sagan confessa-se sem religião e foi por isso e mais porque os seus livros revelam uma "nihilista" que a Igreja não quis de forma alguma realizar o casamento.

Ela casou-se de vestido bege e estava muito tímida.

OUTRO CASAMENTO: a viúva de Humphrey Bogart, sra. Laureen Bacal casou-se com o maior amigo do seu marido, o cantor e ator Frank Sinatra.

O casamento foi realizado em Miami Beach, na Califórnia, onde Laureen Bacal está atuando num clube noturno.

KRUSHEV REVELOU que já jogou futebol, na posição de meia (esquerda): "Gostava da posição porque ela não é inteiramente ofensiva nem inteiramente defensiva".

AS IGREJAS católicas, na Itália, estão de luto pela condenação do bispo de Prato. Isto veio agravar a crise. Por outro lado, a recusa dos prefeitos democrata-cristãos de fazer casamentos civis foi interpretada como interferência do Vaticano nos negócios internos italianos. (O Vaticano havia aconselhado aos prefeitos a não fazerem os casamentos nas Prefeituras, uma vez que os casamentos na igreja valem no civil). Alguns deputados esquerdistas já pediram a denúncia do Tratado que garante a soberania do Vaticano, pedindo que "o Papa vá fazer o seu Estado em outro lugar".

A RADIO DE MOSCOU censurou as jovens russas que andam requebrando. "Menear os quadris — segundo a emissora oficial soviética — é um vício das moças capitalistas e não é uma coisa elegante". Segundo a mesma fonte, as capitalistas requebraram, a princípio, por necessidade, "devido aos saltos ridículos e muito altos que usavam".



MERCEDES

BENZ

O avarento não era tanto assim

COMEÇOU BEM o Teatro Cacilda Becker, apresentando "O Santo e a Porca", de Ariano Suassuna. Esse autor fez reviver um velho tema de Plauto, transportando a cena para o nordeste brasileiro, comprovando o seu talento como teatrólogo.

Com isso, entretanto, não afirmamos que a peça seja perfeita. "O Santo e a Porca" narra a história de Euricão Engole Cobra, o avarento que dedicou grande parte de sua existência a juntar dinheiro, sacrificando-se e aos membros de sua família. Depois de uma série de imprevistos, caba por saber que todo o seu trabalho fôra inútil, tendo sido "traído" pelo objeto amado, como afirma Suassuna.

Dentro dessa história, aparecem vários tipos: Caroba, a matuta esperta e responsável pelas tramas, um verdadeiro arlequim travestido. Há Pinhão, seu noivo, um caipira de voz macia, calmo e também ladino. Benona é uma solteirona, irmã do avarento que acaba "fisgando" o fazendeiro Eudoro Vicente. Completando os personagens, Margarida e Dodó, que não são tipos, mas apenas a dupla romântica da história.

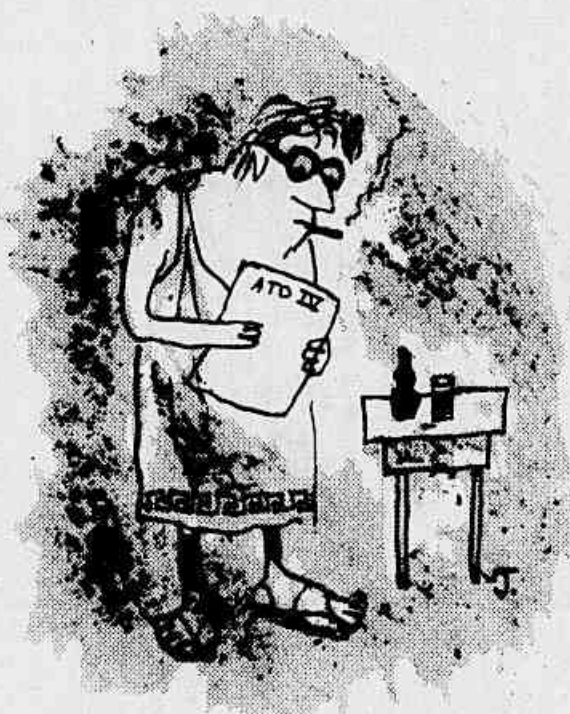
O autor compôs uma obra muito divertida, explorando com habilidade os diálogos, urdindo com felicidade as cenas e jogando os tipos bem marcados. De um tema já explorado pela literatura mundial, conseguiu uma composição interessante, original (a intervenção de Santo Antônio foi muito bem imaginada) que cumpre o principal objetivo de um teatro de qualidade.

Os defeitos que observamos em "O Santo e a Porca" não chegam a desmerecer a obra. Inadmissível, nos parece, que um avarento sempre imaginando ladrões para o seu cofre (uma porca de madeira de tamanho pequeno), deixe-o na sala de visitas de sua casa às vistas de todos; não convence a desculpa de que tratado o tesouro dessa forma, jamais levantaria a suspeita do seu conteúdo. O simples fato de ser Euricão um avarento, o obrigaria a esconder muito bem a sua

burra. O final da peça poderia ser cortado, evitando a conclusão da moralidade num tom melodramático que desafinou do todo do espetáculo.

A direção de Ziembinski seria perfeita, não fôssem tão longas as cenas dos desencontros de Dodó e Eudoro e Euricão e Pinhão, que perderam o efeito da comichidade pelas demoras.

Gianni Ratto explicou a sua concepção para o cenário, realmente de muito bom gosto, embora pudesse ter maior efeito



se ao invés de cortinas usasse portas com fechaduras, visto que a idéia de "tranca" está muito ligada ao texto, convencendo muito mais o cenário realista.

A parte da interpretação foi excelente. Ziembinski juntou mais um intérprete à galeria de tipos, com Euricão. Pena que algumas vezes falasse tão apressadamente a ponto de prejudicar a dicção. Cleide Iáconis reafirmou o talento em Caroba, travestida na mulatinha cheia de truques, tão diferente de suas criações até então apresentadas. Walmor Chagas explorou com muito acerto o Pinhão, Cléber Macedo e Jorge Chaia renderam o máximo em Benona e Eudoro, arrancando, principalmente a atriz, boas

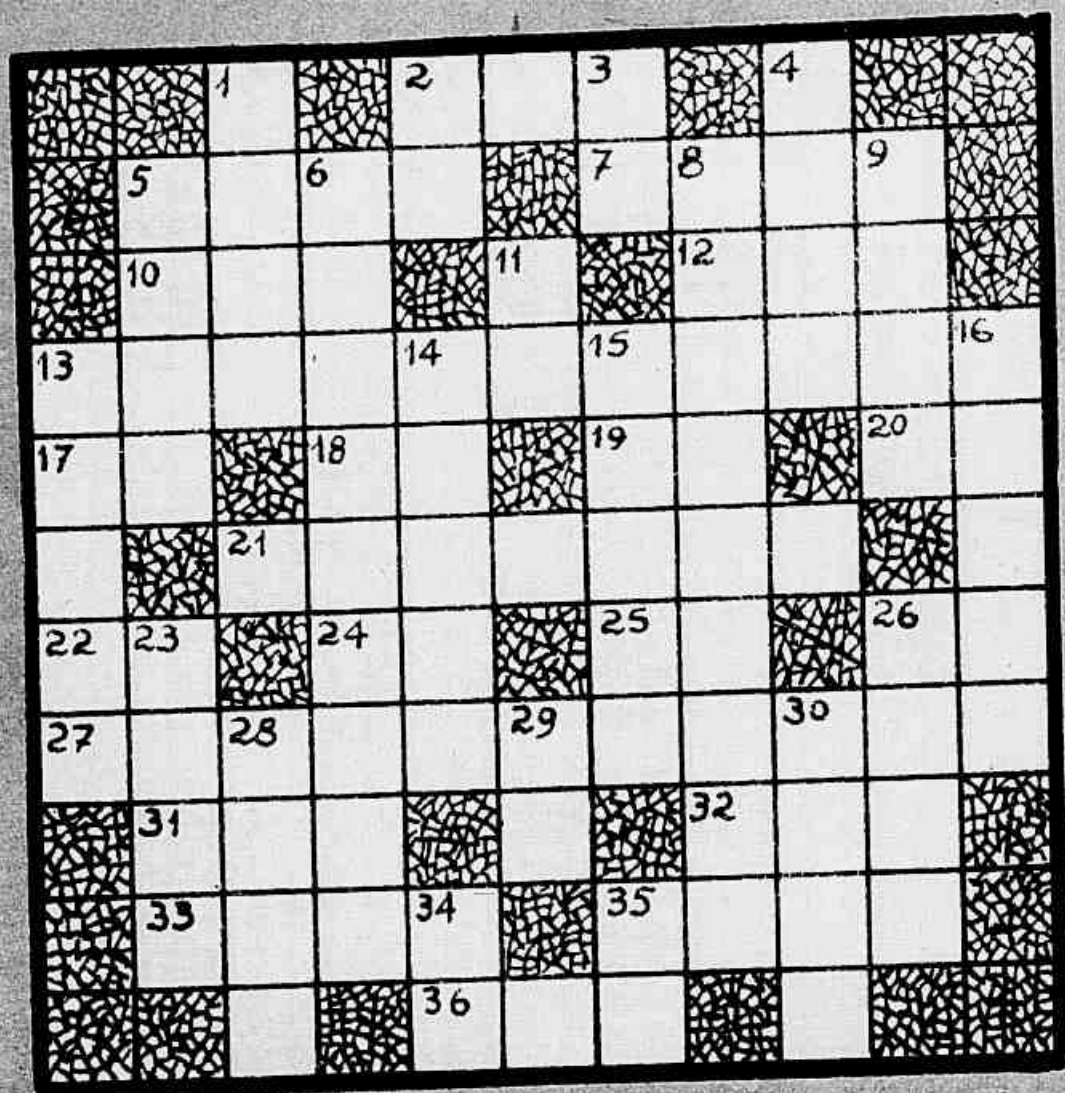
gargalhadas. Em interpretações menos brilhantes estão Cacilda e Freddy Klee-man, não por falta de talento, é claro, mas por força das limitações dos papéis.

"TIMBIRA"

DESILULIU-NOS Eva e seus artistas na estréia deste ano no Teatro Serrador. Estava acostumada a encenar textos dirigidos a um determinado público, apresentando-os com um elenco bastante despretencioso. Isso, anos a fio. De repente, o empresário Luiz Iglésias resolve substituir todos os seus contratados por elementos com experiências de grupos mais categorizados, dando a impressão de "atualizar-se" com o teatro que, felizmente, já se faz hoje em dia no Brasil. Cerca-se de Jardel Filho, Beatriz Veiga Paulo Padilha, Edmundo Lopes e outros, fazendo-os estreiar com "Timbira", de autoria do empresário. Essa peça, primaríssima, representa um retrocesso mesmo na classe dos espetáculos que Eva sempre apresentou. É lamentável ver-se um texto tão bisonho, desempenhado por artistas de certo nível. Sem exceção, todos pareceram ridículos e até certo ponto irresponsáveis aceitando os papéis que lhes foram distribuídos. Mesmo Eva, num papel que foi idealizado para seu temperamento, regrediu como atriz, parecendo-nos que a direção de Jardel Filho não soube aproveitar o melhor de sua vocação artística.

"Timbira" não resiste a nenhuma análise. Resta-nos a esperança de que os próximos espetáculos de Eva melhorem em texto, impedindo que os seus atuais artistas se percam no caminho do mau teatro.

VOLTANDO ao Santo e a Porca: na reportagem em que apresentamos a peça (RS., março 8) Plauto saiu como grego. A frase original era: "Dos gregos a Plauto e a Suassuna, o pau-de-arara, através de Molière". O espaço não deu. Corta que corta saiu: "Do grego Plauto a Suassuna, o pau-de-arara".



PROBLEMA N.º 25 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 2. Cruz em que Cristo foi pregado — 5. Terra nova e arroteada de fresco — 7. Estreito — 10. Povoação de Portugal, na freguesia de Beco — 12. Junta — 13. Que se orienta através dos campos (pl.) — 17. Preposição — 18. Jeito — 19. Símbolo de metal precioso — 20. Dado que — 21. Diz-se do ácido extraído da seiva do bordo — 22. Cabilda de mouros — 24. Ri da Rússia — 25. Espécie de saguim — 26. Pimenta, no Orenoco — 27. Encargo — 31. Mulher que fazia a comida dos estudantes de Coimbra — 32. Agora — 33. Medida de peso, usada no N. da Europa para avaliação da carga dos navios — 35. Adotar — 36. Camareira.

VERTICAIS: 1. Estão sem ar — 2. Outra coisa — 3. Símbolo do actínio — 4. Rêde para pescar lampreias — 5. Planta que simbolicamente significa a alma — 6. Denominação dada no Chile ao peixe-espada (pl.) — 8. Mesquinhos — 9. Clima — 11. Ruim — 13. Obrigação de cumprir penitência dada pelo confessor — 14. O inferno — 15. Herdeiro, em Goa — 16. Ordem — 23. Anual — 26. Última luação do ano santo dos hebreus — 28. Bebedeiras — 29. Fundo de agulha — 30. Riscar — 34. Basta! — 35. Uma.

PROBLEMA N.º 25 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Gradear com arame — 8. Flexão do verbo "açamar" — 9. Preposição — 11. Lavram — 12. Forma sincopada de maior — 14. Pedra do altar — 15. Divertir-se infantilmente — 16. Antigo navio de combate cuja proa era munida de um esporão de aço — 17. Mau cheiro — 18. Terra arroteada e própria para cultura — 20. Rio da Rússia — 21. Ramo delgado de árvore ou arbusto (pl.) — 23. Liga fortemente.

VERTICAIS: 2. Símbolo químico do rádio — 3. Albino — 4. Chocalho — 5. Manjerona — 6. Indivíduo da tribo indígena dos Ramaramas — 7. Recordava — 10. Residiram — 13. Versejara, fizera rimas — 19. A casa, a família — 22. Abrev. do senhor.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 24

PARA VETERANOS

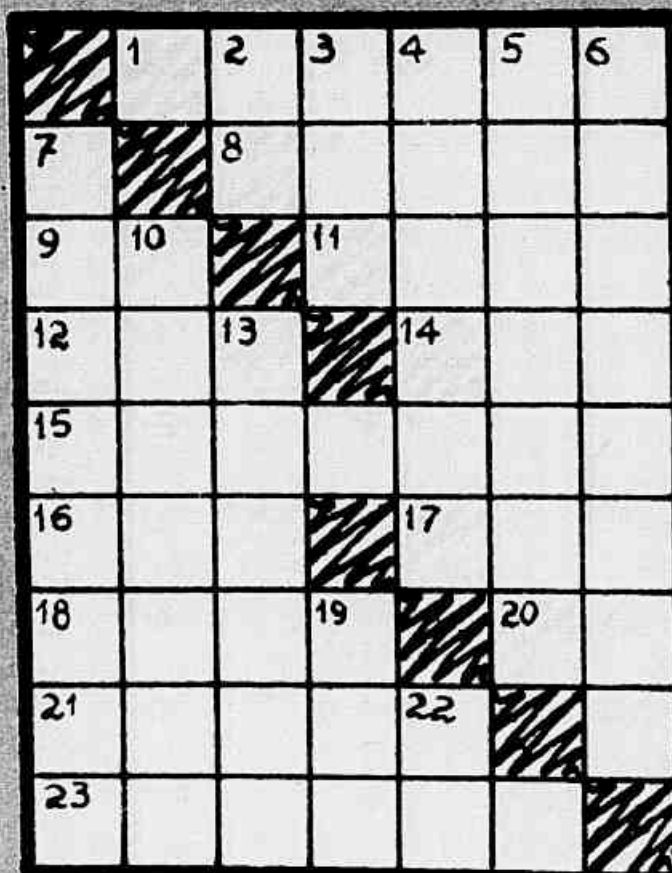
HORIZONTAIS: areia — corro — nacar — oras — manu — ris — afé — sis — tagarelícos — arirana — cadenetilha — ode — O.S.E. — Van — nio — sola — orada — Riscos — oucio.

VERTICAIS: poria — Ars — ro — In — sam — sãnie — corticoco — ras — gadela — cascavos — russianas — afé — rase — arino — elate — are — ini — adira — halos — odo — sio — Au — ri.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: tacape — rogam — la — rirí — sua — oas — paratís — Ada — aba — duro — ar — orara — sisara.

VERTICAIS: ar — cor — agiota — Paraiba — emassara — bispados — suaduri — araras — ora — ar.



NOVELA (Continuação)

levantado, de madrugada, do tronco em que estivera sentado quando consultara a bússola. Estava bastante longe. Saira do acampamento fazia nove horas. Daqui a nove horas a noite teria caído há uma hora. Mas não pensava nisso. Pensou: Bom; está bem; mas então? E parou durante um momento, parecendo estranho e minúsculo no meio da solidão verde e sobranceira, respondendo à própria pergunta antes dela se ter formulado e terminado. Era o relógio, o compasso, a vara — os três aparelhos inanimados que durante nove horas ele usara contra a solidão selvagem. Pendurou cuidadosamente o relógio e a bússola num arbusto, encostou o pau ao lado deles, e entregou-se completamente a ela.

Durante as últimas duas ou três horas não caminhara muito depressa. Não andou mais depressa agora, já que a distância não teria importância mesmo se ele pudesse alargar o passo. E estava tentando não perder o rumo da árvore em que deixara a bússola, procurando descrever um círculo que o fizesse voltar a ela ou pelo menos se interceptasse a si próprio, já que a direção não tinha importância agora. Mas não encontrou a árvore, e fez o que Sam lhe ensinara: descreveu novo círculo na direção oposta, para que os dois percursos se interceptassem mais longe; não cruzou, porém, as suas próprias pegadas e acabou encontrando a árvore mas em sítio errado, sem o arbusto, a bússola, o relógio; e nem a árvore era a mesma, porque ao lado dela havia um cepo baixo. Fez o que Sam Fathers lhe ensinara a fazer em seguida e em último lugar.

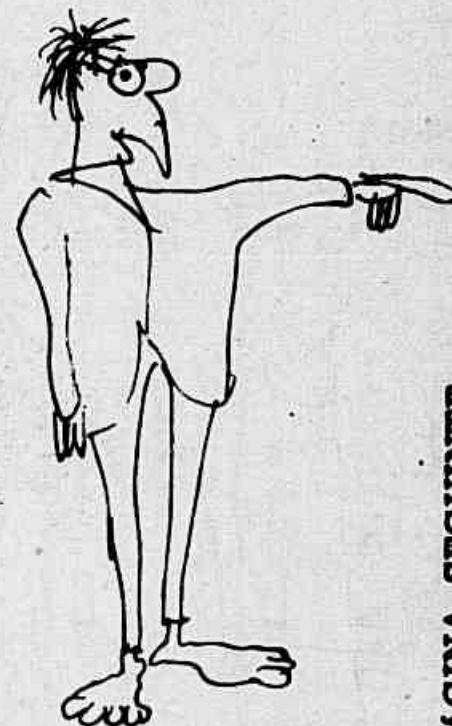
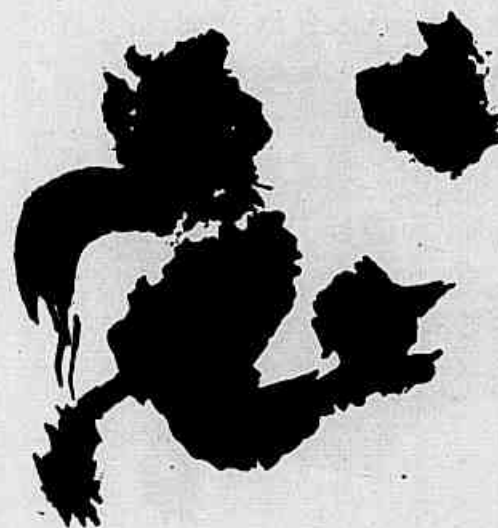
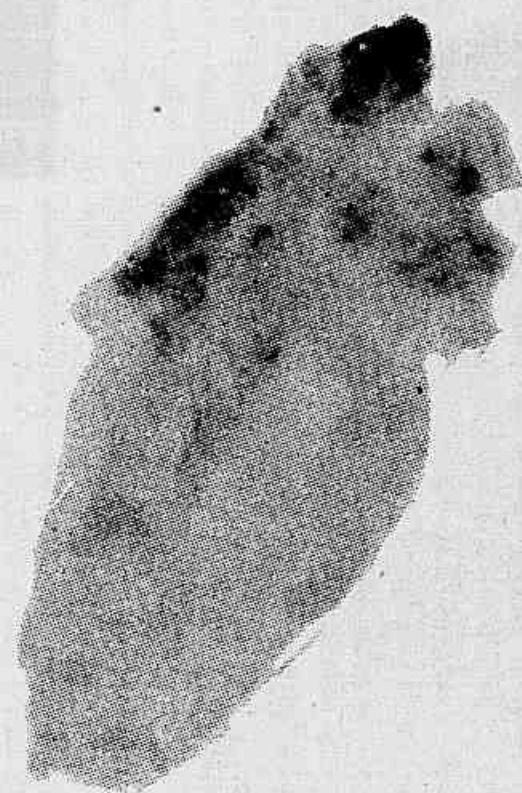
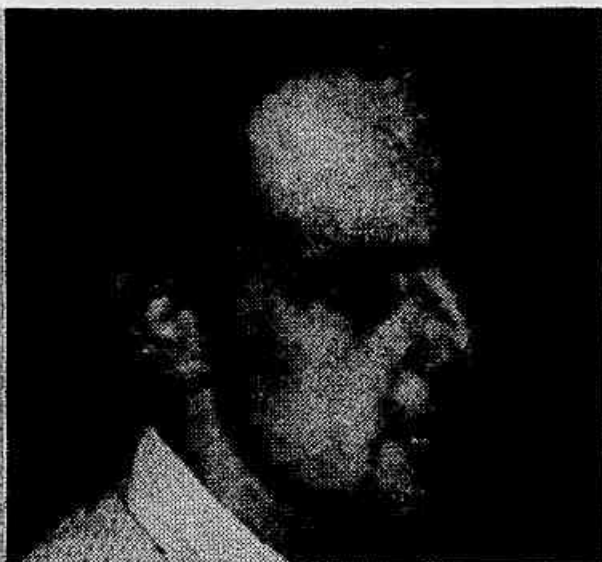
Ao sentar-se no cepo viu a pegada torta — o medonho recorte aleijado que se enchia de água, mesmo diante dos olhos dele. Quando levantou os olhos, a solidão uniu-se, solidificou-se e a clareira, a árvore procurada, o arbusto, o relógio, a bússola refulgiam batidos por um raio de sol. E viu então o urso. Não apareceu de parte alguma: estava ali, simplesmente, imóvel, sólido, firmado nas manchas quentes da tarde verde e sem brisa, não tão grande como o sonhara, mas tão grande como esperava, maior desmedido, recortado na obscuridade pintalgada, olhando para o rapaz que, sentado no cepo lhe devolvia o olhar.

Depois moveu-se. Não fazia barulho. Não se apressava. Atravessou a clareira, caminhando durante um instantinho sob a luz crua do sol; quando chegou ao outro lado parou outra vez e olhou-o por cima do ombro, enquanto o rapaz, no seu respirar tranqüilo, inspirou e expirou três vezes.

E desapareceu. Não caminhou para a floresta, para o mato. Desvaneceu-se, voltou a dissolver-se na solidão, como um peixinho que o rapaz vira um dia afundar-se e desaparecer na fundura negra da lagoa sem um único movimento das barbatanas.

JAGUAR FALA DE SEU OFÍCIO:

Não jogue fora
seu desenho
quando borrar

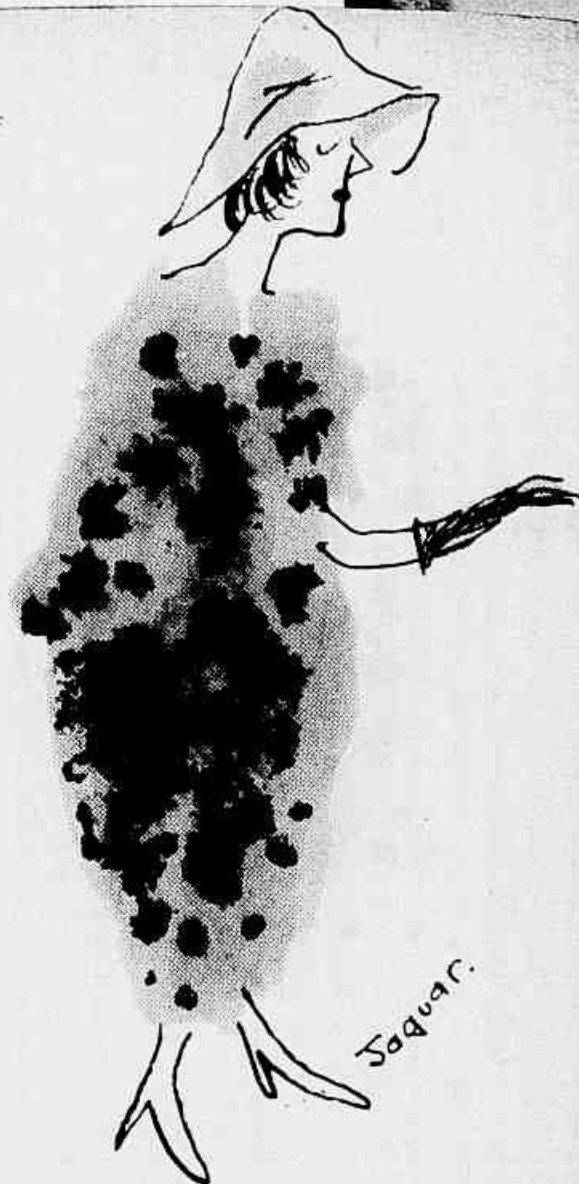


VEJA PAGINA SEGUINTE

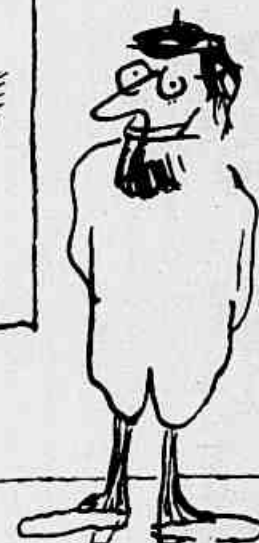
Linha Canudo. Inédita. Mas, segundo fontes bem informadas, ligadas aos meios mas — ainda — extra-oficiais, “êles” vão acabar lançando.



rat! Garção! Ó! Walter! Ei! Ó meu! Psiu! Um amigo meu chamava todo garção de Gerúndio. (“Êles vão passando e não parando”).



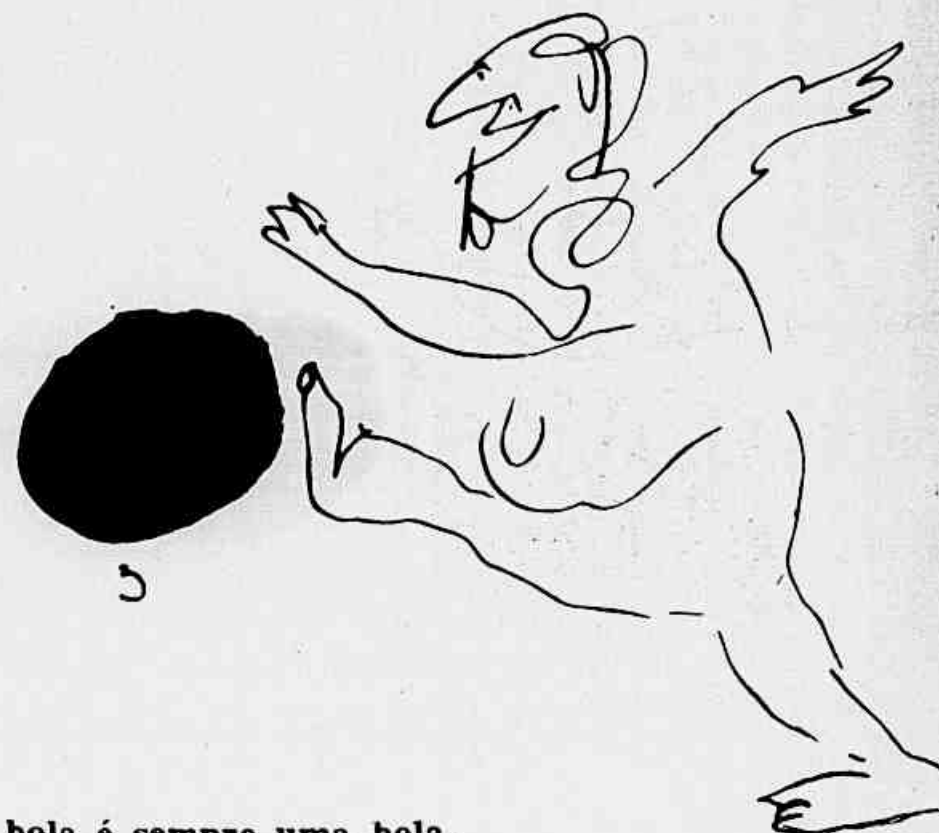
ESCOMBROS EM FÁ
HORS CONCOURS



“Escombros em Fá”. A funcionalidade da aparência vital depende dos humores intrínsecos e latentes que determinam a originalidade do aproveitamento tempo-espaco vertical.



O Kio-Nelk é uma ave da família (muito boa) dos plumileptos e pode ser encontrada (a preços altos, é bem verdade) nas florestas setentrionais da Austrália.



Uma bola é sempre uma bola.

MONSTRO MARINHO DA PRAIA DE RAMOS APARECEU BOIANDO

POVO, PUNGUISTAS, policiais, fotógrafos e jornalistas andaram o mês passado pela praia de Ramos, no Rio, procurando "Aderbal" — o monstro.

"Aderbal" — segundo as poucas pessoas que dizem tê-lo visto é uma serpente marinha enorme, que freqüentou a praia três dias seguidos, chegando mesmo a encalhar na lama por instantes na última vez que apareceu.

A Ilha do Governador já teria figurado como local de recreio de "Aderbal", apelido que os pescadores da Guanabara lhe deram. ("Aderbal" é um genérico de monstros marinhos entre os pescadores portugueses).

De acôrdo com as testemunhas oculares das aparições, "Aderbal" teria entre cinco e quinze metros, de uma a duas cabeças, seria cinzento, verde ou preto e pareceria uma cobra gigante, tipo Sucuri, ou uma baleia-dragão, tendo ou não escamas.

Depois de aparecer em Ramos (onde fez muito sucesso obrigando a polícia a aumentar o policiamento do local) "Aderbal" apareceu ao sr. Antônio da Costa Rêgo (funcionário da Alfândega) assim:

O homem estava em sua lancha, às 10 horas da manhã de sábado, testando os motores, quando levantou a cabeça e viu o bicho, que estava nadando a cem metros, de costas. "Era uma serpente". Depois "Aderbal" mergulhou em direção à Ilha do Governador.

Talvez "Aderbal" nade muito devagar. O fato é que em Governador só na semana seguinte o bicho foi visto por alguns pescadores, nadando a 300 metros da praia.

Policiais armados de metralhadora tripularam uma lancha, que andou pela Guanabara à procura de "Aderbal".

Resultado: negativo.

Desconhece-se qualquer participação dos homens-rãs da Marinha nas buscas que demoraram um dia.

Pessoa ligada a Al Capp (o criador de Ferdinando) diz que "Aderbal" não é personagem de historieta, nada tendo a ver com o monstro que há pouco apareceu nos quadrinhos cômicos.

OPINIÕES DE VERANISTAS DE RAMOS:

1. o monstro não existe;
2. existe, mas não em Ramos;
3. perigoso mesmo é siri.

Na sexta-feira, dia 14, recolheram junto à ponte da Ilha do Governador o corpo da serpente marinha, que havia sido vista boiando no meio do canal pelos pescadores da Colônia Z-4.

Media 8 metros por 20 cms de largura, era preto, de um material aparentado com a borracha sintética. Segundo o sargento Lourival Pereira (reformado) "dessa serpente é que a gente usa para esvaziar navio-tanque. Isso é mangueira, e da boa!"



O VAMPIRO DAS ROSAS

Nataniel Dantas

OS JORNAIS com aquela notícia. Quem tinha suas virgens as bem guardasse e evitasse que saíssem à noite, principalmente quando a lua minguava e Vênus rompia a manhã, teimosa do seu nicho. Eram donzelas de cabelos fartos, seios duros... A polícia as encontrava desnudas à beira das águas, ao fundo dos vales. Curioso: os lábios entreabriram-se desbotados, como se num beijo todo o sangue, por eles se desatasse e fôsse colorir a rosa trêmula que brotava do sexo.

Sim — "o vampiro das rosas!". Os jornais contavam. Mimosavam nos detalhes, na escabrosidade e no mistério. As virgens não iam ao baile nem espia-vam para a noite. Que medo! A lua podia explodir de brancura, inchar e se diluir na treva, sob as nuvens; minguar-se até entre os astros, sem o concurso delas, que temiam "o vampiro". Que medo!

O COMISSARIO fez um grande gesto. Retorceu o bigode com um suspiro fundo. Barbaridade! Na certa se tratava de um louco magnífico, de um criminoso astuto e inteligente, que seduzia suas vítimas, sugando-lhes a alma com um beijo, mas por que a crueldade daquela flor plantada assim em pleno sexo das vítimas, trêmula e rubra como a latejar de vida?

O comissário respondia sem faro aos repórteres. Levava horas a pensar nos crimes que resolvera, na sua carreira; e suspirava aliviado, lembrando-se do chefe de polícia, dos colegas. O criminoso não escolhia distritos. Andava por toda cidade, pelo mundo. Rosa, rosae, rosae e se lembrava da escola. Rosa, rosae — primeira declinação.

Murmurou-se a respeito de um congresso mundial para se deter o vampiro. Fez-se um levantamento de todos os cultores de rosas. A galeria de caras no-

nestas e burguesas circulou pelas che-faturas do mundo. Antigos soldados de catorze, dos regimentos africanos, do quinto exército; cidadãos na compulsória; velhos diplomatas, milionários, um príncipe russo e ministros cultores de flores. Nada!

Pensou-se numa seita religiosa, que levasse ao sacrifício virgens de amplos cabelos, cujo sexo se ocultasse sob uma penugem rubra; que o homem deveria ser um cultor holandês ou de Florença... Rosa, rosae...

O METICULOSO relojoeiro ajustava as cordas dos mecanismos. Levava horas a cuidá-los, a bruni-los de cenho franzido. Os pequenos fios, os rubis, todo um engenho pulsando nas caixas metálicas — tic... tac... tic... tac... Alguns atrasando-se, outros avançando em demasia no tempo. Ostentavam nas chapas nomes e datas cinzelados — heranças recentes, velhíssimas, do outro século. Uns soavam, outros espia-vam pássaros cuco — pelas paredes, dentro de redomas; pelas vitrinas a dizer das horas do fuso. O fuso era espírito comum, debatia-se em cada engrenagem na casa do relojoeiro.

Paravam às vezes os relógios da cidade. Não pulsavam na noite nos quartos, nem diziam nos bolsos, dos segundos contidos no tempo. Alguns costumavam agitá-los, bater nas palmas com suas caixas douradas, mas já não atendiam aos apelos — a vida e movimento lhes pareciam em fuga. O remédio era a perícia do relojoeiro da praça do mercado, que os tomava entre os dedos, removendo-lhes a corda partida, os pinos, os mostradores de esmalte. O relojoeiro sonhava com seus instrumentos, dormia embalado com o ritmo de suas palpitações — diferenciava-as de uma um velho cebolão de ouro, das de um lavrado de prata. Os pêndulos, os ponteiros teciam uma música e se parassem, o ouvido apu-

rado do homem se apercebia, tomando-os num desespero. Só à noite seus olhos não viam rubis, ponteiros e mostradores de esmalte, mas as escuras pupilas de Ismália.

Subia a sua ladeira. Os grilos gemiam na sombra e do fundo das sebes chegava-lhe o cheiro noturno, tecido pelas flores, que nelas se abriam com suas corolas de treva. Ouvia melhor o gemer dos sapos, o singrar dos morcegos em vôos rasantos, com o soluço das águas escorrendo pelas pedras e até o sussurro dos pares, que entre juras, se queriam na sombra. Podia mesmo ouvir o bater das pálpebras de uma estrêla, o esvoaçar de um inseto de encontro a luz. Que ouvidos apurados os do relojoeiro Afonso!

Ismália na sala o aguardava, se demorasse o admoestava a sorrir, lembrando-o ser ele relojoeiro...

Sentados no sofá, sob os olhos de uma tia, se punham a falar de coisas futuras, da casa, dos filhos... Por vezes um beijo, quando a velha dormitava ou ia lá dentro apanhar o licor. Sussurravam, cariciavam-se... Oh!... a tia de novo!

Seu nariz aquilino, os olhos cavos, pestanudos, seus lábios carnudos, que Ismália desejava em sonho e nos pensamentos mais secretamente ousados... Ah! os seus dedos peludos, a pele branca que surgia entre a meia e a bainha das calças! Ismália sonhava com a noite da posse. Via-se enrodilhada ao fundo do leito, a tremer como uma pomba, enquanto no quarto contíguo, ouvia o rumor dos passos dêle, das tampas dos frascos e das gavetas dos armários. Breve a luz se apagaria e ele se aproximaria envolto num "robe", sentiria então o sabor de alfazema de seus cabelos, seus lábios quentes e úmidos, seguido de uma onda sanguínea que lhe subiria à cabeça. Que pecado! Hiiii...

Outras vezes o noivo se recortava diante da paisagem. Seu perfil desenhava-

os
o
le
s-
m
a-
o-
as
a-
a-
lo
s,
a.
as
to
os
o-
o
na
s,
m
ia
m,
ol
s-
s-
a-
il
ue
al-
da
do
n-
or
os
uz
tto
de
os
da
ue
va
a-



brando

se sereno, a olhar as águas ou a riscar arabescos no saibro, junto ao banco onde costumavam sentar, quando saíam nas tardes. Ismália naqueles momentos parecia não possuí-lo. Como gostaria de segui-lo nas suas cismas! Ignorava se dentro delas ela se fazia presente, fôsse em projetos ou em ações passadas. Oh não!, era impossível.

NA NOITE em que a lua minguava as virgens surgiam ao amanhecer. Com seus cabelos desfeitos e com o sangue sugado talvez num beijo. À margem das flores, à beira dos caminhos, lá estavam imóveis. As rosas se plantavam nos corpos com as pétalas borrifadas de orvalho. Os comissários, os chefes de polícia e os jornais recebiam as mesmas reclamações iradas; os telegramas cruzavam os oceanos, timbrados com o mesmo espanto — “o vampiro das rosas”.

Agora um prêmio se oferecia, milhões e bilhões por toda imprensa. Seria uma seita nova ou populações interplanetárias, que vinham à terra à cata de almas? Falou-se da transplantação de almas, que os corpos moribundos se levantavam das covas; se lhes dessem o alento das jovens de cabelos desfeitos. Suposições, fantasias — e as rosas? Eram a marca, o símbolo da vida tomada na morte que ficava. “Impossível!” “Sim, verdade!”

Os inspetores, a perícia, os psiquiatras foram mobilizados, e as mães trancaram as filhas com medo do “vampiro das rosas”. As que não quisessem morrer, deveriam procurar fôsse com uma lâmina de ouro, que as mães cuidavam chorosas, ou na lua minguante, a haste de um antúrio maduro... — que fazer? — colhido bem cedo e inda sujo de orvalho, os caminhos da não castidade.

As ruas se velavam dos esplêndores rubros das cabeleiras fartas, o sol já nelas não incidia os raios; agora se ocultavam prisioneiras do medo, ocultas em trufas ou tingidos de negro.

Ismália dava de ombros, ligava pouco aos alardes, seduzindo-se com todo embalo, provindo de suas horas ao lado de seu relojoeiro do mercado. Suas mãos felpudas e cariciantes aprisionando as suas, sua voz macia e tépida, a dizer dos planos futuros, suas... Hiii... que pecado!

Ismália deixava-se a cismar ao vê-lo pensativo. Quisera tanto desvendar o que lhe ocorria nos devaneios, para saber se nêles ela surgia como personagem. Ao fitá-lo detidamente, o noivo lhe vinha aos poucos, como se nascendo do desconhecido. Como se aproximasse de um corpo uma lente e passasse a verificar os elementos que compunham aquela fisionomia, da qual conhecia apenas o todo. As finas rugas aos cantos dos olhos e da boca, o tom musgoso dos olhos, que sempre julgara castanhos, além dos poros abertos sob uma superfície rosada e cremosa, que lhe dava ao rosto um aspecto saudável. Aquêlê insondável das fisionomias, apesar de não lhe ser estranho, era uma realidade angustiosa que sem-

pre observara nas pessoas, se por alguns instantes se abstraísse de sua soma e mergulhasse às pequenas peças que as compunham.

ENTRE AS sebes e o escorrer das águas, entre a vaza e as flores, continuavam, na manhã, a surgir as mortas desnudas — o sangue sugado das vênulas e ornadas com uma rosa.

Os comissários — meu Deus! — encolhiam ombros. Toda a imprensa caía sobre o fato, a acusar Deus e o mundo. Os padres pregavam dos púlpitos dominicais, as beatas rezavam alto e nos teatros, sob refletores, parodiavam-se o “vampiro” com mulheres despidas. Os políticos incluíram nos seus programas o fim do “vampiro”. O desarmamento, o reconhecimento da China, os planos quinquenais, foram postos à margem pelo “Vampiro das rosas”.

Os americanos lançaram um tipo de cinta-modelador com o nome; um refrigerante surgiu no mercado, ilustrado por uma linda modelo a sorrir, que brilhava nas páginas das revistas, à beira das estradas e nas caixas de fósforo. “O vampiro das rosas” foi nome de perfume francês, título de uma novela “best-seller” de “monsieur” Simenon; recurso de advogado, quando as mães exigiam casamento de filhas transviadas... “Não, sr. juiz, foi com um antúrio, por temor do flagelo”... Houve também um batom, um novo coquetel... “O vampiro das rosas”. Rosa, rosae — lembrava-se o comissário dos tempos de escola e das aulas de latim.

NO CAMPANÁRIO mais alto, baixas nuvens ocultavam a agulha do pára-raios, a estrutura gótica e o relógio secular, que soava aos quartos de hora. O relojoeiro ouvia tudo da loja e levantando os olhos de sua mesa, procurava os mostradores que ornavam as paredes. Ajustava um ponteiro, retardava; verificava a corda ou a posição de outro, que estivesse um pouco inclinado. Mergulhava após ao serviço e assim, com o tempo nas mãos, ajustava-o como monje trapista, entregue aos lazeres na placidez celular.

O tempo nas mãos! Podia limitá-lo com sua autoridade, contradizer a própria luz das estrelas ou o pôr do sol. Todos lhe aceitariam a palavra, até o próprio sineiro da confraria — que vez por outra lá andava no campanário, a limpar o grande relógio.

A cidade crescia no conceito do mundo sem que êle soubesse, a fama de sua hora ultrapassara fronteiras e como símbolo turístico, se via nas agendas, o campanário ou a frontaria da Sé com seu relógio gótico ou uma ampulheta eluciativa — o Tempo.

Cismava horas com o pulsar dos relógios entre os dedos. No tempo estava a vida, que bem poderia deter ou dar sentido.

SURGIAM DEPOIS do plenilúnio desnudas, à margem das águas. Cabelos em

desalinho, veias sugadas e uma rosa a vicejar, plantada no sexo, fremindo sob o orvalho. Os jornais registravam o fato com espanto. Pregava-se na igreja advertências e os comissários de polícia encolhiam os ombros sem “faro” — “o vampiro das rosas”. Que se guardassem as virgens ou que se corrompessem, se quisessem a vida.

Ismália era indiferente, pouco se dava ao assunto. Ouvia o temor boquiaberto das velhas que nada tinham a perder, a pensar ansiosa na volta dêle à noite, quando lhe ouviria a respiração branda e a voz, ao ouvido, em ternuras. Sim, o relojoeiro da praça do mercado.

BRILHAVA NAS águas um intenso plenilúnio, que feria de reverberos espelhos, águas, as frondes e as vidraças na treva. Dormia a cidade no êrmo, às vêzes, encrespado pelos ruídos da noite.

Ismália, de noiva, descia pelo campo entre plátanos sombrios, nas mãos guardando flores imaginárias dum ramalhete de boda. Tinha pensamentos distantes, justamente naquele dia ansiado... A velha tia envolta em rendas, o pai de fraque e os convidados postados em filas — enfim, teria longas noites de amor desejado. Pisava as poças, a grama suja de orvalho, a lua brilhava do alto, iluminando os roteiros da sonâmbula.

OLHAVA AFONSO sem ver o vazio. A face pálida tinha fundas olheiras. Não encontrava sentido nas pequenas caixas de metal, nas engrenagens que pulsavam. Pensava em Ismália vestida de noiva, com a cabeleira farta derramada. Ismália a vagar por atalhos, na sombra acesa de lua. Como se podia fazer aquilo, a quem nenhum mal pretendia — “o vampiro das rosas”. Os cabelos desfeitos de um rubro ardente, o corpo desnudo e uma rosa a palpitar erguida do sexo... Porém ela sorria de ventura, como se a morte antes de um suplício, lhe fôsse revelação... O traço de beijos e as mordidas loucas no seu torso, nos lábios exangues e na face branca, umedecida pelas águas que escorriam espartilhadas entre as ervas e seixos.

Vestida de branco lá se fôra a que já não era pura, as mãos com os dedos entrelaçados, as pálpebras descidas, a velarem os olhos sem visões.

O “VAMPIRO DAS ROSAS” serviu para uma novela de “monsieur” Simenon, para nome de perfume e ainda de uma tintura de cabelos. Mas os inspetores, os comissários do mundo respiraram, quando os crimes cessaram e as virgens, a medo, voltaram a sair. Embora ninguém soubesse que o relojoeiro Afonso, pouco depois da morte de Ismália, amanhecera a pender de uma trave alta na sua loja, em plena praça do mercado... Só o chefe do turismo do país silenciou o fato, que passou a viver de uma falsa lenda.

Tinham os relógios cordas rubras de cabelos tênueamente trançados...



O corpo de Maria Helena Gioia passa o tempo mais dentro d'água do que fora. Adora o mar.

MARIA HELENA QUERIA SER PEIXE





Para Maria Helena os homens são muito ciumentos. Por isso não gosta de namorar.

Beleza carioca nas praias do Norte: o Rio



Os rapazes se

Quando Maria Helena Gioia passeia em Copacabana, os rapazes esperam várias vezes pela
eles são muito ciumentos. E passa só uma vez.

A CAPA



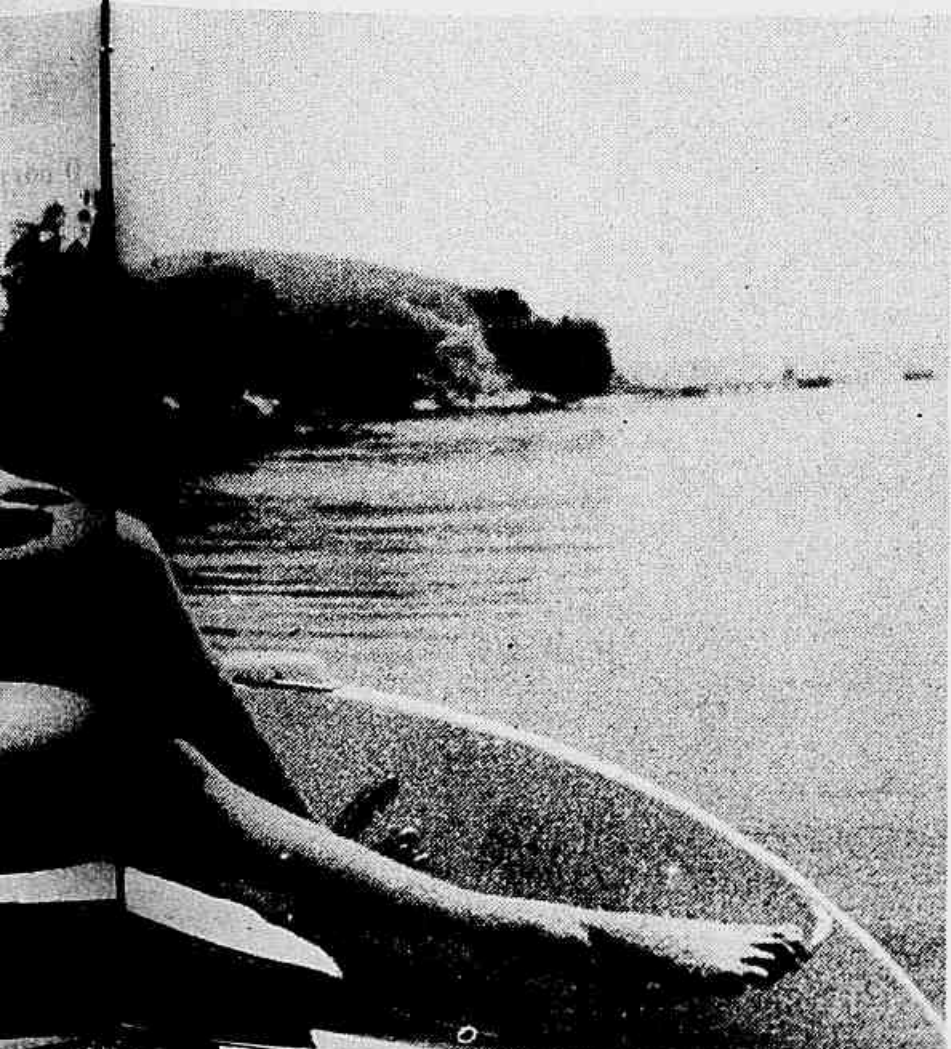


e: o B mandou dizer que suas sereias têm pernas bonitas.

Pose olímpica num gesto de beleza: Maria Helena Gioia. Também campeã de atletismo.

zes sempre esperam Maria voltar

das vezes pela sua volta. Acontece que ela diz que



A MOÇA DA CAPA tem 18 anos, é carioca das Laranjeiras, tem 1,70 de altura, 60 ks, 96 de busto, 58 de cintura, 96 de quadris, 58 de coxa, 35 de perna e 23 de tornozelo. Ela é Maria Helena Gioia, que foi candidata a rainha dos Jogos da Primavera em 1956 e a "Miss" Brasil em 1957.

Maria Helena Gioia passeia mais em São Paulo ou nas praias do Norte do que no Rio, mas não é por causa de nenhum amor. A moça diz até que não gosta de namorar: "A gente fica prêsa de mais. Depois, os rapazes estão cada vez mais ciumentos, e isto não é bom".

Acontece que quando desfilou de maiô de duas peças na praia de Iracema, em Fortaleza, o ano passado, Maria Helena Gioia deixou muitos rapazes sem saber o que fazer.

Ela diz que se não tivesse nascido mulher queria ser peixe porque "adora o mar". E gosta também de ir a cinema com amiguinhas.



Alfredo Colósimo não canta enquanto trabalha. Mas "o trabalho ajuda a manter a forma física".

GENTE

O Duque de Mântua é mecânico de automóvel em Olaria

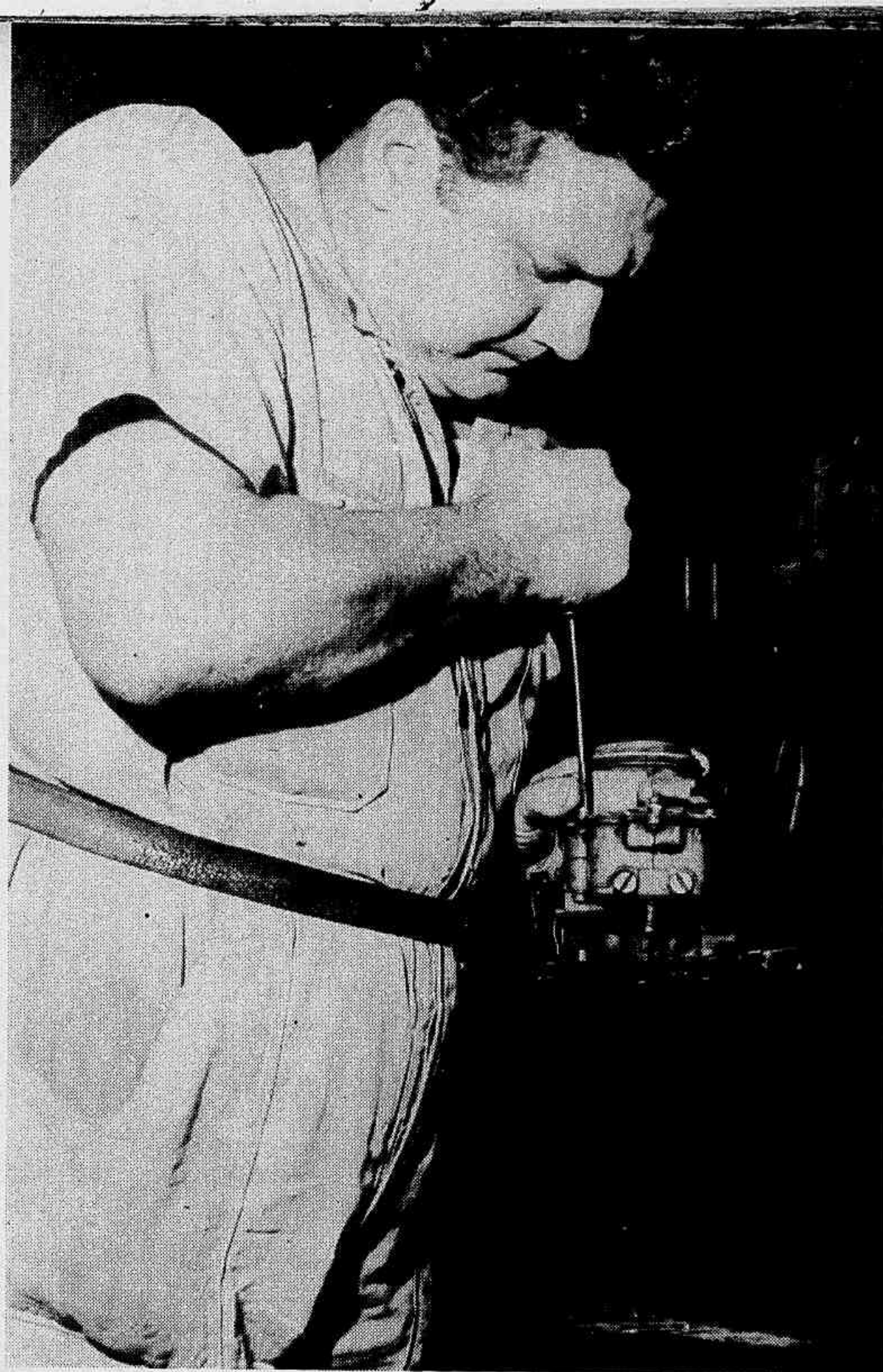
O DUQUE DE MANTUA jogou no baú as pesadas roupas de seda e veludo (já meio gastas pelo uso), atirou a espada a um laçao, enxugou as últimas lágrimas choradas pelo trágico fim da filha de Rigoletto e saiu do palácio. Pegou o bonde, assobiou baixinho "La dona é móbile". Lembrou-se de que Rigoletto havia matado a filha muito mal, pensou que no dia seguinte devia acordar cedo, vestir o macacão (meio sujo de graxa) e pegar o trabalho na oficina mecânica da rua João Rêgo: "Porca miséria!"

O Duque: sr. Alfredo Colósimo, mecânico de profissão, tenor (óbviamente gordo) por diversão, pai de família (três filhos), um homem simples e agradável, amigo do bate-papo e do espagete. Também já foi Radamés (na "Aída"). Cânio (em "Os Palhaços") e muitos outros personagens.

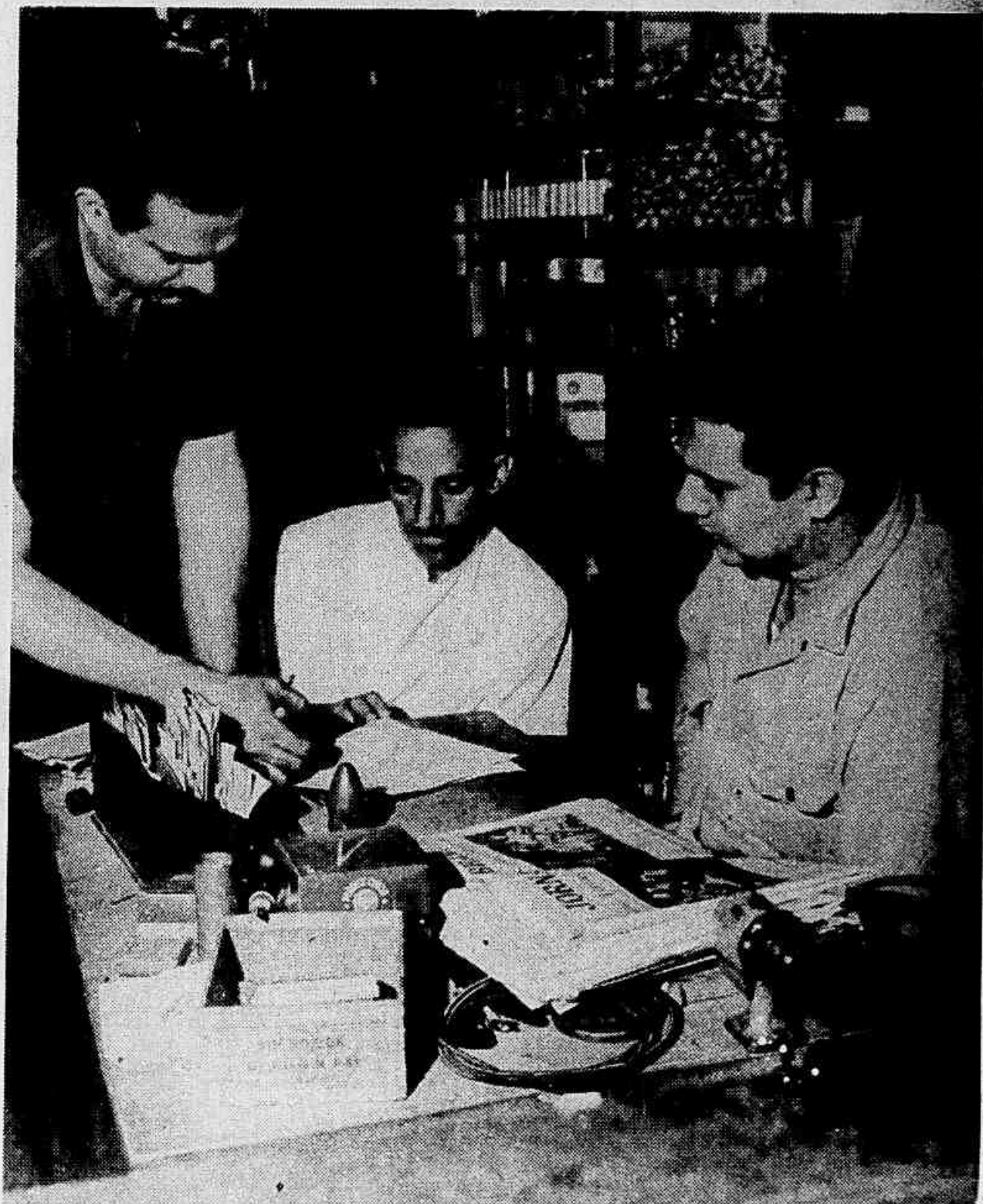
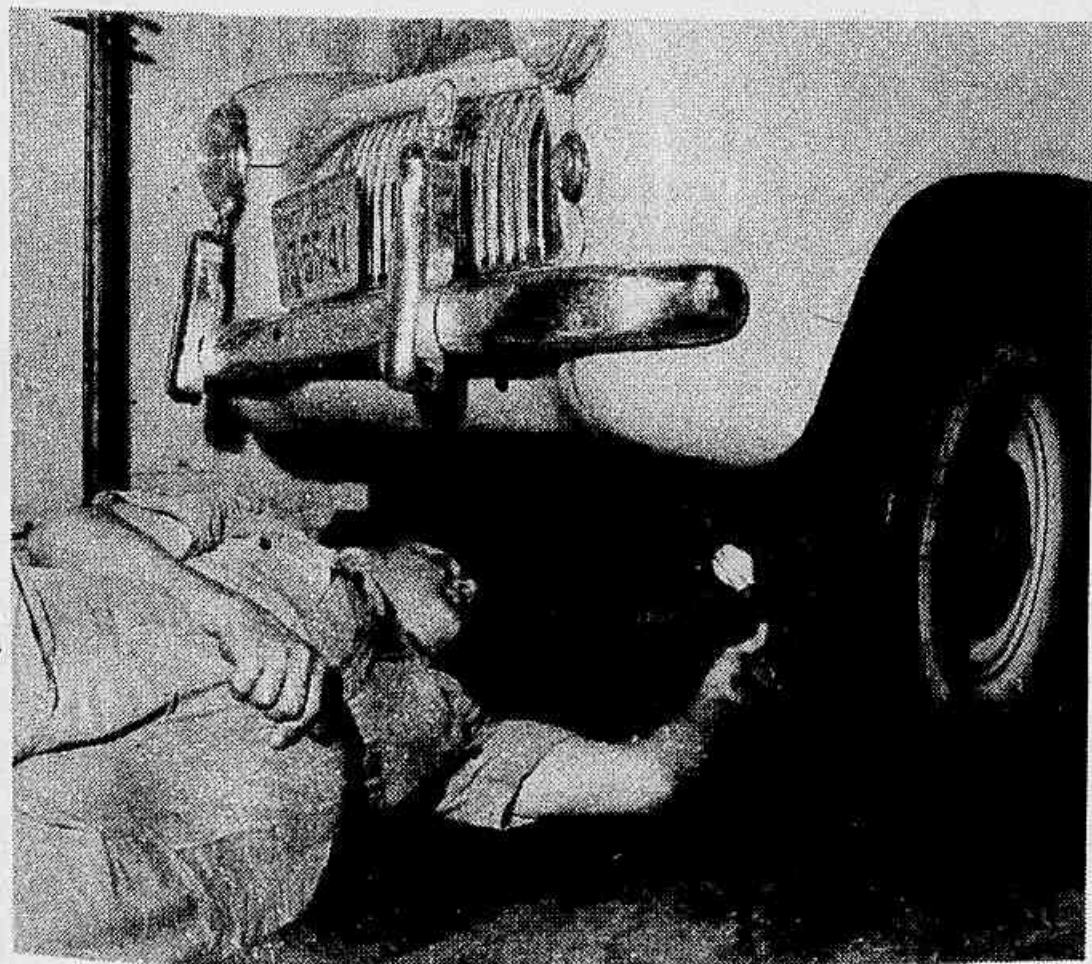
O começo: em 1943 o sr. Alfredo Colósimo começou a estudar violão. O professor Pedro Lopes Moreira (hoje falecido) aconselhou-o a aperfeiçoar a voz. Conselho seguido, sob a orientação do professor Pascuale Gambardela e do maestro Santiago Guerra. Em 1949 estréia no Teatro República, em "Madame Butterfly". Daí para cá atuou em trinta óperas, chegando a primeiro tenor do Municipal.

As vêzes acontecem coisas fora do comum ao sr. Alfredo Colósimo, quando ele está em cena. Um dia representava "Os Palhaços", no João Caetano, de Niterói, quando notou que a poltrona onde deveria sentar-se estalara ao pêsso (também apreciável) do que sentara antes dêle. E aproveitou um momento mais dramático para pegar a cadeira e atirá-la ao chão com tóda a fôrça que tinha, quebrando-a duma vez. Quem viu a cena diz que foi tudo muito autêntico. Outra vez (ainda em Niterói) teve que pegar um pedaço de outra cadeira, que ia largar, e pô-lo em cima da mesa, sem quebrar a autenticidade. No Teatro Municipal do Rio um dia em que ele era Radamés ("Aída") e entrava em cena num andor, a jeringonça desconjuntou-se e Radamés caiu no chão — mas não se impressionou: deu um pulo e continuou a representar.

O sr. Alfredo Colósimo gosta de cantar e pretende ensinar música aos filhos. O mais velho, Fred, está se preparando para participar de seu primeiro recital de piano.



Se o senhor precisa de um bom mecânico, ou de um bom cantor de ópera, vá até a rua João Rêgo.





Lima Barreto e Assis Valente. Valente ia fazer o papel principal em "O Sertanejo", de Lima Barreto. E entusiasmou-se muito com a idéia. Mas o filme não saiu.

QUEBRANDO PELA SEGUNDA vez promessa a N. S. da Penha de que não tentaria mais o suicídio, o compositor Assis Valente bebeu um copo de guaraná (gelado) com formicida e morreu.

Foi na tarde de 13 de maio de 1941 que Assis Valente tentou o suicídio pela primeira vez. Aborrecido por causa de dívidas e casos de amor, ele tomou um táxi e foi até ao alto do Corcovado, atirando-se no abismo, mas ficando preso numa árvore a 60 metros do lugar de onde se jogou. Foi retirado pelos bombeiros quatro horas depois. Assis Valente havia deixado diversos bilhetes, todos irônicos, como: "Assim termina a vida de quem quis a vitória. Quem se mata morto fica".

As dívidas de Assis Valente, na época, eram com as Irmãs Pagãs.

Frustrado o suicídio, Assis Valente prometera a N. S. da Penha não se suicidar mais.

Mas quebrou a promessa quando, tempos depois, encontrava-se em Salvador, Bahia. Se não fossem três rapazes, ele teria se atirado ao mar de uns rochedos perto do Farol da Barra.

Voltando ao Rio, passou a beber muito. Perdeu o crédito, abandonou a prótese e deixou de compor.

Quando Carmen Miranda veio ao Brasil antes de morrer, Assis Valente recuperou-se, voltou a compor, fez "shows" para teatros e o "Viva a Penha", patrocinado pela falecida "A Noite". A cantora Marlene gravou um "long playing"

com músicas suas e a composição de Natal "Anoiteceu" venceu vários concursos e ficou sendo a música do Natal carioca.

Assis Valente suicidou-se às 17,55 horas do dia 11 de março de 1958, dezessete anos depois de sua primeira tentativa de suicídio e oito dias antes de fazer 50 anos. Seus amigos já estavam preparando uma grande festa para homenageá-lo, inclusive a SBACEM, que era a sua sociedade de direito autoral e onde ele tinha músicas de sucesso como "Good-bye", "Camisa Listrada", "E o mundo não se acabou" e "Uva de Caminhão".

Bebendo guaraná com formicida na praia do Flamengo, Assis Valente, depois de olhar o mar e o Pão-de-Açúcar, caiu, fazendo figa com as mãos. Vestia calça azul-marinho e camisa amarela.

O último a ver Assis Valente com vida foi o garção Zeca, do Bar Russell (Rua do Russell, 404). Eram 17,15 horas quando Assis entrou no bar e pediu um guaraná bem gelado e um copo. Depois, levando a garrafa na mão direita e um pequeno embrulho na esquerda, saiu e disse que voltaria logo.

Chegando ao paredão da praia do Flamengo, Assis Valente olhou o mar, rasgou o papel do pequeno embrulho, uma lata de formicida, tirou a tampa, abriu a garrafa com um abridor que trouxera no bolso, jogou formicida no copo, encheu-o de guaraná e bebeu. Andou 15 metros, ainda segurando o copo e caiu. Perto, crianças que jogavam bola pararam para ver Assis morto. Em seus bolsos foram encontradas três cartas, um par de óculos e três notas de Cr\$ 50,00.

A primeira carta de Assis foi para a Polícia:

VESTIU UMA CAMISA
AMARELA
E DISSE
"GOOD BYE, BOY"

Valente quebrou a promessa que fêz a N. S. da Penha



As dentaduras que ele fazia "só faltavam falar". Mas o seu sonho era ter podido ser engenheiro.

"1-3-58 — Peço-lhes encarecidamente não retalharem meu corpo. Morro por minha vontade. Estou sentindo apenas a cruel saudade de tudo e de todos. Estou seriamente individado e penso que, morrendo, os meus direitos autorais aumentarão, e assim a minha sociedade, a SBACEM, liquidará meus compromissos. Gravei, em disco "Copacabana", um samba intitulado "Lamento", com o moço Jairo Aguiar. Ao povo do meu país dedico "Lamento" e peço que comprem, a fim de ajudar duas crianças, Roberto Gomes e Nílma Fernandes. Seus pais perderam a mocidade, ajudando-me a trabalhar e são meus compadres. Com o dr. Roberto, dono das salas, estão alguns títulos já pagos. As peças do consultório também já estão pagas e os documentos, por minha livre e espontânea vontade, estão no Banco Americano de Crédito, como garantia de outra dívida. Agradeço aos diretores do referido banco o que fizeram por mim e deixo um adeus de respeito. Ao sr. coronel Júlio Rodrigues de Sousa, ao sr. seu filho, dr. Júlio, e, por último, a mme. Rodrigues de Sousa, a santa que está ausente do Rio. Quanto às peças e as coisas do consultório, pertencem por direito aos srs. José Fernandes Câmara e Léo Gomes, pois foram eles que, sacrificando muitas vezes a própria alimentação, me ajudaram a pagar os títulos. Peço pelo amor de Jesus aos srs. Tomás, da "Patrimonial", e Juarez, da "Casa Bancária Laport", agirem mais uma vez com o coração e acomodarem a situação das casas. Peço ao dr. Ari Barroso pagar os meses atrasados das duas casas, à rua Santo Amaro, 112, e Buarque de Macedo, 5, apto. 11. Dr. Ari Barroso não tem obrigação, não tem nada com a minha cabeça, porém se não fizer esta caridade ficarão no relento duas famílias. Basta pagar os atrasados, pois, de agora em diante, os inquilinos se arrumarão. Ainda sobre o dr. Ari Barroso, peço-lhe que pague os meus direitos autorais ao Léo Gomes e ao José Fernandes, meus verdadeiros amigos e compadres".

"Querida Júlia Maria, peço-lhe que não se identifique, faça de contas que não estou morto e que é apenas uma brincadeira sem graça. Quanto ao dinheiro que lhe emprestei, fica sem efeito, pois rasguei os títulos. Beijo do seu négo José"

— esta pequena carta de amor está no primeiro trecho da segunda carta escrita por Assis Valente (cujo prenome era José) antes de morrer. Ele agradece empregos arranjados para um afilhado e pede colocação para outro, terminando dramaticamente: "Meu Deus! Procurei acôrdo com os credores e o que tive como resposta foram palavras impubescíveis. Perdão a todos em nome de Jesus. Vou parar de escrever, pois estou chorando de saudade de todos e de tudo. O restante cabe dentro do meu gesto espontâneo, pois a morte esqueceu-se de me apanhar de outro modo".

Na terceira e última carta, Assis Valente faz recomendações aos seus colegas do serviço de prótese dentária (ele trabalhava na rua Alcindo Guanabara, 17, salas 1212 e 1213) e pede desculpas ao Nélcio, do "Praia Bar".

O compositor Ari Barroso, presidente da SBACEM, disse: "Perdemos um grande compositor. Nunca fui amigo íntimo de Assis Valente, mas ele sempre me chamava de doutor". A SBACEM deu Cr\$ 20 mil para o entérrio de Assis e Cr\$ 50 mil à viúva.

José de Assis Valente nasceu no Campo da Pólvora, em Salvador, a 19 de março de 1908 e, aos 18 anos, veio para o Rio.

Carmen Miranda, iniciando sua carreira, gravou o samba "Good-bye, boy". Para ela, Assis escreveu várias melodias que se transformaram em sucesso. Também sucesso foi sua canção de Natal, que ficou sendo a música oficial do Natal carioca. Escreveu a música-título do filme brasileiro "Sai de baixo" e ia ser um dos principais intérpretes do filme de Lima Barreto "O Sertanejo", que não chegou a ser filmado.

Léo Gomes era o filho de criação de Assis Valente. Sua mulher, sra. Nilza Gomes, disse que na terça-feira de Carnaval Assis Valente compôs pela última vez. Foram passear na Quinta da Boa-Vista e Assis disse que faria uma música "para recordar êsse inesquecível passeio". A letra ficou sendo a seguinte, para ser gravada depois:

Vem viver na Quinta do Imperador
Onde o céu azul tem mais esplendor
Apaixonada Quinta do meu Brasil
A mais carinhosa e a mais gentil
Quinta, recanto querido,
Ninho de calor tão ardente,
Quem bebe a água da Quinta
Nunca mais esquece a gente.

Assis Valente, antes de ser compositor, era protético na Bahia e — segundo seus amigos — dos mais competentes por que "suas dentaduras só faltavam falar".

O sr. Roberto Côrte Real, diretor artístico da Colúmbia Discos, ia gravar um "long-playing" com Assis Valente e suas músicas e ficou de procurar o compositor no mesmo dia em que ele se suicidou.

Sabe-se que o sr. Côrte Real ficou muito sentido com a morte de Assis Valente porque acha que se tivesse procurado o compositor talvez ele não tivesse tentado outra vez o suicídio (que teve êxito).

Assis Valente vivia se queixando de que as fábricas não mais procuravam as suas músicas e que os cantores diziam que elas estavam superadas.

Trabalha-se intensamente no vale do São Francisco

FORNECIMENTO DE ENERGIA elétrica farta e barata (para uso doméstico e industrial), irrigação de grandes áreas para a agricultura e desenvolvimento da produção — estes os principais objetivos visados pela Comissão do Vale do São Francisco em seu programa para 1957 e 1958.

ENERGIA: no setor da produção de energia o principal é a Barragem de Três Marias. Será a sexta represa do mundo, em volume d'água represado. Produzirá 520 mil kw. Além disso a CVSF constrói atualmente várias usinas hidrelétricas médias, principalmente no médio São Francisco, sendo as maiores, entre estas, as Pandeiros, em Minas (4.200 kw) e a de Correntina (8.000 kw). Entre as usinas de porte menor estão as de Samburá, Formosa, Jacobina e Campo Formoso (já concluídas) e as de Abaeté, Paraíso, Cana Brava e Senhor do Bonfim (em construção).

IRRIGAÇÃO: Um dos objetivos principais da Comissão é o aproveitamento intensivo do Vale do São Francisco para a agricultura, através da construção de grandes sistemas de irrigação. A primeira obra, já projetada, será a irrigação da margem direita do Rio Grande, nos municípios baianos de Barreiras, Angical e Cotequipe.

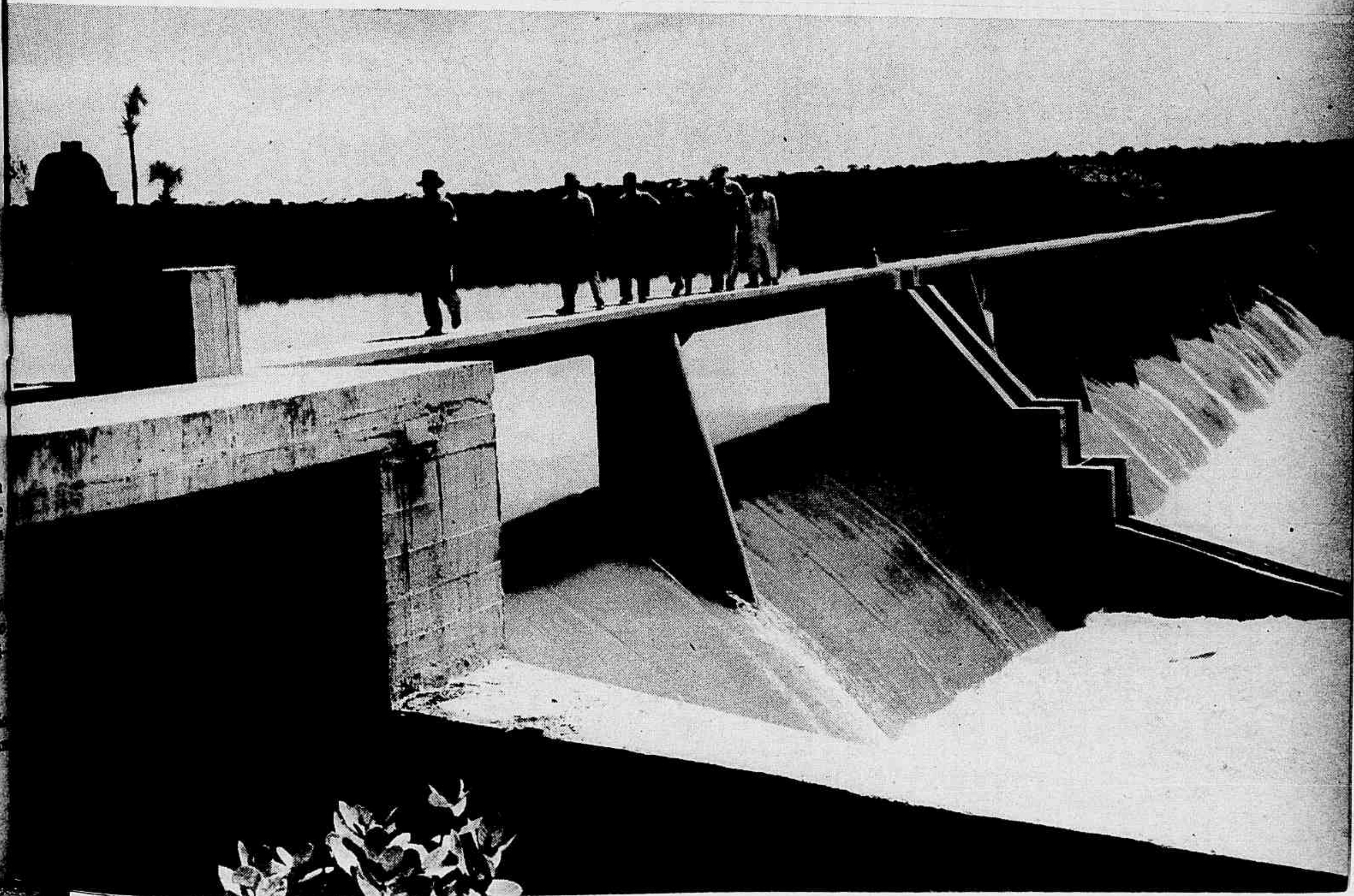
PRODUÇÃO: A Comissão vem realizando um programa de estímulo à produção em todo o Vale. Esse programa é realizado através de dez residências agrícolas, que contam com 169 tratores, 9 postos veterinários e 7 postos de assistência à irrigação, além das três colônias agrícolas de Paracatu, Santa Maria da Vitória e Petrolândia.

ENERGIA

IRRIGAÇÃO

PRODUÇÃO

Barragem de Pandeiros, em Minas Gerais.



PARA CHEGAR à Serra Negra rapidamente:

- a) toma-se um avião no aeroporto Santos Dumont;
- b) com duas horas de viagem chega-se ao porto de Paranaguá (Paraná);
- c) uma lanchar, seguindo a beira de Paranaguá, em hora e meia está na sede da COMPANHIA COLONIZADORA BRASILEIRA;
- d) daí, a cavalo, em poucos minutos chega-se à Serra.

Num platô da Serra Negra, entre 200 e 500 metros de altitude, coberto por exuberante vegetação está a Fazenda da Serra Negra, 25 mil hectares de terras ricas.

Aí está — quase totalmente desconhecida — a região que é, muito provavelmente, a mais rica do Estado (rico) do Paraná: a zona oriental do litoral.

Segundo depoimentos unânimes de técnicos do Instituto Brasileiro do Café, da Secretaria Estadual de Agricultura, do Instituto Agronômico de Campinas, de Agrônomo (e dos próprios técnicos do CCB), as condições daquelas terras são:

1. terras ricas em matérias essenciais ao cultivo, com índices de fertilidade fora do comum, mesmo no Paraná;

2. altitude ideal;

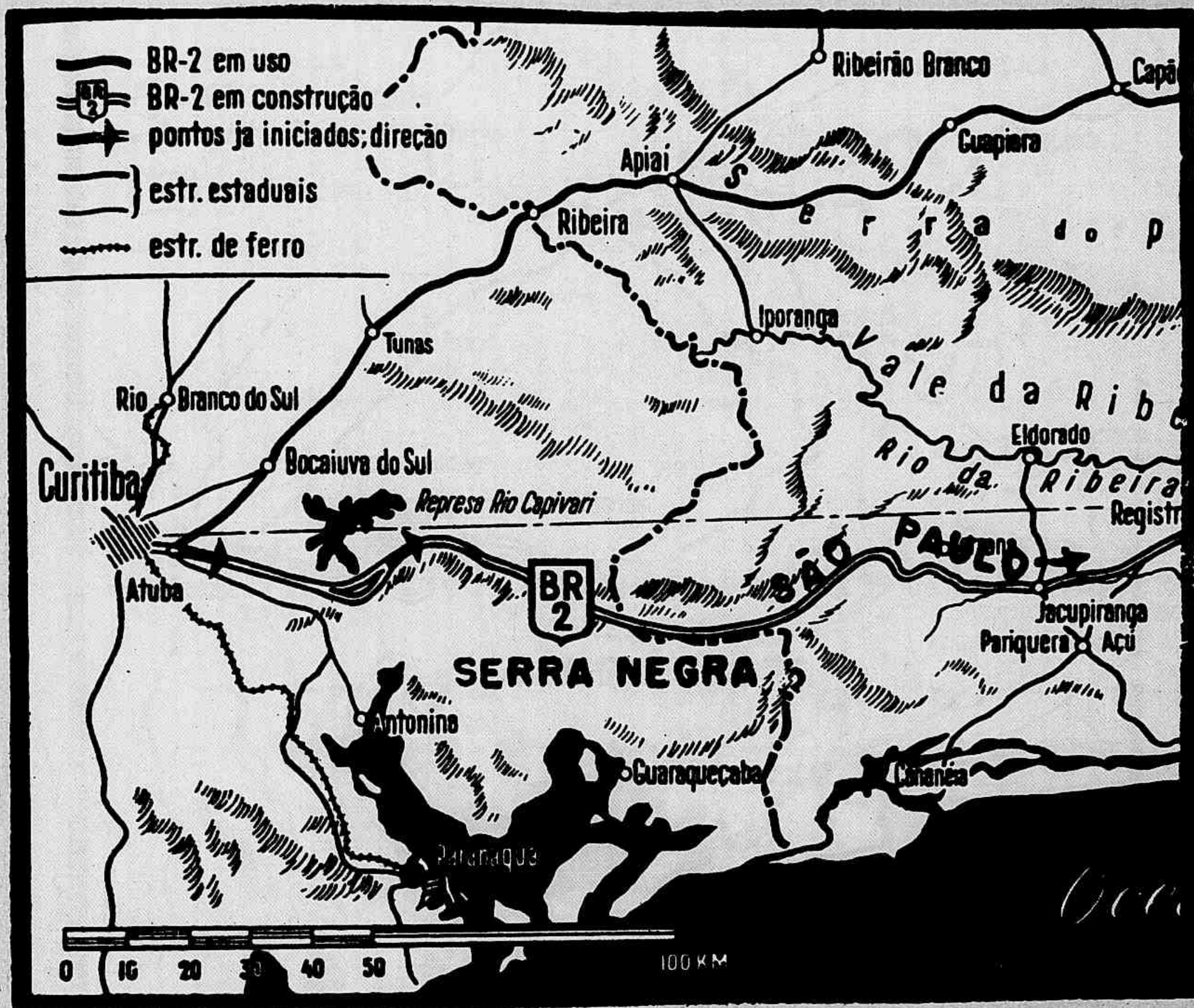
3. prodigiosas condições climáticas: precipitações abundantes e vários rios;

4. ausência total de geadas (que em 1953 e em 1955 tanto afetaram a cultura de café na Setentrional paranaense);

5. facilidade de transporte econômico, fluvial, marítimo e terrestre:

— fluvial e marítimo até os portos de Antonina (cabotagem) e Paranaguá (exportação oceânica);

— terrestre pela estrada BR 2, Curitiba-São Paulo, em construção, e que atravessará a Serra Negra.



AS PERSPECTIVAS (SEGUNDO OS TÉCNICOS)

SÃO DE IMEDIATA E ELEVADA VALORIZAÇÃO

A REDESCOBERTA DA SERRA NEGRA



Esta zona já está pronta para o cultivo.



Qualquer carro pode passar aí: há uma estrada.

Valendo-se de todos
esses elementos o sr. H.A.
Spitzman Jordan — orga-
nizador da CCB — está crian-
do na Serra Negra
uma plantação racional, um
novo cafézal modelar.
O café plantado é da varie-
dade "Caturna", já expe-
rimentado (com sucesso)
no litoral, apresentando
vantagens:

1. adapta-se ôtimamente às
condições ecológicas da zona;
2. é muito resistente;
3. é mais fácil para a colheita;
4. é precoce, manifestan-
do, já no quarto
ano, uma produção cerca
de 35 a 40 sacas de
café beneficiado, por mil pés;
5. é café fino, capaz de
concorrer em qualidade
com o da Colômbia.



Estes são os homens que derrubam o mato.



No acampamento os trabalhadores repousam.

No litoral do Paraná o novo Canaã

OS PLANOS da CCB prevêem ainda uma diversificação criteriosa de cultivos, de modo a abranger:

- a) a cultura de banana;
- b) a cultura de frutos cítricos;
- c) a exploração de palmitos (encontrados na região em quantidade impressionante);
- d) a industrialização de todos esses vegetais;
- e) independentemente de várias atividades econômicas colaterais, como, por exemplo, a suinocultura.

Reserva-se papel de grande destaque à organização bem planejada da colonização rural desse conjunto, que oferece também — em virtude dos preços relativamente muito baixos da terra — possibilidades imensamente atraentes para os colonos, nacionais e estrangeiros.

Trabalha-se muito na Fazenda da Serra Negra:

- 1. na derrubada (em poucos meses uns 250 alqueires da floresta virgem já foram derrubados);
- 2. na construção da estrada de 15 kms que ligará o centro da fazenda à zona central;
- 3. no plantio dos cafézais e
- 4. no preparo das terras, para que possam receber, imediatamente, os colonos.

Não está longe o dia em que a Companhia poderá oferecer à venda, a preços baixos, uma parte das suas terras já adaptadas ao cultivo. A Companhia poderá ainda se encarregar, por conta dos compradores, do cultivo.

No Paraná vai surgir uma nova e próspera zona, com perspectivas de imediata e elevada valorização, dizem os técnicos que visitaram a Serra Negra, "e que poderá relegar, um dia, a um lugar secundário o atual Eldorado do Paraná".



Os seis coquetéis básicos

Março, 7

Luís,

Dizem que os nobres romanos inspiravam-se nos seios de suas mais belas cortesãs para modelar suas taças de vinho. É aí que está a origem das modernas taças. Isto não está ainda provado, mas se chegar a ser é preciso investigar se as taças romanas eram maiores ou se as mulheres romanas eram menores.

Muito mais provável é que seus ancestrais tenham tomado hidromel nos crânios de seus inimigos, o que hoje não tem importância para você, que pretende ser um bom preparador de coquetéis.

Uma das razões que impedem a maioria dos homens de ser um bom "barman" é o fato dos indivíduos que se arvoram em "especialistas" enganarem a todos, fazendo acreditar que o assunto é misterioso e intrincado, requerendo dos não iniciados grande capacidade e muitos anos de estudo. Citam as taças romanas, o hidromel e quanta coisa há de difícil.

Muitos complicam ainda mais as coisas, criando jargões e fórmulas quase que de alquimia. Um amigo meu tinha a seguinte receita de "limonada": "molham-se dois limões em água tépida, com um pouco de sal; espremam-se depois os

Luís,

Diário

de um

Gastrônomo

limões sobre gelo picado; juntem-se duas partes de hidrogênio e uma de oxigênio; juntem-se depois (nunca antes) quatro cálices de boa aguardente que tenha passado dois anos (nunca mais nem menos) em recipiente de madeira; agite-se da direita para a esquerda; sirva-se depois de pôr na beira do copo um quarto de rodela (fina) de laranja lima".

Tolice. Ser um hábil "barman" depende um pouco de experiência, é claro. Mas não exige mais do que você possui. O que parece um complicado ritual e uma ocupação erudita é, na verdade, bastante simples. E duas partes de hidrogênio mais uma de oxigênio é pura água.

O importante, o indispensável, é ter as bebidas para misturar.

Deu hoje os seis coquetéis básicos:

Whisky Sour

Meia medida de suco de limão; uma medida de uísque, uma colher-de-chá de açúcar. Agite com gelo picado. Coe, enfeite com uma cereja e um pedaço de laranja espetado na borda do cálice.

Manhattan

Uma medida de uísque; meia de vermute (seco ou doce, francês ou italiano); pingar Angostura. Mexer, com gelo. Coar. Servir num cálice onde está uma cereja.

Bloody Mary

Uma medida de vodka; duas medidas de suco de tomate; um terço de suco de limão; uma de "Worcestershire"; uma de Tabaco. Agite, com gelo picado. Coe.

Old Fashioned

Um bocado de açúcar; três porções de Angostura; uma medida de uísque; uma de água. Misture açúcar com absinto e água, junte duas pedras de gelo. Misture mexendo levemente. Esprema limão por cima. Enfeite com cereja e um pedacinho de limão na borda do copo.

Screwdriver

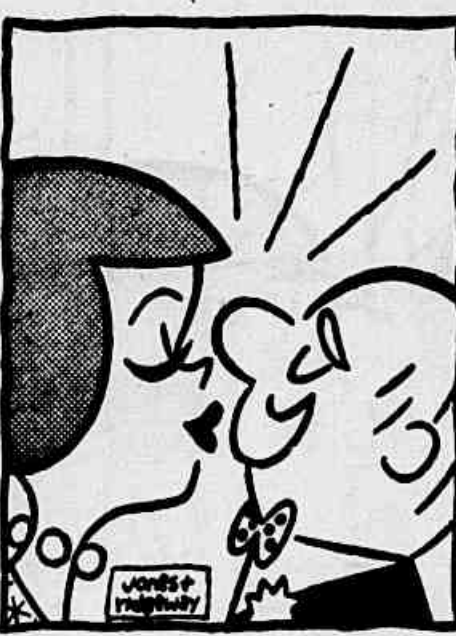
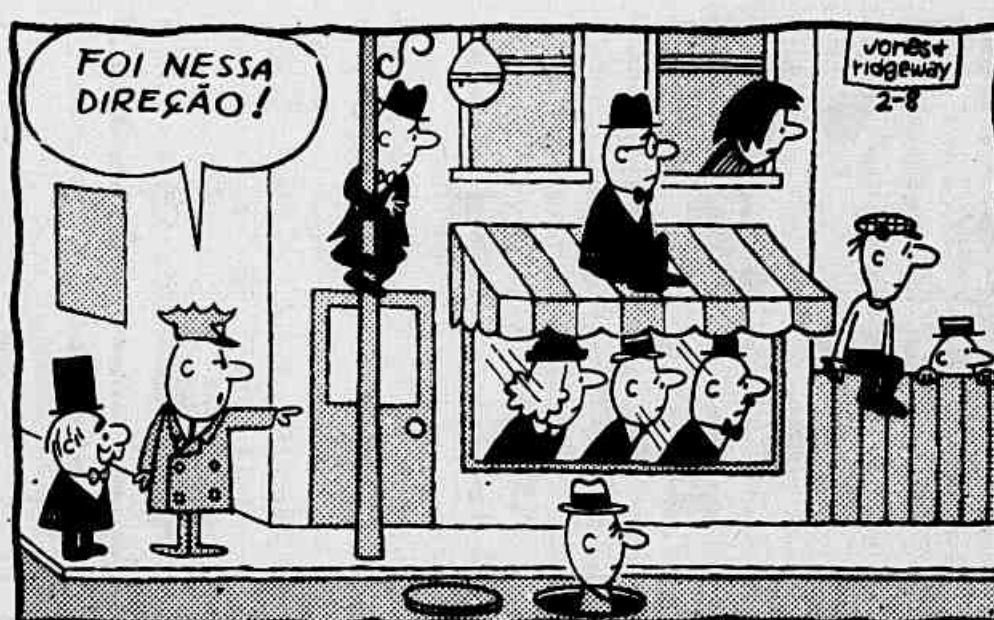
Três medidas de suco de laranja derramado sobre gelo colocado já no copo; uma medida de vodka. Misture de leve, mexendo um pouco.

Daiquiri

Uma e meia medida de rum leve; suco de meia lima; uma colher (de chá) de açúcar; misture com gelo picado até ficar bem gelado. Coe e sirva.

Boa-noite, Luís, e bom proveito.

MR. ABERNATHY



NORDESTE ABANDONADO

PERDOEM OS LEITORES. Multiplicam-se os assuntos a exigir a nossa atenção: a situação cambial, com o dólar virando personagem de "o céu é o limite", o ministro da Fazenda tentando explicar a alta como uma trama sinistra de especuladores, a imprensa identificando outros especuladores aos interesses políticos do ministro ou a interesses de grupos econômicos que o rodeiam; a situação do café, base de sustentação da economia nacional, em face da insensata política de compra, a preço artificial, para forçar preços num mercado que não depende de nós, e como se tivéssemos condições financeiras de empreender uma luta econômica com os Estados Unidos, enquanto perdemos mercados para os nossos concorrentes, com melhor produto e preço mais vantajoso, numa repetição daquele irreparável erro da política de tecidos de 1942; a situação política e parlamentar, com a vitória da Oposição nas eleições da Câmara, e tôdas as suas inumeráveis e inevitáveis consequências, num desdobramento que atingirá o equilíbrio dos partidos e, através dêles, o rendimento político e administrativo do govêrno; a inquietação que existe nos quartéis, nas oficinas, nos lares, nas indústrias, no comércio, nas ruas, nos campos, em toda parte onde chegam poderosos e ostensivos, os reflexos desses erros acumulados das elites dirigentes e do grupo que se apossou do Poder para o piquenique de suas ambições delirantes.

Perdoem os leitores, mas não posso tratar, hoje, destes problemas, por mais que os sinta e por mais que, à sua vista, me inquiete como brasileiro de uma geração lograda. Tenho olhos, coração, energias e toda a minha capacidade de sentir e de sofrer voltados para o Nordeste, de onde recolho os lúgubres clamores das populações assustadas, seres que se entreolham com o medo pânico das tragédias iminentes e irreparáveis.

Fogem as últimas esperanças de inverno em 1958. Chuvas caíram no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, mas chuvas isoladas, esparsas, infecundas. É preciso conhecer o mecanismo da estação invernal na região para compreender o prólogo do grande drama que ela vai viver: o inverno começa no Piauí, em dezembro, desce em janeiro para o Ceará, estendendo-se simultaneamente (ou pouco depois) pelo Rio Grande do Norte e pela Paraíba. Raramente, essa agenda foi alterada, sem a ocorrência da seca. Houve anos, sim, de início de inverno geral em março e abril mas muitos raros. Toda a secular experiência dos nordestinos identifica as chuvas minguadas e irregulares deste ano com a perspectiva inevitável do flagelo.

E em que situação a seca de 1958 encontrará o Nordeste? As culturas agrícolas afundadas numa crise sem precedentes, com o encarecimento da produção, a baixa dos

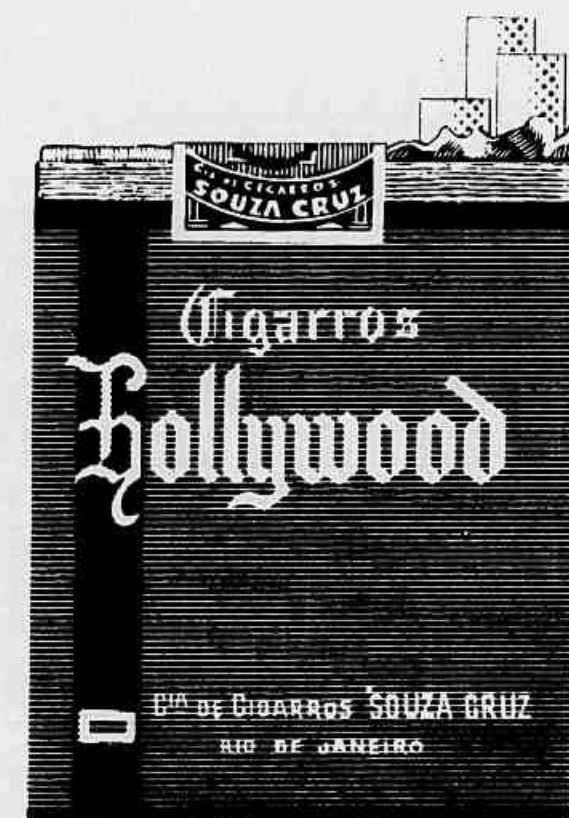
preços, a diminuição progressiva da produtividade das terras, pela erosão e pelo cansaço; a indústria nascente dos minérios asfixiada pela crise de preços, desinteresse dos mercados compradores, falta absoluta de assistência técnica por parte do govêrno e ausência de capitais de investimentos. A pecuária ainda vivendo os problemas da crise a que foi arrastada pelas especulações insensatas e desonestas dos financiamentos do Banco do Brasil, no Estado Novo, tentando salvar-se através de moratórias e reajustamentos concedidos pelo Congresso) e sabotados pelo Executivo e pela lerdeza inconcebível do Judiciário, enquanto negociastas e aproveitadores oficiosos mercadejam as impaciências e dificuldades financeiras dos supostos beneficiários da lei; a cultura de gêneros alimentícios reduzida a estoques semi-esgotados da pequena e sacrificada safra do ano passado. Ao lado desses fatores regionais, tôdas as circunstâncias, problemas, atropelos e aflições gerados na crise econômica geral do País, da qual o Nordeste participa sofrendo os ônus mais penosos, pelas suas próprias condições de subdesenvolvimento, de pobreza e de abandono.

Agora, outra seca. Aos que não viram de perto esse quadro, peço que imaginem o que de pior pode acontecer a uma população desprotegida e desesperançada e, mesmo assim não poderão compreender o drama de uma seca no Nordeste. As fazendas abandonadas, depois de esgotadas as últimas provisões, o gado transferido de pasto em pasto até o abandono, as estradas cheias de procissões famintas, pais abandonando filhos nas cidades cheias de pedintes, um espetáculo macabro de desagregação de um povo, de uma terra, de cada criatura humana.

Tudo o que nos alenta, nesta hora, é saber que a Nação não esquecerá a amargura do Nordeste. É a esperança de que a tradicional sensibilidade brasileira sofrerá as nossas aflições e desesperos. É a consciência de que não estamos pedindo esmola ou favor mas, humildemente embora, reivindicando, em serviços, assistência e compreensão, uma parcela de nossos pacientes sacrifícios de três séculos.

Como e quando agirá o govêrno, não sei, e temo a sua incompetência, a falta de preparo e a corrupção dos seus órgãos técnicos. Também não avalio quando a elite dirigente deste País sentirá em toda a sua extensão o significado econômico, social e político de uma seca, no Nordeste, agravando as condições de penúria e de insatisfação popular em que vivem os brasileiros. Posso, sim, medir a extensão da desgraça que se abate, nesta hora, sobre cada lar nordestino, com ela identificar-me para a luta que vai começar a fim de que o Brasil nos atenda com um pedaço de sua carne e de sua alma, mesmo que todos os sofrimentos acumulados nos tenham desfigurado a face, a voz, as últimas e teimosas esperanças.

Brisa cariciante...
sol tropical...
alegria de viver... e um maço
de Hollywood!



Uma
tradição
de bom
gôsto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ

